

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

SANDREMIR CLAUDIANO DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DO JOVEM CONTEMPORÂNEO NA OBRA *100 MIL
SEGUIDORES*, DE LUIS DILL**

CURITIBA

2024

SANDREMIR CLAUDIANO DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DO JOVEM CONTEMPORÂNEO NA OBRA *100 MIL SEGUIDORES*, DE LUIS DILL

The representation of contemporary young in the work *100 thousand followers*, by Luis Dill

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens – Área de Concentração: Linguagem e Tecnologia.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Alice Atsuko Matsuda.

CURITIBA

2024



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação
Universidade Tecnológica
Federal do Paraná
Campus Curitiba**



SANDREMIR CLAUDIANO DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DO JOVEM CONTEMPORÂNEO NA OBRA 100 MIL SEGUIDORES, DE
LUIS DILL**

Trabalho de pesquisa de mestrado
apresentado como requisito para obtenção
do título de Mestre Em Estudos De
Linguagens da Universidade Tecnológica
Federal do Paraná (UTFPR). Área de
concentração: Linguagem E Tecnologia.

Data de aprovação: 07 de agosto de 2024

Dra. Alice Atsuko Matsuda, Doutorado - Universidade Tecnológica
Federal do Paraná

Dra. Amanda Crispim Ferreira, Doutorado - Universidade Tecnológica
Federal do Paraná

Dra. Eliane Aparecida Galvao Ribeiro Ferreira, Doutorado - Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho (Unesp)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 08/08/2024.

Dedico este trabalho à minha família, por
acreditarem em minha capacidade.

A todos os amigos que acreditaram no meu
potencial e me prestaram solidariedade nos
momentos decisivos.

Aos meus professores da graduação de Letras da
UTFPR, turma 2016, por servirem de referência e
me mostrarem o caminho certo a seguir.

À coordenação do PPGEI e seu corpo docente por
me proporcionar a maravilhosa experiência do
mestrado.

À minha orientadora profa. Alice Atsuko Matsuda
pelas orientações, ensinamentos e confiança em
minha pesquisa.

A Deus, por ter me permitido realizar todos os meus
objetivos.

AGRADECIMENTOS

Chegar até o mestrado era de início algo distante na minha iniciante vida de acadêmico. Durante a graduação, novas descobertas foram surgindo e, entre elas, a conscientização da importância do ser pesquisador e o peso das pesquisas para o avanço do mundo acadêmico. Diante dessa referência surgiu o anseio de fazer parte desse universo, de seguir o caminho da pesquisa e iniciar um legado para o futuro. Deixo a seguir meus mais sinceros agradecimentos a algumas pessoas que fizeram parte da minha trajetória e formação.

Professora Doutora Alice Atsuko Matsuda, que gentilmente aceitou meu convite para ser minha orientadora. Deixo registrado todo meu respeito, gratidão e desculpas pelo ritmo descompassado em muitos dos momentos.

Dedico minhas conquistas nos estudos à minha família, minha referência e meu ponto de partida. Aos meus saudosos pais, Maria França da Silva e João Claudiano da Silva, a quem sempre honrarei até o final da minha trajetória nesse mundo. Aos meus irmãos amados, Maria de Fátima, Luiz Carlos, Claudete, Janete, Paulo Cesar e Joel. Estendo também aos sobrinhos amados e aos meus irmãos que se foram cedo demais e fazem muita falta em todos os momentos, Claudio e Ilton.

Aos meus caríssimos professores da graduação e de pós-graduação e colegas de turma, do DALIC e do PPGEL, minha eterna gratidão. Vocês fizeram a diferença e marcaram minha história como universitário e pesquisador.

Estendo meus agradecimentos aos meus amigos, que estiveram por perto torcendo e incentivando meu progresso, manifesto meu carinho à Andréia, a Déia, por caminhar sempre ao meu lado, secando minhas lágrimas ou sorrindo meus risos. À Janete, que tanto me deu forças durante as batalhas da graduação e ressurgiu para a minha vida para comemorar junto mais essa conquista. Ao Jason, por me entender, acreditar em mim, caminhar a meu lado e não soltar das minhas mãos um só segundo. Vocês fazem a diferença em minha vida nesse momento tão especial.

Deixo registrado minha gratidão e carinho a um amigo em especial, que sempre foi minha inspiração para investir na carreira de professor, me encorajando e mostrando sem filtros as dificuldades e mazelas de nossa nobre profissão. Um amigo que foi embora no meio do caminho, deixando seu grande legado de dedicação e

amor ao magistério. Com certeza estaria feliz e orgulhoso, comemorando junto comigo esse momento. Beijo grande aos céus a meu amado amigo professor Elder Elizio.

Certamente, estes parágrafos não atenderão todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase da minha vida. Sendo assim, peço desculpas àquelas que não estão presentes nas dedicatórias. Podem estar certas de que fazem parte do meu pensamento e de minha gratidão.

Só os fortes sobrevivem! Que a literatura me mostre o caminho.

*“A literatura desenvolve em nós a
cota de humanidade na medida em que
nos torna mais compreensivos e abertos
para a natureza, a sociedade e o
semelhante.”*

(Antonio Candido, 1989)

RESUMO

A literatura juvenil é conceituada como conjunto de textos literários que são escritos especialmente para os leitores adolescentes, levando em consideração suas necessidades, interesses e características próprias, abordando temas relevantes para aos jovens, como identidade, sexualidade, família, amizade, escola, entre outros. É uma forma de arte que pode emocionar e sensibilizar os leitores, levando-os a refletir sobre suas próprias vidas e sobre o mundo que os cerca. Nessa perspectiva, o escritor Luis Dill apresenta no enredo de suas obras, temáticas que retratam todas as problemáticas enfrentadas por essa geração. Desta forma, a presente pesquisa visa investigar na obra *100 mil seguidores* (2019), *corpus* da pesquisa, as ocorrências de violência social e as tentativas de emulação do digital na obra impressa para verificar como o autor empregou esses recursos literários e se auxiliam na criação de uma obra estética. Para alcançar o objetivo proposto, na análise da obra, verifica-se o comportamento do jovem contemporâneo, por meio das três personagens femininas, refletindo suas angústias, enfrentamentos, isolamento social e discutindo temas tabus como a automutilação e o suicídio. Além disso, analisa-se a linguagem empregada na obra, como a narrativa está estruturada e os aspectos gráficos e imagens presentes. A pesquisa é de perspectiva exploratória e bibliográfica, com análise qualitativa de cunho interpretativo, a fim de compreender os processos de produção da obra e as conexões que se constituem no processo da elaboração. A análise inicia-se por meio de estudos do Estado da Arte, após levantamento da fortuna crítica de Luis Dill. Os estudos sobre Literatura Juvenil terão como base as pesquisas realizadas por Regina Zilberman (2008), Lajolo e Zilberman (1984), João Luis Ceccantini (2000), Peter Hunt (2010), entre outros. Sobre violência urbana e conflitos sociais terão como base os estudos dos pesquisadores como Eder Rodrigues Pereira (2000), Karl Eric Schollhammer (2007-2009), Regina Dalcastagnè (2003) e Lucrécia D'Alessio Ferrara (1990), entre outros. A análise das personagens é ancorada nos estudos de Antonio Candido (2011) com base teóricas em seus estudos da Personagem do Romance. Para discutir as relações sociais na contemporaneidade, as contribuições ficam a cargo dos conceitos do sociólogo Zygmunt Bauman (2001;2004;2008). Ao promover reflexões sobre a literatura juvenil, focando nas dramatizações das violências sociais e urbanas na ficção como reflexo da realidade, destaca-se a utilização de recursos artísticos e gráficos na composição dos livros por Dill, adaptando-se às exigências do mercado editorial.

Palavras-chave: Literatura Juvenil. Elementos do Digital. Violência Urbana. Conflitos sociais.

ABSTRACT

Youth literature is conceptualized as a set of literary texts that are written especially for teenage readers, taking into account their needs, interests and characteristics, addressing topics relevant to teenagers, such as identity, sexuality, family, friendship, school, among others. It is an art form that can move and sensitize readers, leading them to reflect on their own lives and the world around them. From this perspective, the writer Luis Dill presents themes in the plot of his works that portray all the problems faced by this generation. In this way, the present research aims to investigate in the work 100 thousand followers (2019), the research corpus, the occurrences of social and urban violence in fiction and the attempts to emulate the digital in the printed work to verify whether these literary resources help in the formation of aesthetic reader. Furthermore, the analysis of the work deals with the behavior of contemporary young people, reflecting their anxieties, confrontations, social isolation and discussing taboo topics such as self-mutilation and suicide. The research has an exploratory and bibliographical perspective, with qualitative analysis of an interpretative nature, in order to understand the production processes of the work and the connections that are constituted in the elaboration process. The analysis begins through State of the Art studies, after surveying Luis Dill's critical fortune. Studies on Youth Literature will be based on research carried out by Regina Zilberman (2008), Lajolo and Zilberman (1984), João Luis Ceccantini (2000), Peter Hunt (2010), among others. About urban violence and social conflicts will be based on studies by researchers Eder Rodrigues Pereira (2000), Karl Eric Schollhammer (2007-2009), Regina Dalcastagnè (2003) and Lucrécia D' Alessio Ferrara (1990), among others. The analysis of the characters is anchored in the studies of Antonio Candido (2011) with theoretical bases in his studies of the Character of the Novel. To discuss social relations in contemporary times, the contributions are made by the concepts of sociologist Zygmunt Bauman (2001;2004;2008). When promoting reflections on youth literature, focusing on the dramatizations of social and urban violence in fiction as a reflection of reality, the use of artistic and graphic resources in the composition of the books by Dill stands out, adapting to the demands of the publishing market.

Keywords: Youth Literature. Digital elements. Urban violence. Social conflicts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - PARTE DO LIVRO AS AVENTURAS EM NETOLAND COM LUCAS NETO.....	88
FIGURA 2 - DIVULGAÇÃO DE AS AVENTURAS NA NETOLAND COM LUCAS NETO	89
FIGURA 3 - DIVULGAÇÃO DO LIVRO DE LUCAS NETO	89
FIGURA 4 - ÍCONES DAS REDES SOCIAIS	131
FIGURA 5 - POEMA DE ANA.....	132
FIGURA 6 - FALSA FOLHA DE ROSTO E ANTERIOR DA QUARTA CAPA.....	133
FIGURA 7 - CAPA DO LIVRO 100 MIL SEGUIDORES (2019).....	136

Sumário

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONTEXTO DA LITERATURA JUVENIL	18
2.1 LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA.....	29
2.2 LUIS DILL NO CONTEXTO DA LITERATURA JUVENIL	32
2.2.1 Estética textual e visual com influência da emulação do digital.....	46
3 A DRAMATIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA E OS CONFLITOS SOCIAIS NA LITERATURA	48
4 O JOVEM CONTEMPORÂNEO EM 100 MIL SEGUIDORES	53
4.1 RELAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS DA NARRATIVA	54
4.2 O ENREDO DE 100 MIL SEGUIDORES	58
4.3 AS PERSONAGENS DE 100 MIL SEGUIDORES	69
4.3.1 A personagem Carol	72
4.3.2 As personagens Ana e Ticiane	92
4.3.3 Personagens secundários em 100 mil seguidores	105
4.4 AS IDEIAS EM 100 MIL SEGUIDORES.....	111
4.5 A ESTÉTICA EM 100 MIL SEGUIDORES	122
4.5.1 A linguagem empregada na obra e a Diagramatização	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS.....	141

1 INTRODUÇÃO

A literatura juvenil, em sua função humanizadora, promove a reflexão dos problemas vivenciados pela sociedade contemporânea, contribuindo para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da reflexão crítica e do senso de justiça dos jovens. Pode ajudá-los a compreender o mundo ao seu redor, a se identificar com personagens que enfrentam desafios semelhantes aos seus, inserindo-os nesse cenário conflituoso e problemático, trazendo à luz, por meio da ficção, discussões voltadas ao público juvenil, no que há de mais real e presente nas suas relações interativas, sociais e familiares. Além de que, pode ajudar esses jovens leitores a desenvolverem o seu senso de empatia e solidariedade, ao mostrar como as ações de uma pessoa podem afetar outras pessoas.

João Luís Cardoso Tápias Ceccantini (2000) classifica a literatura juvenil, por meio de elementos estruturais das narrativas, que se relacionam ao caráter dos personagens e às temáticas, materializando na narrativa ficcional situações em que se contrasta a verossimilhança dos comportamentos dos jovens adolescentes na sua vivência em sociedade, seus costumes, diversidades de culturas, suas realidades de mundo e, em geral, elementos que fazem parte de sua vida cotidiana. Enfim, Literatura Juvenil pode ser definida como um conjunto de textos escritos especificamente para leitores adolescentes, considerando suas características, seus interesses e suas necessidades, explorando diferentes gêneros literários, com o objetivo de formar leitores autônomos e críticos.

Ainda, na concepção de Ceccantini (2010), há tempos o ensino público exige e necessita de novas metodologias educacionais para suprir a dificuldade na formação de jovens leitores literários. Segundo ele, o *déficit* de leitura se deve ao passado de resistência à literatura canônica adulta, que circulava no meio escolar, fazendo com que o mercado editorial, de alguma forma, se obrigasse a elaborar uma literatura que atendesse os anseios e as expectativas desse público em questão, formados pelos jovens adolescentes, assim como para auxiliar novos professores que passariam a atuar nas escolas. Nesse período de demanda por literaturas diferenciadas, o mercado editorial deu um grande salto, evidenciando a literatura infantil e a juvenil, impulsionando sua aquisição pelos setores governamentais para inclusão no universo escolar.

Além disso, para o teórico, as temáticas abordadas pela literatura e identidade atribuída à construção dos jovens personagens possibilitam ao jovem leitor a representação de acontecimentos e de culturas diferentes da sua, inserindo-o em intensas transformações sociais e condições paralelas às vivenciadas por ele, tanto em sociedade, quanto em sua vida familiar.

Nessa perspectiva, o escritor Luis Dill apresenta, no enredo de suas obras, temáticas que retratam as problemáticas enfrentadas por essa geração. Portanto, uma questão a ser discutida na pesquisa é verificar na obra *100 mil seguidores* (2019), a verossimilhança com elementos e acontecimentos do universo juvenil, ao tratar da questão social que envolve os jovens, trazendo para discussão a violência social, que permeia a vida deles, as tendências da contemporaneidade, como a necessidade constante de reconhecimento, fama e destaque no universo da internet. Além de que, se o uso da linguagem do digital auxilia na produção de uma obra estética.

Segundo levantamento de sua fortuna crítica, as temáticas das obras de Luís Dill mimetizam o contexto da pós-modernidade, retratando o jovem contemporâneo, na sua vivência em sociedade e no ambiente familiar, levantando questionamento a respeito de suas atitudes e comportamento, pois trazem à luz discussões que fazem parte do universo juvenil, de sua cultura e seus costumes, fazendo com que os acontecimentos experienciados se aproximem de sua situação por intermédio da ficção. Supõe-se, portanto, que a discussão e reflexão dos temas levantados na obra de Luis Dill e os recursos empregados para tratar dos temas em questão podem auxiliar na formação do leitor estético, aquele que valoriza a experiência estética proporcionada pela leitura, desfrutando do prazer estético e da contemplação artística, conforme concepção de Hans Robert Jauss (1994), nos escritos de 1969 em seus estudos e discussões acerca da estética da recepção, e de Colomer (2003), em seus estudos também sobre a recepção da leitura a compreensão da obra literária .

Diante dessas reflexões, constata-se que Luis Dill é um autor que está sempre atualizado com os atuais acontecimentos do universo juvenil, em conexão direta com a tendência e o que há de novo no mercado editorial, acompanhando os progressos tecnológicos e inovadores; investe na qualidade e desenvolvimento artístico e estético de suas produções, com o olhar especialmente voltado à formação de leitores. Além disto, percebe-se que é um escritor que consegue manter uma boa relação com o mercado editorial por estar sempre aberto a novos desafios. Todas essas

observações de atribuições ao escritor contribuíram para o desenvolvimento de grande parte das análises como complemento e motivação para o levantamento de questionamentos e encaminhamento de reflexões de suas obras enquanto literatura juvenil.

Dessa forma, como objetivo geral, a pesquisa propõe investigar na obra *100 mil seguidores* as ocorrências de violência social, analisar a forma em que a atual cultura midiática domina a vida de uma camada específica de jovem adolescente na nova tendência do mundo da internet, inspirados pelas conhecidas celebridades instantâneas, os *digitais influencers*, que cobijam o processo rápido da fama, dinheiro e poder, despertando nos jovens essa necessidade constante da busca pelo reconhecimento, fama e destaque no universo da internet. Examina também as tentativas de emulação do digital na obra impressa para investigar se esses recursos literários auxiliam na criação de uma obra estética, a fim de verificar como o autor empregou esses recursos literários. Para alcançar o objetivo proposto, na análise da obra, examina-se o comportamento do jovem contemporâneo, por meio das três personagens femininas (Carolina, Ana e Ticiane), refletindo suas angústias, seus enfrentamentos, seu isolamento social e discutindo temas tabus como a automutilação e o suicídio. Além disso, analisa-se a linguagem empregada na obra, como a narrativa está estruturada e os aspectos gráficos e imagens presentes.

Como objetivos específicos, pretende-se:

- Compreender, por meio da análise da obra, a dramatização de acontecimentos de uma pequena parte da sociedade retratada na ficção, descrevendo as ocorrências de violência urbana e os conflitos sociais que envolvem os jovens.
- Analisar como ocorre a necessidade constante de uma camada de adolescentes usuários da internet de se manterem em destaque nas redes sociais e ambientes digitais de interação.
- Contrastar como a violência está representada nas três principais personagens da obra e a forma, por meio da qual o autor apresenta temas difíceis de serem abordados.
- Examinar as tentativas de emulação do digital no impresso e o sentido que o emprego dessa linguagem produz no texto literário.

Justifica-se a pesquisa, pois, no decorrer do desenvolvimento do trabalho, ao realizar a análise literária da obra em questão, foi constatado que, por se tratar de

uma obra recente, há poucos estudos acerca de sua estrutura narrativa e enredo, oportunizando uma análise que corrobore com futuras pesquisas relacionadas à produção de Luis Dill. Além do mais, no trabalho de Revisão da Literatura, foi constatado que o livro foi indicado entre os dez melhores do Prêmio Jabuti de 2020 e teve ainda a indicação de melhor capa. Também foram encontrados apenas Trabalhos de Conclusão de Curso, sem um aprofundamento teórico em nível de Mestrado ou Doutorado, mas que de certa forma contribuíram em parte para as reflexões durante o trabalho de análise. Pode-se afirmar que a falta desse material seja pelo fato de que não alcançou ainda um espaço de crítica como a obra *Todos contra Dante* (2008), intitulada *Best-seller* do autor, que por sua temática do *bullying* e disposição gráfica diferenciada, alcançou sucesso de vendas e de edições, além de uma gama relevante de trabalhos acadêmicos, pesquisas e objeto de metodologias de ensino de leitura em sala de aula e formação do leitor crítico.

Lais Marotto da Cruz (2023), por exemplo, em seu TCC, visa criticar e analisar o retrato social, problematizando o meio digital num processo reflexivo sobre o uso despreparado do universo da internet e a exposição às telas. A proposta da autora é a reflexão acerca, tanto da dependência do digital, do uso de telas, quanto da necessidade da exposição, do ser visto e estar em destaque nas redes, contextualizando com o enredo da obra de Luis Dill na tentativa de realizar um parâmetro entre a realidade e a narrativa criada pelo literato.

Em uma outra monografia, Gabriela Rocha Vital (2023) reflete acerca do impacto das mídias digitais na vida do adolescente, a dependência digital na adolescência, afetando seu comportamento, sua vida social e familiar, em uma mistura de real e virtual, acarretando diversos danos como problemas sócios interacionais, cognitivos e afetivos, de exposição e vício cibernético. A reflexão se entende ainda para os assuntos delicados presentes na narrativa de Dill, como o suicídio, o *bullying* e a violência, automutilação e suicídio.

Dessa forma, almeja-se trazer para o debate a discussão da importância de obras bem construídas para este público na formação de leitor estético, contribuindo para os estudos acadêmicos da Literatura Juvenil.

100 mil seguidores (2019) é uma obra literária que fala diretamente ao jovem por meio de seu enredo e de sua temática caracterizada de difícil abordagem, pois envolve tipos de violências que transpassam a aceitação de pais e da sociedade. Um

desses temas delicados e de certa forma de difícil discussão, envolve a automutilação e a sua triste consequência que é o suicídio. Algo presente na vida de alguns jovens na fase da adolescência, que mesmo em grupos específicos, é uma prática que acontece constantemente, mas que ainda assim é um assunto tabu, que o país evita comentar.

Sendo assim, a análise de *100 mil seguidores* apresenta discussões e reflexões acerca da maneira por meio da qual o escritor Luis Dill encontrou para falar dessas questões tabus, temas delicados e sensíveis, que muitas vezes sofrem até mesmo tentativa de censura literária. O autor realiza esse intermédio em conversa direta com o leitor jovem por meio de sua obra, tecendo uma narrativa simples, direta e objetiva, descrevendo a realidade de uma parte do universo juvenil que permeia a vida do jovem contemporâneo, sendo ele um literato que está sempre em conexão com as novidades e tendências do universo dos adolescentes e das mudanças da sociedade.

A pesquisa é de perspectiva exploratória e bibliográfica, com análise qualitativa de cunho interpretativo, com o intuito de compreender os processos de produção da obra juvenil e as conexões que se constituem no processo da elaboração, tendo como *corpus* a obra *100 mil seguidores* (2019), de Luis Dill. Para o seu desenvolvimento, inicia-se por meio de estudos do Estado da Arte, após levantamento da fortuna crítica do escritor.

Nos estudos apresentados por meio do Estado da Arte, constata-se que as obras do escritor, em geral, tratam de questões que levam o jovem leitor a questionar seus comportamentos, suas vivências e experiências em sociedade, além de discutir acerca das demais formas de violência vivenciada pelo jovem, seja no universo escolar, familiar ou em sociedade. Na composição da fortuna crítica, por ora, como mencionado acima, há poucos trabalhos de estudos desenvolvidos desde o lançamento da obra, provavelmente devido ao pouco tempo de sua existência como obra literária, haja vista que, assim como outras obras polêmicas e de destaque do autor, *100 mil seguidores* também aborda temas delicados e tão presente quanto no cotidiano dos adolescentes.

Para alcançar o objetivo proposto, a dissertação segue a seguinte estrutura: No primeiro capítulo, para conceituar a literatura juvenil e contextualizar o escritor Luis

Dill, estudos sobre o assunto tem como base Regina Zilberman (2008), João Luis Ceccantini (2000) e Peter Hunt (2010), Jauss (1994) entre outros.

Sobre a dramatização da violência e os conflitos sociais na literatura, o segundo capítulo analisa o tema, usando como base estudos de Eder Rodrigues Pereira (2000), Karl Eric Schollhammer (2007-2009), Regina Dalcastagnè (2003), Lucrécia D'Alessio Ferrara (1990), Beatriz Resende (2008), entre outros.

O terceiro capítulo apresenta três bases fundamentais para a construção de uma narrativa eficaz e verossímil (enredo, personagens e ideias), que garantem que todos os elementos da história estejam harmoniosamente interligados, proporcionando ao leitor uma experiência de leitura coesa e envolvente. Antonio Candido (2011) destaca que, ao equilibrar essas três bases, o autor consegue criar uma obra literária que ressoa com o leitor, oferecendo uma ilusão de realidade que enriquece a experiência ficcional. Primeiramente, analisa a trajetória das três personagens principais, contextualizando o enredo ficcional criado pelo escritor, contrastado com especificidades de uma faixa parcial da sociedade, em acontecimentos e fatos que dialogam com a vida contemporânea e a autenticidade do jovem adolescente. A análise é ancorada na obra *A personagem de ficção*, de Antonio Candido (2011) e sobre a visão da vida em sociedade a partir do sociólogo Zigmunt Bauman (2001; 2004; 2008). Em seguida, analisa a estrutura narrativa da obra, verificando a linguagem, a estrutura dos capítulos e o projeto gráfico.

Em suma, espera-se, neste trabalho, refletir acerca do conceito da literatura juvenil, das contextualizações de dramatizações de violências sociais, ilustradas por meio dos recursos artísticos e gráficos na composição do livro, de acordo com as exigências do mercado editorial. Além disso, discutir as ideias veiculadas na obra como a necessidade de uma parte dos jovens adolescentes contemporâneos, especificamente da geração midiática, se manterem constantemente em destaque e com suas imagens expostas nas redes sociais e ambientes virtuais, uma ânsia narcisista que leva em consideração as ilusórias referências dos populares “*digitais influencers*”, a fim de verificar como o autor empregou esses recursos literários e se auxiliam na criação de uma obra estética.

2 CONTEXTO DA LITERATURA JUVENIL

Diante da sua função de denúncia social e da promoção da reflexão no jovem leitor sobre sua representatividade em sociedade, retratando na ficção as mazelas em que eles são inseridos, corroborando para conscientização dos seus comportamentos e ações, a literatura juvenil adota a importância na formação do jovem leitor. Quando engajada ou em caráter de denúncia social exerce sua função de promover a reflexão e auxiliar no processo de transformação social, conforme as concepções de Jauss (1994).

Nessa perspectiva de inserção do adolescente em temáticas de problematização de conflitos, a literatura, segundo Antonio Candido (1995), é uma ferramenta de conscientização e reflexão acerca dos problemas vivenciados pela sociedade:

Em nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 1995, p. 175)

Na mesma linha do excerto supracitado, Ceccantini (2000) defende em sua tese que a literatura juvenil contemporânea está conceituada na reflexão dos problemas sociais representada através da ficção. Por meio de pesquisas realizadas das obras brasileiras premiadas durante décadas, Ceccantini classificou a literatura juvenil em um modelo dividido em 26 campos, elaborada em categorias dispostas em uma grade, no qual o pesquisador comenta sobre as especificidades de cada obra analisada, conforme pode ser acompanhada em sua grade-modelo. (2000, p. 79; 80; 81).

Ceccantini (2010) apresenta análise comparativa entre as literaturas contemporâneas brasileiras e galegas, abordando a representação dos jovens na

cultura moderna da sociedade urbana, visando abordar ainda a vivência desses jovens no âmbito familiar. Para dar consistência à sua análise, o autor apresenta uma definição do que é a fase da adolescência e o posicionamento da literatura diante dessa fase transitória, entre a infância e a vida adulta, conforme trecho abaixo:

Quanto à literatura juvenil e à especificidade do gênero, é ainda bastante provisória a busca de sentidos para essa produção literária peculiar, em princípio voltada à faixa de leitores que, a partir do século XX constitui esse terreno vago, impreciso e mítico que vem sendo denominado 'adolescência', na medida em que ainda não possuímos um objeto claramente delimitado e uma metodologia plenamente estabelecida para sua abordagem.[...] As obras são postas à prova quanto a sua autonomia estética e quanto a sua capacidade humanizadora.[...] Trata-se de uma concepção da adolescência/ literatura juvenil como espécie de zona de fronteira, espaço intermediário e transitório no qual frequentemente afloram vetores de sentido oposto.(CECCANTINI, 2010, p. 82)

Partindo dos pressupostos teóricos do autor, chega-se ao entendimento de que a literatura juvenil é classificada por meio de elementos estruturais das narrativas, em relação ao caráter das personagens e temáticas, materializando na narrativa ficcional situações em que se contrasta a verossimilhança dos comportamentos dos jovens adolescentes na sua vivência em sociedade, seus costumes, diversidades de culturas, suas realidades de mundo e em geral nos elementos que fazem parte de sua vida cotidiana. Enfim, para o teórico, Literatura Juvenil é um conjunto de textos escritos especificamente para leitores adolescentes, considerando suas características, interesses e necessidades, explorando diferentes gêneros literários, com o objetivo de formar leitores autônomos e críticos.

Ainda, na concepção de Ceccantini (2010, p. 81), há tempos o ensino público exige e necessita de novas metodologias educacionais para suprir a dificuldade na formação de jovens leitores literários. Segundo ele, o déficit de leitura se deve ao passado de resistência à literatura canônica adulta, que circulava no meio escolar, fazendo com que o mercado editorial, de alguma forma, se obrigasse a elaborar uma literatura que atendesse os anseios e expectativas desse público em questão, formados pelos jovens adolescentes, assim como para auxiliar novos professores que passaram a atuar nas escolas. Além de que, foi neste período que o mercado editorial

deu um grande salto, evidenciando a literatura infantil e a juvenil, impulsionando sua aquisição pelos setores governamentais para inclusão no universo escolar.

Para o pesquisador, as temáticas abordadas pela literatura e identidade atribuída à construção dos jovens personagens, possibilitam ao jovem leitor, a representação de acontecimentos e de culturas diferentes da sua, inserindo-o em intensas transformações sociais e realidades paralelas às vivenciadas por ele, tanto em sociedade, quanto em sua vida familiar.

Colomer (2003, p. 198-199) discorre acerca dos temas atuais da narrativa juvenil, remetendo-os aos conflitos psicológicos de personagens, assim como os de complexidade moral, presentes também nas diversas formas de violência, sexualidade e adversidades, além de temas sociais, conflituais e problemáticos da sociedade. A autora atribui as temáticas ao cenário narrativo, dividido entre ambiente familiar e vida em sociedade, no contexto das relações pessoais, onde acontecem, são produzidos e mimetizados os fatos.

Sobre a função da literatura e a mimetização da realidade na obra ficcional, Antonio Candido (1999), em *A literatura e a formação do homem*, define que a ficção tem sempre algo oculto ou explícito da realidade, conforme o trecho:

A fantasia quase nunca é *pura*. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura. (CANDIDO, 1999, p. 83)

A definição de literatura juvenil é diferenciada da literatura infantil pelo ponto de vista de Peter Hunt (2010) que, em seus estudos críticos e teóricos, preocupa-se com o sentido que a criança produz ao ler o livro destinado a ela, em pontos específicos como leitor e no exercício da leitura. Seus estudos discutem a importância do projeto gráfico do livro, a linguagem e a arte em geral. O propósito de Hunt, na definição de literatura infantil, considera levantar questionamentos acerca das análises sobre a recepção e concepção da criança com o livro infantil, sua produção de sentidos, que é colocada diversas vezes como uma comparação ao do adulto. Hunt busca responder, principalmente, o tipo de significado que é produzido por uma criança sobre um livro.

Sobre essa relação de sentido atribuída ao leitor criança com o livro, o teórico define que:

As crianças são leitores em desenvolvimento; sua abordagem da vida e do texto brota de um conjunto de padrões culturais diferentes dos padrões dos leitores adultos, um conjunto que pode estar em oposição à oralidade, ou talvez baseado nela. Então, as crianças realmente 'possuem' os textos no sentido de que os significados que produzem são seus e privados, talvez até mais do que os adultos. (HUNT, 2010, p. 135).

Hunt (2010, p. 90) afirma que “a literatura é o que escolhemos fazer dela. A literatura infantil é um conceito inevitável, sem parentesco com outros tipos de literatura, embora pode sobrepor-se a eles”.

Tereza Colomer (2017) explana acerca da função socializadora da literatura infantil e juvenil das novas gerações como propósito de educar socialmente, conforme explana no trecho:

A literatura infantil e juvenil exerceu sempre uma função socializadora das novas gerações. Foi precisamente o propósito de educar socialmente que marcou o nascimento dos livros dirigidos à infância. Os livros infantis foram perdendo a carga didática ao longo dos tempos em favor de sua vertente literária. Mas não há dúvida de que ampliam o diálogo entre as crianças e a coletividade fazendo-lhes saber como é ou como deseja que fosse o mundo real. Por isso se fala da literatura infantil e juvenil como se fosse uma atividade educativa como também o são, principalmente a família e a escola. Neste sentido, não há melhor documento que a literatura infantil. (COLOMER, 2017, p. 62)

Colomer (2003) discorre sobre a recepção da leitura, em que define que o leitor literário desenvolve uma maior compreensão da obra literária, por meio da “complexidade de sua experiência de vida e da sua experiência literária” (2003, p. 133), desenvolvendo uma comparação entre a história da ficção e a reais vividas por ele, trazendo para dentro do texto toda sua experiência de vida e outras leituras.

Nesse exercício de assimilação da comunicação entre o literário e o real, a autora destaca a importância da participação do professor, na tarefa de articular o questionamento e enriquecimento das respostas, estimulando e levando o aluno à

uma compreensão estética e à reflexão acerca da representação da realidade. Além de tudo, a autora define (2003, p. 133) que o leitor, ao se deparar com as representações da realidade na ficção, estabelece uma analogia entre ambas, desenvolvendo sua própria interpretação, significado e sentido da informação que o texto lhe apresenta.

A autora discorre ainda sobre o leitor contemporâneo da literatura juvenil, definido como um ser “que aprende socialmente a quem se dirigem textos, que pretendem favorecer sua educação social através de uma proposta de valores, de modelos de relações sociais e de interpretação ordenada do mundo” (2003, p.74).

Acerca de um leitor de qualidade da literatura infantil e juvenil, a pesquisadora assenta que é preciso definir dois princípios básicos dos quais o texto pretende atingir seu público alvo, favorecendo “sua educação social através de uma proposta de valores, de modelos de relação social e de interpretação ordenada do mundo”, ou “aquele que aprende uma forma cultural codificada – a literatura” (COLOMER, 2003, p. 173), mais voltada para o uso literário na sua forma estética, com visão sobre o mundo ou no emprego do uso da linguagem. Posteriores a esse conceito, a literatura infantil e juvenil é definida ao destinatário correspondente a cada período, definidos em um quadro cultural determinado, permitindo que hoje se estabeleça a qual leitor implícito se dirigem as obras, que engloba os próprios conceitos da sociedade atual, que lê e interpreta as obras literárias, ou seja, alfabetizado literariamente, ligado às tendências atuais da sociedade e nos valores educativos propostos por ela.

Segundo Colomer (2003), p. 174) esse leitor - adolescente - é tocado na literatura por meio de fragmentos do imaginário, pelo quadro cultural e social que está inserido, com traços de “um leitor próprio das sociedades atuais, a quem se destinam textos que refletem as mudanças sociológicas e os pressupostos axiológicos e educativos de nossa sociedade pós-industrial e democrática” (2003, p.174).

Consequente aos supracitados por Colomer (2003), Hans Robert Jauss (1994) apresenta seu conceito acerca do leitor estético que, na recepção de uma obra literária, busca se identificar, em seu horizonte de expectativas, a fatos, histórias e personagens que coincidam com suas experiências tanto vividas no presente, ou quanto já experimentadas em outras obras, como apresenta o excerto abaixo:

A maneira pela qual uma obra literária, no momento histórico de sua aparição, atende, supera, decepciona ou contraria a expectativa do seu público inicial oferece-nos claramente um critério para determinação de seu valor estético. A distância entre o horizonte de expectativa da obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e a “mudança de horizonte” exigida pela acolhida à nova obra, determina, do ponto de vista da estética da recepção, o caráter artístico de uma obra literária. (JAUSS, 1994, p. 31)

O autor define ainda a recepção de uma obra nova como o entendimento de fatos ligados ao passado remoto do leitor, como experiência ligadas a outras leituras, tendo sempre uma memória literária. Nada do que ele lê é totalmente novidade, pois já houve uma experientiação com alguma história parecida. Alguma coisa sempre será familiar. A recepção do leitor, a expectativa comparada a outros livros já lidos, será uma dúvida se história a ser lida será compreensiva ou complexa, indagando sobre o que esperar daquilo que está para ser conhecido, a novidade que experimentará através do desconhecido.

O método da estética da recepção é imprescindível à compreensão da literatura pertencente ao passado remoto. Quando não se conhece o autor de uma obra, quando sua intenção não se encontra atestada e sua relação com suas fontes e modelos só pode ser investigada indiretamente, a questão filosófica acerca de como, “verdadeiramente”, se deve entender o texto - ou seja, de como entendê-lo “da perspectiva de sua época”- encontra resposta sobretudo destacando-o do pano de fundo daquelas obras que ele, explícita ou implicitamente, pressupunha serem do conhecimento do público seu contemporâneo. (JAUSS, 1994, p. 35-36)

Em suma, o autor coloca a literatura como um jogo de perguntas e respostas, em que o leitor, diante de suas expectativas para com a obra, busca respostas a acontecimentos e fatos de um mundo externo, paralelo ao seu, em que a realidade é retratada de forma semelhante e fiel, trazendo pra si, reflexão sobre seu lugar no mundo, em sociedade, em família e como humano.

A relação entre literatura e leitor pode atualizar-se tanto na esfera sensorial, como pressão para percepção estética, quanto também na esfera ética, como desafio à reflexão moral. A nova obra literária é recebida julgada tanto em seu contraste com o pano de fundo oferecido por outras formas artísticas, quanto contra o pano de fundo da experiência cotidiana de vida. Na

esfera ética, sua função social deve ser apreendida, do ponto de vista estético-recepcional, também segundo as modalidades de pergunta e resposta, problema e solução, modalidades sob cujo signo a obra adentra o horizonte de seu efeito histórico. (JAUSS, 1994, p.53)

Retomando às considerações acerca da recepção da obra/texto por parte do leitor, para os estudos de Jauss (1994), esse processo se baseia nos contextos do diálogo entre leitor, autor e obra. O teórico também defende o repertório do leitor como um dos fatores essenciais para a interpretação de sentidos do texto. De acordo com Jauss,

[...] a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas. A implicação estética reside no fato de já a recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a comparação dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética (JAUSS, 1994, p. 23).

Colomer (2003) define o prazer do leitor da literatura infantil com critérios de qualidade literária muito semelhantes aos da literatura adulta, realizando assim uma aproximação das características dessas literaturas.

Explicitar os critérios pelos quais se avaliam as obras infantis torna-se imprescindível para poder ir além dos supostos pelos diferentes grupos sobre o que é conveniente para a infância e a adolescência, inclusive, com frequência, além do débil guia daquilo que os adultos se recordam ter lido na sua própria infância.

A tensão entre as duas posições extremas, quer dizer, entre a avaliação do texto ou a consideração ao leitor, teve momentos de maior ou menor inclinação para um dos dois polos, mas mantém um equilíbrio instável, já que dificilmente alguém pode pretender anular totalmente um dos critérios. (COLOMER, 2003, p. 46)

Acerca da importância do leitor para a obra e da concepção da literatura como fenômeno comunicativo, Colomer (2003) destaca que “a coerência do texto resulta das estratégias da leitura” (2003, p. 95), e insiste que “o texto não é o único elemento do fenômeno literário, mas é também a reação do leitor e que, por esse fato, é preciso

explicar o texto a partir dessa reação” (2003, p. 95). Os conceitos levantados por Colomer descrevem uma classificação da literatura infantil e juvenil, destacando as tendências literárias para cada faixa etária, com maiores inovações temáticas na literatura juvenil, destinada aos leitores maiores de dez anos.

Em seus estudos sobre literatura juvenil, Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1984) discorrem sobre a literatura juvenil nas primeiras décadas do século XX, apresentando seus contextos históricos e o surgimento do gênero primário, a literatura infantil na Europa, e contextualizando sua chegada e solidificação no Brasil, inicialmente restrita a traduções e representações da cultura europeia. “Com a implantação da Imprensa Régia, que inicia oficialmente em 1808 a atividade editorial no Brasil, começam a publicar-se livros para crianças” (1984, p. 23). A história da literatura infantil no Brasil iniciou-se em 1889, período da Proclamação da República. Estudos históricos marcam a chegada das primeiras obras infantis ao Brasil por volta de 1808, com a vinda da família real ao país, trazendo consigo obras clássicas que seriam submetidas a traduções. Posteriormente, a indústria editorial sentiu a necessidade de se adaptar, escrevendo histórias que apresentassem personagens heróis e folclóricos da cultura nacional.

No entanto, segundo o que aponta as pesquisadoras, foi no fim do século XIX e no começo do século XX, que a literatura infantil tecnicamente surgiu, com a acelerada urbanização e o surgimento de diversos grupos intermediários da sociedade, massas urbanas que acarretaram diferentes culturas e hábitos, levando o mercado editorial e a indústria cultural a investir em obras que interessassem a determinados públicos. No mesmo período, surge a necessidade de investimento em novos valores ideológicos na infância, haja vista que, o período era de transformação da sociedade rural em urbana, tendo a escola, papel fundamental no emprego de novas formas de se educar, abrindo espaço à produção didática e literária para os devidos fins (1984, p. 25).

Os anos 60 e 70 foram de grande expansão da cultura, de considerável investimento na literatura e no escritor infantil, com enfoque também na literatura não-infantil. Época de enorme proveito dos escritores, devido ao momento político que o país atravessava:

A ebulição ideológica e política que permeava a discussão das reformas de base em que se empenhava o governo de Jango constituía atmosfera propícia para o estabelecimento de canais que servissem de mediação entre intelectuais e camadas populares. Vários escritores dedicam-se à produção de textos voltados para essas massas, tradicionalmente distanciadas da arte e da cultura burguesas, em particular da literatura. (LAJOLO E ZILBERMAN, 1984, p. 132).

Lajolo e Zilberman (1984) complementam que, desse tempo em diante, as produções literárias começam a registrar novas temáticas em seus enredos, com personagens que retratavam e documentavam a realidade daqueles tempos, como a crise social e a migração de retirantes do campo para os grandes centros urbanos. Desde o começo da década de 60 que as histórias escritas para o público não-infantil começaram a ganhar forma, exemplificadas no período pelas narrativas de Isa Silveira Leal em que seus personagens assumem idades entre os 12 anos, incorporando assim, narrativas identificadas com o público jovem por suas temáticas e enredos, como detalhado no trecho:

Em 1970, com a publicação de *Justino, o retirante*, da mesma autora, a crise social é documentada com mais vigor, na história do menino de 12 anos que, perdendo pai e mãe, decide largar a terra em que vivia, reclamada pelo patrão. Em seu itinerário de retirante, ele abandona o sertão e chega a Canindé, cidade maior, onde fará o ginásio. [...] O texto é suficientemente complexo para registrar transformações profundas trazidas pela modernização econômica da sociedade brasileira. A vigen de Justino não é só geográfica: ele migra também de uma economia de trocas para uma mais sofisticada, correspondente a uma vida onde as relações sociais são bem mais complexas. (LAJOLO E ZILBERMAN 1984, p. 137)

Outra produção da escritora surge no ano de 1972, *A rosa dos ventos*, “onde a realidade urbana constitui um mito” (id. p. 138). Nessa narrativa, a história já é ambientada na grande São Paulo e protagonizada por um grupo de jovens pobres da periferia. Seu enredo apresenta conflitos sociais e culturais de uma cidade grande, problemáticas familiares e corriqueiras do cotidiano daqueles jovens, como relatado abaixo:

A partir de um retrato quase sem retoques da realidade urbana e da marginalização econômica vivida por crianças e jovens, o livro tematiza ainda outros problemas, uso de drogas, carência afetiva, tendências homossexuais.

[...] confirma-se, assim, que a vida urbana representada em *A rosa dos ventos* é mais isenta da idealização que presidia a representação da distante cidade que alimentava planos e sonhos de Bila e Justino. Esse livro, no entanto, não chega aos últimos desdobramentos da crise que documenta e acaba endossando a tese ingênua de que a sociedade moderna oferece, aos que se esforçam, oportunidade de ascensão social, através de personagens como Marta ou Maria José, que prosseguem nos estudos e progridem no emprego. (LAJOLO E ZILBERMAN, 1984, p. 139)

As pesquisadoras concluem que, com narrativas que enfatizam a pobreza e a miséria, que acarretam discriminações sociais, o cenário urbano ocupa o espaço central da ambientação das narrativas, retratando a cruel e pesada realidade dos conflitos sociais e violências urbanas, tirando de foco o cenário anterior da vida pacata e folclórica da vida rural do campo e das cidades interioranas, formando o que hoje é apresentada como literatura juvenil, ganhando cada vez mais espaço no exigente mercado editorial.

Beatriz Resende (2008) discorre acerca da literatura contemporânea, das mudanças nas relações do livro com o mercado editorial. Com o advento da internet e a expansão da tecnologia, o modo de fazer literatura teve de acompanhar a evolução do tempo e de certa forma o ritmo acelerado que as coisas acontecem.

As novas relações do livro com o mercado editorial aparecem a partir da maior rapidez com que o autor é editado, seja pela utilização da informática como suporte, seja pela multiplicação de pequenas editoras por todo o país. [...] Dentre as possibilidades de utilização da internet como meio de tornar um texto literário público, o uso dos blogs é o que mais debate tem provocado. (RESENDE, 2008, p. 25)

Em seu discurso, a autora chama a atenção para o seu olhar a essas mudanças da pós-modernidade, dos caminhos que a literatura está tomando e a necessidade de inovações que busquem se adaptar aos padrões da modernidade. Para ela, uma nova era surgiu e junto dela novas culturas vão sendo traçadas. Um público consumidor da arte, diferenciado, foi se apresentando no cenário cultural desde o advento da internet nos anos 90. A geração 2000 é seleta, exige produtos diferentes, de consumo imediato e de fácil acesso.

Lajolo e Zilberman (1988) discorrem acerca do desenvolvimento urbano a partir das décadas de 60 e 70, quando a literatura cria uma certa autonomia

proveniente do alinhamento com o mundo capitalista. Durante esse período, a literatura conta com patrocínios que envolvem políticas culturais, movimentando todo o setor editorial nacional. Entretanto, para que o investimento resulta em sucesso, foi fundamental a existência de um público dependente de suas literaturas, o que alavancou o mercado consumidor de livros.

Tais investimentos e incentivos para a produção de livros nacionais, partiram da parte governamental, datados na era Juscelino, por meio de “redução e isenção de taxas para a importação do papel e para a renovação do parque gráfico por ele decretados” (1988, p. 172). No entanto, as produções nacionais tiveram um massivo investimento na indústria e no comércio dos livros, de diversos gêneros, assim como houve uma atenção especial às propagandas e divulgações dessas produções em comércios e pontos de vendas, na época concentrada nas populares bancas de jornais e revistas.

Posteriormente, para as autoras, a literatura alçou uma maior visibilidade, pois pode atingir classes menos favorecidas e comunidades distante, por meio da expansão do livro pelas escolas com o surgimento de campanhas pedagógicas. Manifestos que contaram diretamente com o apoio do professor, assim como a presença dos escritores no ambiente escolares, vinculados a discussões sobre suas obras com alunos, surgindo assim, em seus enredos, o próprio cenário do ambiente escolar.

Sendo assim, baseado no estudo das pesquisadoras, atesta-se que se trata de tempos atuais da literatura juvenil, pois a contemporaneidade é marcada por uma herança de mudanças com o tempo, ajustando as temáticas às problemáticas atuais da sociedade, a vivência do jovem inserido em sua atual cultura, costumes e conflitos sociais, familiares e comportamentais, além da criação de personagens que retratam a realidade do jovem em suas ações narrativas ficcionais. Além disso, a literatura contemporânea, se enquadra em um conjunto permeado de recursos estéticos, de recursos de linguagem, do verbal e não verbal, do investimento no artístico e no digital em seus designers gráficos.

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e Thiago Alves Valente (2013), em seus estudos, abordam a literatura juvenil como um conjunto de obras que compõe o sistema cultural e literário brasileiro e falam da mudança ocorrida no sistema literário em relação ao retrato do jovem na ficção: “O final da década de 1980 e início da de

1990 apresentam ao leitor juvenil questões vivenciadas por ele, como corrupção, tortura, crimes, estupro, escândalos financeiros, sexualidade juvenil” (2013, p. 13).

De acordo com as definições de literatura juvenil mencionadas acima, a obra de Luis Dill apresenta características plausíveis dentro dos conceitos de literatura juvenil. Observa-se que o escritor apresenta uma diversidade de narrativas que valorizam a literatura juvenil brasileira, qualificando as produções nacionais, no que tange excelência narrativa e discursiva, e qualidade estética e artística de suas produções. Ao buscar sempre manter em suas obras o compromisso com a literatura e sua história, preservando a ligação com que foi tendência, se fez marcar em uma determinada era como clássico da literatura, encenado em suas obras por meio da intertextualidade. Dessa forma, Dill se faz conhecido no cenário nacional como um profissional à frente de seu tempo, um artista com o olhar voltado a tudo que envolve sua arte e ofício.

2.1 LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA

David Harvey (1992) apresenta estudos em que levanta análises críticas e materialistas ao discorrer sobre a passagem da “modernidade para a pós-modernidade na cultura contemporânea”. Em sua visão analítica, a cidade e grandes *urbes* concentram-se em espaços complexos, cenário de grandes fatos e de imaginação. Assim sendo, segundo o autor, o modernismo e pós-modernismo representam o estilo de vida urbana através de código espalhados nas mais diversas representações artísticas. Nesse sentido de representação, a ficção se faz presente na cultura contemporânea das cidades.

Já Schollhammer (2007) define as narrativas atuais, como novas formas de narrativas, com representações da realidade, assim sendo:

O surgimento de novas formas narrativas pode ser entendido como resposta ao desafio que a complexidade urbana contemporânea lança para as representações visuais e literárias, principalmente porque a cidade parece ser, atualmente, a condição material ou o cenário representativo predominante da realidade. No entanto, o que pretendo aqui, não é tanto analisar a complexa relação entre cidade e literatura, mas apontar as

afinidades existentes entre algumas formas de visualidade que, em imagem e em textos, se posicionam em relação à situação atual das metrópoles. (SCHOLLHAMMER, 2007, p.31).

Consequente, o autor discursa sobre as “novas estratégias de visualidade que abordam o fenômeno urbano” como entendimento do que é a “cidade midiática” numa visão contemporânea, a qual ele define por “comunicação e divulgação”, representado pela “imagem da relação concreta entre indivíduo, espaço social e tempo histórico”.

Maria Zaira Turchi (2016) contribui para a presente pesquisa por meio de seus estudos, apresentando, em um trabalho mais dirigido à literatura juvenil, sua concepção sobre as propostas para atrair o jovem contemporâneo para a leitura. Para promover as discussões acerca da literatura juvenil brasileira nas últimas décadas, a autora destaca os avanços alcançados no mercado editorial, da “expressiva representatividade em autores reconhecidos e premiados, em títulos publicados e em números de exemplares vendidos” (2016, p. 83), ganhando destaque em produção de livros em meio a outros gêneros e produtos em circulação, também destinados ao público jovem.

Em razão deste grande avanço da literatura juvenil no mercado editorial, que a autora vê a necessidade de um olhar mais próximo da crítica literária na realização permanente de investigações acerca de compreender e reconhecer suas especificidades e principalmente, seu valor estético como obra literária contemporânea. Haja vista que, desde a década de 70, com o surgimento de obras e autores que firmaram a literatura juvenil como gênero literário, teve como resultado o reconhecimento e a premiação de produções, autores e obras de grande qualidade literária.

A autora destaca ainda, que “essa profusão de obras e autores provocou o aparecimento de estudos” que classificaram e reconheceram teoricamente as literaturas infantis e juvenis e que vêm promovendo, até os dias atuais, uma construção teórica acerca das “configurações estéticas próprias desses subsistemas literários” (2016, p.83). Além de tudo, descreve a importância de grandes nomes e obras que representam a tradição literária no Brasil, não deixando de salientar que é devido a isso que hoje a literatura ganha espaço em grandes pesquisas, como apresentado no trecho abaixo:

A década de 1970 no Brasil é marcada pelo surgimento de autores e obras que se constituíram em cânone da literatura infantil e juvenil brasileira e foram objeto de estudos críticos que resultaram em publicações importantes para a configuração do estatuto do gênero. Entre os autores dessa geração podemos lembrar alguns mais premiados e reconhecidos como Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado, Ziraldo, Ruth Rocha, Joel Rufino dos Santos, Stella Car e João Carlos Marinho, cujas obras contribuíram para a formação de uma tradição literária no Brasil para crianças e jovens. (TURCHI, 2016, p. 83)

Partindo dessa premissa, Turchi (2016) fala da trajetória das premiações das categorias Literatura Infantil e Juvenil, que teve início no ano de 1975 pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil com o prêmio FNLIJ, se repetindo anualmente. Além de revelar grandes obras e consagrarem autores que são figuras conceituadas na história da literatura brasileira, que ao longo dos tempos colaboraram para a construção de valores estéticos e culturais e foram os principais responsáveis por induzir a “indústria cultural a investir em linhas editoriais voltados à produção literária dessas categorias” (TURCHI, 2016, p. 84).

Toda a contextualização realizada pela autora, serve como pano de fundo para reflexão acerca da nova geração de escritores da literatura juvenil contemporânea, que tem abordado nas obras temas presentes na vivência dos dias atuais, polêmicos, mas com uma criação estética elaborada para criar uma ponte de diálogo mais próximo com o jovem leitor, trazendo para o foco de suas narrativas temas sensíveis como drogas, sexualidade, morte, violências urbanas, discriminações, conflitos sociais e de gerações, o bullying, os problemas familiares. Também fala sobre amor, amizade, mundo tecnológico, novas experiências e descobertas dentro dessa fase transitória e de tanta intensidade que é a adolescência. “A natureza específica do juvenil pede uma narrativa que envolva e prenda o leitor adolescente, agitado, tomado pelos avanços da informática, da internet e pelos recursos midiáticos – leitor que não é mais criança, mas ainda não é adulto” (TURCHI, 2016, p. 91)

Em meio a suas análises de obras e comparações de narrativas que conversam com a contemporaneidade, Luis Dill é citado com algumas de suas produções devido às temáticas, inovações literárias e tecnológicas, pelas narrativas que adotam um ritmo acelerado acompanhadas de diálogos fortes, precisos e curtos e linguagem direta ao adolescente, dando ênfase também à estilística empregada pelo

autor na criação artística de seus livros, o que a autora define por “adoção de recursos extraliterários do universo digital e de suas ferramentas interativas de comunicação” (2016, p. 87).

Diante das concepções dos autores supracitados, confere-se que o cenário dos grandes centros urbanos é o escolhido, muitas vezes, por servir de base para um modelo de vida da maior parte da população, periférica ou central. Outrossim, apontam, ainda que de forma reduzida, grande parte desses conflitos também na vida interiorana ou do campo, parâmetros esses, sempre focados na realidade do adolescente, conforme análise da obra *100 mil seguidores* (2019).

2.2 LUIS DILL NO CONTEXTO DA LITERATURA JUVENIL

Luís Dill¹ nasceu em Porto Alegre em abril de 1965. É formado em Jornalismo pela PUC/RS e tem Pós-graduação *Lato Sensu* em Literatura Brasileira. Como jornalista já atuou em assessoria de imprensa, jornal, rádio, televisão e Internet. Atualmente, é Produtor Executivo da Rádio FM Cultura na capital gaúcha, onde reside, e apresenta programa sobre música de concerto na Rádio Arte Viva. Também é colaborador de jornais e de revistas e fundador da Editora Casa 29, junto de sua esposa Siziane Koch.

Como escritor, Dill fez sua estreia em 1990 com a novela policial juvenil *A Caverna dos Diamantes*. A obra trata-se de uma história emocionante, em que dois adolescentes resolvem viver a aventura de passar uma noite fora de casa e no meio do caminho se deparam com ladrões de pedras preciosas que buscam por diamantes roubados perdidos. A história envolve dois crimes: um assassinato e o roubo, os quais, sem conexão aparente alguma, surgem na vida dos adolescentes Elias e Noslen, que, por acaso, se veem envolvidos com bandidos de uma perigosa quadrilha. É uma trama de muita ação, adrenalina e suspense, com temáticas e acontecimentos típicos do universo juvenil, como a descoberta do primeiro amor e a verdadeira amizade.

¹ Texto transcrito na íntegra do site www.luisdill.com.br

O sucesso deste primeiro livro, particularmente durante sua participação na Feira do Livro de Porto Alegre, despertou em Dill o entusiasmo pela carreira literária. Embora a obra não tenha recebido prêmios, destacou-se como a mais vendida na feira. A partir dessa publicação inicial, seu trabalho passou a atrair o interesse de diversas editoras, que começaram a solicitar suas produções. Esse processo de demanda editorial por suas histórias perdura até os dias atuais.

Em sua trajetória, Dill, por diversas vezes, participou de diversos festivais literários, recebendo indicações e vindo a ser vencedor de alguns prêmios literários, como o Prêmio Açorianos de Literatura, premiação concedida pela Prefeitura de Porto Alegre, através de sua Secretaria de Cultura, para os melhores do ano na literatura e outras áreas artísticas. É considerado o mais importante prêmio cultural do estado do Rio Grande do Sul.

No Açorianos, em 2005, ficou entre os dez indicados com *Sombras no asfalto*, obra publicada em 2004, pela WS Editor, na categoria Infantojuvenil. No mesmo ano, o livro também foi selecionado para o projeto *Cantinho da Leitura do Governo de Goiás*. A trama é envolta de muita ação e suspense, em que a protagonista, numa fuga desesperada de bandidos, não sabe o real motivo de estar sendo perseguida. Um mistério que a protagonista só desvendará ao se deparar com as respostas surpreendentes. Mas antes disso, ela passará por grandes apuros.

Na categoria Conto, *Tocata e fuga*, publicado em 2007, pela Bertrand Brasil, foi vencedor do Prêmio Açorianos na edição de 2007. A Produção da obra é formada por onze contos policiais com histórias diferentes, mas que podem ser interpretadas como uma trama de onze capítulo entrelaçados pelo crime.

No ano seguinte, em 2008, a obra que esteve entre os dez indicados na categoria Infantojuvenil do Açorianos foi *Olhos vendados*, publicada pelo DLC Editora, em 2007. A narrativa também é movida por um enredo de muita ação e suspense com o misterioso sequestro da jovem Marina que é mantida como refém. A comunicação do sequestrador se dá via cartas com um radialista.

Em 2009, agora na categoria Juvenil do Açorianos, *De carona com Nitro*, publicado pela Editora Artes e Ofícios, em 2009, recebeu a premiação. O livro apresenta diversos personagens que se encontram em momento trágico: um acidente de trânsito ocasiona vítimas fatais de pessoas inocentes. A obra narra o cotidiano das pessoas envolvidas em um terrível acidente provocado por um grupo de jovens

inconsequentes, após passarem a noite em uma festa, envolvendo-se com álcool, drogas e muita diversão. Luis Dill apresenta um enredo capaz de despertar a reflexão acerca das amargas consequências causadas pela imprudência e irresponsabilidade no trânsito. O livro apresenta no final da trágica história um manual de apoio com dados estatísticos e um manual de boas práticas, bom comportamento na direção e responsabilidade no trânsito. É uma das obras do literato que tem como temática questões que envolvem a violência.

Em 2010, entre os dez indicados na categoria Infantojuvenil esteve *Lâmina cega*, lançado em 2004, pela Editora WS Editor. A produção é uma obra de mistérios e expectativas em uma novela sobre a trajetória sangrenta do jovem Carlos Alberto, que se transforma em um *serial Killer*, sem sua vontade ou planejamento. Uma trama repleta de muita ação.

Em 2012, volta a ser premiado no Prêmio Açorianos na categoria Infantojuvenil com a obra *Decifrando Ângelo*, publicada no mesmo ano, pela Scipione. A história narra uma tragédia que ocorre no interior de uma escola, um ato violento que provoca perplexidade em todos. Para tentar entender o que se passou, um aluno usa sua câmera de vídeo e produz um documentário sobre o acontecido.

A obra *Destino Sombrio*, com sua primeira edição em 2013, pela Editora Seguinte, marca o ano de 2014 entre os dez indicados ao Açorianos na categoria Infantojuvenil. A história revela que passado, presente e futuro estão eternamente atados pelos laços da consequência. Um romance frustrado, uma viagem repleta de agonia, um encontro revelador, em que Gildo, se defronta com seus fantasmas enquanto o suspense aumenta até o final surpreendente.

Volta a ser premiado na categoria Infantojuvenil do Prêmio Açorianos de literatura, em 2017, com *Jubarte*, obra publicada em 2016, pela Editora do Brasil, cuja história apresenta em seu enredo um ato violento e um muro pichado. Rafael, o protagonista, tem o muro de sua casa pichado com a frase de assassino, acusando seu irmão. Logo, Rafael precisa fugir de casa e se abriga na casa da tia, onde passa descrevendo seus dias. Uma história cheia de mistérios e reviravoltas é o que espera o leitor neste livro carregado de suspense, segredos e revelações surpreendentes.

Pelo conjunto das obras tanto premiadas, quanto indicadas entres os dez melhores no Açorianos, percebe-se que o perfil do escritor é de alguém que produz narrativas com enredos repletos de ação, aventura e mistério. As temáticas abordam

as tendências mais comuns do universo juvenil, explorando variados casos de violência e conflitos que permeiam a realidade desse público leitor.

Outra categoria de premiação que Luis Dill se destaca é no Jabuti, o mais tradicional e maior prêmio literário do Brasil, realizado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), criado em 1959. O literato não foi vencedor de nenhuma edição, mas começou a marcar seu nome na premiação em 2010, indicado entre os dez no ano de 2010, na categoria Livro Juvenil, com a obra *Do coração de Telmah (2010)*, publicada pela Editora Arte e Ofícios. Essa história escrita em 500 *tweets* conta a história dramática da jovem Telmah. Como Hamlet, de Shakespeare, a morte do pai a persegue e a faz pensar em vingança. Também como o célebre personagem shakespeareano, ela encontrará tragédia e dor. A obra, ambientada em uma favela, trata das diferenças sociais, fala de preconceito e discriminação, do tráfico de drogas, de injustiça, em acontecimentos narrativos que retratam a vida do jovem na periferia, além disso, há o intertexto com a obra Hamlet, de Shakespeare. O livro faz parte do catálogo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), do MEC.

No mesmo ano de 2010, o livro *O dia em que Luca não voltou*, publicado pela Cia das Letras, em 2009, também ficou entre os dez indicados, na premiação. Na trama, o personagem Luca desaparece de dentro do condomínio de luxo onde morava, sem deixar vestígios. Para pais e amigos, as primeiras horas, após o sumiço do menino são desesperadoras. Logo, todos vão se dar conta que suas vidas foram profundamente modificadas a partir do dia em que Luca não voltou. A obra também fala de diferenças sociais, preconceito e discriminação, onde o melhor amigo do protagonista é um negro, filho da empregada.

No ano seguinte, 2011, foi a vez de *O estalo*, publicado em 2010, pela Editora Positivo, ser indicado entre os dez melhores ao prêmio. A narrativa é ambientada no cenário em que um prédio em construção desaba e dois jovens ficam soterrados. Ninguém sabe onde eles estão. Enquanto aguardam socorro vão se conhecendo melhor em conversa às vezes tensa e reveladora. Em 2010, a obra também recebeu o terceiro lugar do prêmio Biblioteca Nacional (Prêmio BN), uma das mais prestigiadas do Brasil, na categoria Juvenil.

No ano de 2012, *Sombras no asfalto*, publicado pela Cia da Letras, em 2004, também foi indicado no Jabuti, entre os dez melhores na categoria livro Juvenil. A

obra *Decifrando Ângelo*, publicado pela Scipione em 2012, ficou entre os dez indicados em 2013.

Outra obra *Labirinto no escuro*, publicado em 2013, pela Editora Positivo, também ocupou lugar entre os dez indicados na categoria Juvenil, em 2014. A trama é protagonizada pelo jovem Nicolas, que acorda sem saber onde está. Encontra-se deitado e amarrado numa cama em um ambiente totalmente branco. No decorrer da história, várias pessoas que o garoto nunca viu aparecem e conversam com ele. Os dias passam e a saudade da família vai tomando conta. Aos poucos, o personagem vai tomando conta da realidade e descobrindo a razão de tudo aquilo que está acontecendo.

Em 2018, à obra *80 Degraus*, recém-lançada pela Editora Palavras, foi também indicada, entre os dez melhores, na categoria Juvenil. Trata-se de uma novela policial, com uma narrativa intimista em que as principais ações ocorrem na mente do narrador. Com essa estratégia, o leitor é envolvido na história de tal forma que se torna cúmplice ou testemunha dos fatos. A trajetória tensa, feita em frenesi, é intensificada pelas imagens do artista Paulo Otero que conduz a um final surpreendente.

Em 2020, *Rabiscos (2019)*, parceria com a Editora Positivo, ficou entre os dez indicados. Ainda venceu o Prêmio Flipços, Festival Literário Internacional de Poços de Caldas, de Minas Gerais, em 2021. A obra é uma narrativa feita em fragmentos, como rabiscos, escrita por um menino que ainda não sabe escrever. Uma obra que tem um narrador-escritor em uma história que precisa ser completada. A narrativa apresenta o encanto do universo lúdico de ser criança e a divulgação da felicidade infantil. A obra recebeu também o Selo Altamente Recomendável pela FNLIJ, em 2020.

100 mil seguidores (2019), lançado pela Editora Casa 29, esteve concorrendo entre os dez indicados ao Prêmio Jabuti de literatura, na categoria Juvenil e teve também a indicação de prêmio de melhor capa, no ano de 2020. A obra, que elenca o corpus desse trabalho, dispensa maiores apresentações nesse momento, haja vista que suas informações estão dispostas no decorrer do mesmo.

Entre outros destaques, recebeu o prêmio AGEs (Associação Gaúcha dos Escritores), em 2011, na categoria Poesia, com o livro *Estações da poesia*, lançado em 2009, pela Editora Positivo. A publicação é composta por uma coleção de textos

que homenageiam as estações do ano, com muita sensibilidade, humor e beleza. Os poemas são apresentados na brevidade e precisão semelhante a um haicai, tipo de poema japonês, que assim como o livro, geralmente trata da natureza e das estações do ano.

Algumas de suas obras receberam o selo Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e fazem parte de seu acervo básico. Nessa premiação, é importante destacar a obra *Todos contra D@nte*, lançado em 2008, em parceria com a Cia. das Letras. Trata-se da história do garoto Dante, que muda para uma escola nova. O garoto vem de um bairro mais pobre e gosta de ler *A divina comédia*, de Dante Alighieri. Logo, sua aparência e sua classe social viram combustível para o riso dos colegas. A perseguição se torna sistemática e ganha força no ciberespaço, onde o jovem é ridicularizado e hostilizado. Com linguagem ágil e arquitetura ficcional inovadora, Luís Dill constrói cuidadosa reflexão sobre nossa sociedade atual. Nesse cenário, a violência espreita com final trágico.

Segundo o próprio Luis Dill, a obra é seu *Best Seller*, tendo vendido mais de 260 mil exemplares no Brasil todo. É um livro que possui uma estrutura composicional com um formato diferente, deitado, emulando um *tablet*. Uma inovação que chamou a atenção do mercado editorial.

Sobre *Todos contra D@nte*, é pertinente destacar a apreciação do escritor Ernani Ssó no site Coletiva.net², em 01 de setembro de 2008:

Todos contra D@nte - Assim se chama uma pequena novela do Luís Dill, lançada há pouco pela Cia. das Letras. Foi inspirada num fato real: uma implicância besta que acaba em tragédia, numa escola. Achei o fino, mas gostei especialmente dos diálogos: naturais, verossímeis. Isso, num país ruim de ouvido como o Brasil, onde os personagens não falam, discursam, não é pouco, não. Dill, como um punhado de outros aventureiros — Luiz Vilela, Marçal Aquino, Sérgio Rodrigues, Sérgio Fantini e Marcelo Carneiro da Cunha, por exemplo —, está em campo pra não deixar o Nelson Rodrigues e o Dalton Trevisan na mão. *Todos contra D@nte*, ao contrário de muitos livros infanto-juvenis, não tem contra-indicação para adultos. (Ssó, 2008)

² Disponível em: <https://coletiva.net/colunas/homem-de-saia,167776.jhtml>.

A obra faz parte do Projeto Apoio ao Saber, da Fundação para o Desenvolvimento da Educação, também patrocinado pelo Governo de São Paulo. De toda sua coleção, *Todos Contra D@NTE* é a obra de referência do escritor.

Lista com as obras indicadas e premiadas:

PRÊMIO AÇORIANOS DE LITERATURA			
CATEGORIA	ANO	OBRA (ANO DE LANÇAMENTO)	EDITORIA
INFANTOJUVENIL (INDICADO)	2005	<i>Sombras no Asfalto</i> (2004)	WS Editor
CONTO (Premiado)	2007	<i>Tocata e Fuga</i> (2007)	Bertrand Brasil
INFANTOJUVENIL (INDICADO)	2008	<i>Olhos Vendados</i> (2007)	DCL Editora
JUVENIL (Premiado)	2009	<i>De carona, com nitro</i> (2009)	Artes e Ofícios
INFANTOJUVENIL (INDICADO)	2010	<i>Lâmina cega</i> (2004)	WS Editora
INFANTOJUVENIL (Premiado)	2013	<i>Decifrando Ângelo</i> (2012)	Scipione

INFANTOJUVENIL (Finalista)	2014	Destino Sombrio (2013)	Seguinte/Companhia das Letras)
INFANTOJUVENIL (Premiado)	2017	<i>Jubarte</i> (2016)	Editora do Brasil
PRÊMIO JABUTI (INDICADO ENTRE OS DEZ FINALISTAS)			
CATEGORIA	ANO	OBRA/ ANO LANÇAMENTO	EDITORA
JUVENIL (Indicado)	2010	<i>Do coração de Telmah</i> (2010)	Artes e Ofício
JUVENIL (Indicado)	2010	<i>O dia em que Luca não voltou</i> (2009)	Companhia das Letras
JUVENIL (Indicado)	2011	<i>O estalo</i> (2010)	Positivo
JUVENIL (Indicado)	2012	<i>Sombras no asfalto</i> (2004)	Companhia das Letras
JUVENIL (Finalista)	2013	<i>Decifrando Ângelo</i> (2012)	Scipione

JUVENIL (Finalista)	2014	<i>Labirinto no escuro</i> (2013)	Positivo
JUVENIL (Indicado)	2018	<i>80 Degraus</i> (2018)	Palavras
JUVENIL (Indicado)	2020	<i>Rabiscos</i> (2019)	Positivo
JUVENIL (Indicado)	2020	<i>100 mil seguidores</i> (2019)	Casa 29
MELHOR CAPA (Indicado)	2020	<i>100 mil seguidores</i> (2019)	Casa 29

ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE ESCRITORES			
CATEGORIA	ANO	OBRA (ANO DA PUBLICAÇÃO)	EDITORIA
POESIA – Prêmio Livro do Ano (Premiado)	2011	<i>Estações da poesia</i> (2010)	Positivo

PRÊMIO BIBLIOTECA NACIONAL (BN)

CATEGORIA	ANO	OBRA (ANO DA PUBLICAÇÃO)	EDITORIA
JUVENIL Laureado – 3º lugar	2011	<i>O estalo (2010)</i>	Positivo

Diante do levantamento feito acerca do acervo literário do literato, pode-se concluir que as obras apresentam temáticas que se referenciam à realidade do jovem adolescente. As ficções apresentadas em suas obras evidenciam numerosos aspectos da experiência vivida pelo público leitor, que, por sua vez, acaba por se identificar com as situações descritas pelos narradores e vivenciadas pelos personagens. Estes, ao dar vida às ações retratadas, configuram um conjunto significativo de verossimilhanças que refletem, de maneira particular, o comportamento da sociedade contemporânea. São narrativas breves, com joguetes de ações entre personagens que dão ritmo à leitura, tornando dinâmica e interessante a cada situação narrada. Além de carregarem uma linguagem simples e direta, com estratégias que são tendências entre os jovens, como, por exemplo, a linguagem do digital e inserção de códigos e signos que fazem parte do universo midiático, as situações cotidianas, nos ambientes mais frequentados pelos adolescentes, como o familiar e o escolar.

As obras são padronizadas dentro do que sugere a proposta da literatura juvenil, de propagar a reflexão diante do comportamento em sociedade, perante suas diversidades e os perigos que representam. São narrativas que abordam a violência social e outras formas que também podem ser colocadas em nichos sociais que oscilam conforme as classes sociais em que estão envolvidas.

Luis Dill se apresenta para o mercado editorial literário a figura de um artista e empreendedor, que busca se relacionar com o que há de tendência no mercado e manter cativo seu público-alvo, cumprindo com as exigências de manter narrativas bem escritas e buscando sempre inovações em suas produções artísticas

que juntos representam uma obra estética e apreciável. Uma das intenções de Dill, já relatada publicamente, é que suas obras agradem o público juvenil e forme leitores.

Em uma entrevista para Aline Barbosa de Almeida, Dill relata que sua escolha por ser escritor, deve-se ao fato de vir de uma casa de leitores, em que a leitura, desde muito cedo, era algo que fazia parte do seu cotidiano, com pais leitores que incentivavam a leitura e que todos os anos tinham o hábito de levá-lo à Feira do Livro de Porto Alegre. Acrescenta ainda que já na infância despertou nele o interesse pela escrita, pois, segundo ele, gostava muito de inventar, imaginar coisa, assim decidiu contar suas próprias histórias, colocando-as no caderno. O escritor iniciou sua carreira, escrevendo seriamente, entre os 13 e 14 anos.

Dill é um autor de uma geração em que a tecnologia era limitada e teve sua formação como escritor acompanhando todo o desenvolvimento do mercado editorial e os avanços tecnológicos que adentraram a década de noventa e seguem em grande desenvolvimento até os dias atuais.

Durante a entrevista para Aline Barbosa de Almeida (2021), o literato declara que, no início da sua carreira, não escrevia para jovens, nem tão menos tinha um público específico como alvo. Segundo ele, a literatura juvenil “*foi acidental*”, por meio da *Coleção Misterinho*, voltada ao público infantojuvenil, em 1989, pela Editora Sulina. Após esse trabalho, começou a se dedicar ao público jovem.

Na entrevista, Dill revela que não se considera, nem se limita a ser escritor de literatura juvenil, pois segundo ele, “as obras são do leitor independentemente da idade, então, o prazer do escritor encontra-se nesse fazer do texto”, reiterando, o relato de que ele “não tinha intenção de escrever narrativas juvenis, de produção caótica e não planejada, mas que possui um olhar extremamente humanizado”. (2021, p. 47)

No livro *A história das estórias: Um recorte da produção literária nacional, seus autores e ilustradores*, de autoria de Antonio C. Sencozski, Daniéle Carazzai e Felipe Aníbal, que trata da produção literária nacional do “século XXI, com uma produção literária de qualidade e com um mercado editorial consolidado e crescente”, os autores abordam a trajetória profissional de Dill, destacando sua rotina que concilia as atividades de radialista com as de escritor. Além disso, de acordo com os estudiosos, Dill apresenta reflexões sobre o conceito de “escrever bem”, afirmando que a técnica reside “na arte da leitura”.

Para escrever bem, segundo Dill, inevitavelmente, é preciso pensar a autoria em conjunto com a arte da leitura. “Acho que a leitura é até mais importante do que escrever. O escritor tem que ser, antes de mais nada, um leitor. De uns cinco ou seis anos pra cá, eu fiz uma pós-graduação em literatura brasileira e tive um choque muito grande, porque aí, por mais que tu leia, descobri que eu não conhecia muita coisa. Eu tenho me dedicado muito à literatura brasileira e faço isso com maior prazer, porque nossa literatura é impressionante, é uma das melhores do mundo. Temos muita gente boa que escreveu livros fantásticos”. Recomendou. (SENCOZSKI; CARAZZAI; ANÍBAL, 2021, p.59-60).

Andressa Fajardo, em sua tese de doutorado de 2014, *Luís Dill e a narrativa para jovens: O gênero policial*, define a importância de escritores como Dill para a literatura juvenil, pois colaboram para a expansão do gênero para os jovens, pois atendem as expectativas das “novas gerações de leitores por meio da exploração de temas e de formas afinadas com o século XXI” (FAJARDO, 2014, p. 37).

Para Fajardo, Dill desenvolve temas atuais nas obras destinadas ao público juvenil” (2014, p.59). Segundo ela, um dos motivos de seu sucesso é o “formato linguístico e editorial” e “o modo sutil e realista, utilizado pelo escritor em seus textos” destinado ao público juvenil e complementa dizendo que:

As narrativas de Luís Dill possuem temáticas que se alternam entre as conquistas afetivas (descoberta do primeiro amor, amizade, família) e as perdas, as quais são marcadas por diferentes situações, tais como: violência, assassinato, mortes, separações etc. Mergulhados na atmosfera juvenil, os temas transitam por diferentes ambientes que se estendem desde o escolar até o familiar. (FAJARDO, 2014, P. 60)

De acordo com Fajardo (2014), o projeto gráfico editorial presente nas obras de Dill é “altamente sofisticados”. Além disso, afirma que “essa diferenciação no projeto gráfico de uma obra para outra está relacionada, muitas vezes, à influência do mercado editorial nas publicações”. (2014, p. 69). Nas obras analisadas no trabalho da autora, percebe-se a presença da violência em suas temáticas.

Para ela, as narrativas de Dill “contribuem com a função social” pelo uso de temáticas atuais e assuntos que envolvem diretamente o comportamento dos jovens adolescentes, causando assim, em seu leitor, “a identificação e o estranhamento” na reflexão sobre seu comportamento em sociedade e na vida. (2014, p. 147).

Segundo Maristela Scheuer Deves, Dill não vê grandes diferenças entre literaturas juvenis e literatura adulta e que esse é um rótulo que ele não sequer gosta de dar, haja vista que, para ele tudo é literatura. Relata ainda que, para o escritor, a diferença está no que ele usa de regra, que é o cuidado com a escrita, quando escreve para os jovens, relacionado “a palavrões e cenas muito explícitas em termos de sexo e de violência”. De acordo com Dill, “o gênero requer ritmo, boa estrutura narrativa, ação e, sobretudo, qualidade”.

Em conformidade com o que foi discutido, verifica-se que o escritor encontrou na infância, através da convivência com os pais, o alicerce para sua carreira, tendo estabelecido contato direto com a leitura, a escrita e o universo editorial desde cedo. A qualidade de suas narrativas, bem como a busca por elementos que atualizam e enriquecem suas obras, conferem a Luis Dill amplo reconhecimento, tanto por parte dos leitores e da classe literária, quanto no âmbito escolar, acadêmico e no mercado editorial, além de consagrar sua trajetória por meio de diversos prêmios.

A análise do histórico de premiações envolvendo as obras do escritor, incluindo indicações, vitórias e posições como finalista, confirma o merecido prestígio que suas produções literárias conquistaram junto ao público leitor, ao mercado editorial e à crítica especializada. Ressalta-se, ainda, que o levantamento evidencia a predominância de suas produções na categoria de obras juvenis. O romance *100 mil seguidores* (2019) representou sua participação mais recente no Prêmio Jabuti, alcançando destaque ao figurar entre os dez finalistas na categoria de melhor livro juvenil, além de receber projeção com a indicação para melhor capa. As obras compõem em suas produções gráficas um conjunto de inovações e atrativos que envolvem tecnologia e produção textual atraentes, com linguagem compatível com a do adolescente contemporâneo que é seu público-alvo. Para alcançar tal objetivo, verifica-se apropriação de alguns recursos estéticos, artísticos e de linguagem, como o uso da estética digital no livro impresso, na pretensão de despertar o interesse de seu público-alvo.

Renata Machado Mendonça (2008) evidencia a responsabilidade da produção editorial, à frente das exigências do mercado, na avaliação artística e comercial do livro físico enquanto obra literária, cuidando para que não se perca sua identidade artística, correndo o risco de ser qualificado apenas de acordo com tabelas de vendagem.

O produtor editorial tem, cada vez mais, de se adaptar às diversas exigências que lhe são feitas pelo mercado de trabalho. Exigências que se traduzem em capacidades pessoais e motivações, e que os empregadores entendem que todo profissional deve apresentar. Para se adaptar a tais mudanças e exigências, o editor foi obrigado a se transformar num empreendedor. (MENDONÇA, 2008, p. 29)

Partindo dos apontamentos de Mendonça (2008), reflete-se que a realidade atual do mercado literário solicita obras literárias de qualidade, com relevante emprego de arte gráfica em sua composição, recursos estéticos que preencham as expectativas de seu público. Ou seja, algo que esteja à altura do cumprimento

de todas as exigências em relação a publicações literárias atuais, não somente na linha do juvenil, como também nas literaturas infantis.

Além desses aspectos discutidos, supõe-se que outros componentes são necessariamente importantes para que uma obra literária caia no gosto desse referido público leitor. Entre eles, a inserção de componentes que façam parte do seu cotidiano, cultura ou conhecimento de mundo. Haja vista que a maior parte dos adolescentes hoje dominam o mundo cibernético³, exercendo uma rotina constante de uso do ambiente virtual. Segundo dados apontados pelo programa de pesquisa Tic Kids Online Brasil, que produz indicadores sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil, pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.Br), são usuários de várias plataformas e dos mais diversos campos virtuais, ambientes onde se encontram objetos relacionados a seus próprios interesses.

Para Zilda Letícia Goulart Pereira Rêgo (2010, p. 29), os jovens usuários de internet adotam uma forma de utilização e expressão da linguagem no meio digital, “um discurso que é típico do meio digital”. Dessa forma, cria-se uma cultura cibernética, uma forma de comunicação cada vez mais presente na vida desses jovens, ganhando um espaço considerável em seu cotidiano, tomando conta de suas práticas diárias, no compartilhamento de informações e interação com a sociedade e o mundo. No ambiente virtual, adota-se uma linguagem típica das plataformas e suportes, compostas por estrangeirismo, empréstimos, formas linguísticas abreviadas e compostas de signos.

Francisco Rüdger (2013) defende que a vida em rede representa a migração da sociedade para o ciberespaço, transformando-se assim a cibercultura. O autor acredita no poder da tecnologia no constante processo de mudanças na sociedade e defende a cultura midiática, surgida com a revolução cibernética em meados do séc. XX, com a implantação da tecnologia digital no cotidiano das pessoas.

Já Alberto Cupani (2011) discursa sobre a “tecnologia como parte notório do mundo contemporâneo”, defendendo sua grande importância em tornar a vida mais

³ A última pesquisa realizada pela Tic Kids Online Brasil, em 2022, apontou que 92% da população com idade entre 9 e 17 anos era usuária de Internet no país (aproximadamente 24,4 milhões de crianças e adolescentes).

cômoda e facilitada com os apetrechos tecnológicos e ferramentas de internet que fazem parte do cotidiano dos indivíduos, “desde a banal questão acerca das vantagens de possuir um telefone celular” (2011, p.11).

2.2.1 Estética textual e visual com influência da emulação do digital

Gabriela Luft (2010, p. 113-115) apresenta a literatura juvenil do início do século XXI como um período revolucionário do mercado literário, dando ênfase à sua expansão, devido à importação dos “produtos da indústria cultural” e ao “aumento de gêneros e temas como a ficção científica e a narrativa de suspense”. Atribui também às mudanças, a reconfiguração da “poética tradicional”, numa ruptura com o clássico, configurando assim, uma nova forma de fazer literatura, adotando procedimentos de metalinguagem e intertextualidades.

Nos estudos realizados em análises de romances juvenis contemporâneos, Tereza Colomer (2003, p.248) afirma que “os gêneros literários analisados têm uma presença quantitativa muito homogênea entre as narrativas para adolescentes”. Ou seja, o gênero literário para leitores com idade entre 12 aos 15 anos oscila bastante, pois, como se trata de uma idade de transição entre a infância e a adolescência, não há ainda uma personalidade própria estabelecida. Diante desse excerto da autora, a associação da vivência do personagem adotado nas narrativas, serve como referencial para que esse sujeito se baseie no comportamento adolescente que é retratado:

Esta descrição absorve os outros tipos de relações pessoais, já que os temas que se poderiam inserir nesses outros tipos se narram de uma perspectiva absolutamente centrada no personagem adolescente. É o amadurecimento reflexivo do protagonista o que fará que os problemas filiais, por exemplo, vão perdendo dramaticidade à medida que cresce seu interesse pelas novidades da vida e se consolida sua autonomia pessoal. (COLOMER, 2003, p.249)

Segundo Diógenes Buenos Aires Carvalho (2010, p.162), uma das estratégias da cultura impressa é inverter o percurso contemporâneo, no caminho

do “virtual ao impresso, pautada por um processo dialógico com a interlocução da cibercultura como elementos nos livros, como um *continuum*”. Dessa forma, é uma alternativa que vem dando grande resultado no que tange ao mercado de publicações literárias juvenis. Inquestionavelmente, o fato é que o mercado literário exige cada vez mais obras de qualidade artística em suas composições de capas e ilustrações, exigindo assim, uma maior demanda por livros que atentam essas imposições.

Para Zilda Letícia Goulart Pereira Rêgo (2010, p. 27-29), o meio editorial usa de “armas de sedução” do universo digital em obras impressas, adotados por autores e editores como instrumentos de recepção, “formatos, caracteres, linguagem e temas, com tons cibernéticos na composição de suas obras”. Para a autora, denota-se que, o leitor alvo, no caso, o adolescente, identifica-se mais com a obra se a mesma tiver a “incorporação de um discurso que é típico do meio digital” e de recursos gráficos que estabelecem uma simulação com a tela, fazendo uma comparação entre os meios do digital e do impresso, conversando diretamente “com a nova forma de expressão criada nos meios digitais”, frequentemente, utilizado por eles e cada vez mais presentes no seu cotidiano.

Diante da análise da fortuna crítica do escritor, cabe a atestar que algumas obras literárias juvenis de Dill demonstram uma tentativa de emulação da estética digital e aspectos gráficos no impresso, como *100 mil seguidores*, além do uso de uma linguagem acessível ao adolescente, abordando temáticas que os jovens se identificam. Haja vista que grande parte das obras literárias juvenis em destaque no cenário nacional são reconhecidas e premiadas, agraciando o público leitor com obras de grande qualidade narrativa, em tramas de suspense acompanhadas de riquezas de detalhes de ambientação, de personalidade e características peculiares dos personagens, definidas na maioria das vezes por suas ações e comportamentos dentro do enredo da história.

3 A DRAMATIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA E OS CONFLITOS SOCIAIS NA LITERATURA

Na literatura juvenil, o cenário das cidades envolto pelas suas violências é o palco em que os enredos das histórias se desenvolvem. Trata-se de uma característica que promove discussões e análises por pesquisadores e estudiosos de literatura.

O estudo da literatura comprova esse cenário de violência, que é retratado nos romances juvenis, e há todo um embasamento teórico que explica essa característica apontada nas narrativas. A seguir, alguns dos conceitos defendidos por estudiosos da crítica literária.

Lucrécia D'Allessio Ferrara (1990) descreve que o cenário da cidade mudou na segunda metade do Século XX, com o impacto cultural causado pelo consumo de massa e acesso a informações devido à chegada da televisão e mudanças no mundo industrial. A imagem da cidade, devido à “competitividade do capitalismo industrial projetando-se sobre o cenário cultural urbano descaracteriza a cidade enquanto espaço público” (1990, p. 8). Consequentemente, os conflitos culturais e sociais começaram a surgir, devido à migração da população rural para as grandes urbes, trazendo para os centros urbanos a concentração de novos grupos sociais, criando assim uma miscigenação em praças públicas, ruas e espaços públicos e de movimentação popular:

As transformações econômicas e sociais deixam, na cidade, marcas ou sinais que contam uma história não-verbal, pontilhada de imagens, de máscaras que tem como significado o conjunto de valores, uso, hábitos, desejos e crenças que nutriram, através do tempo, o cotidiano dos homens. (FERRARA, 1990, p. 03)

Jéssica Beatriz de Almeida e Moacir Dalla Palma (2020) apresentam em seus estudos a violência e literatura, chamando a atenção para questões do dia a dia em que se envolve episódios de violências constantemente. Segundo os autores, “crimes, assassinatos, roubos, exploração, discurso de ódio, tudo se faz muito presente na vida cotidiana do cidadão brasileiro comum” (2020, p. 3). Relatam ainda sobre a literatura

fazer parte da função artística e tecem comentários acerca da funcionalidade de uma boa obra literária ao induzir o leitor a reflexão sobre a realidade:

Muito se comenta, no dia a dia, sobre a violência. Crimes, assassinatos, roubos, exploração, discurso de ódio, tudo se faz muito presente na vida cotidiana do cidadão brasileiro comum. Os meios de comunicação e as redes sociais contribuem para uma propagação frenética de informações sobre violência. Além disso, esse tema parece ser discutido em diversos âmbitos da esfera social. (ALMEIDA; PALMA, 2020, p. 03)

Eder Rodrigues Pereira (2000) expõe o cenário da literatura brasileira dos grandes centros urbanos, do espaço ocupado pelo processo migratório, o que levou os escritores a desenharem suas narrativas seguindo o padrão contemporâneo, retratando sua realidade:

Desse modo, visualiza-se nesses escritores um conjunto de fragmentos ou visões da cidade que mostra a degradação urbana, a violência, a lógica da exclusão e a desestabilização dos valores, ou seja, inúmeras variações sobre a cidade que resulta de sua própria condição. [...] Diante desse recorte, verifica-se que as narrativas brasileiras contemporâneas são respostas textuais à problemática urbana, e, com isso, os textos, que aparentemente se mostram como retalhos de uma realidade, presentificam a crise da cidade e a cidade em crise. Diversidade, multiplicidade, fragmentação, degradação e outros termos servem como elementos iniciais para se discutir essa cidade representada nessa literatura que continua e continuará sendo uma paisagem inevitável em nossas vidas. (PEREIRA, 2000, p. 294)

Karl Erick Schollhammer (2009) descreve acerca da adaptação dos escritores diante da mudança de cenário da literatura, tanto na ambientação de seus enredos, quanto nos quesitos que incluem novas culturas, hábitos e comportamentos, trazendo como consequências as variadas formas de violências e discriminações:

A principal tendência da literatura das últimas décadas do século XX podia ser vista no modo como está se apropriava do cenário urbano e, especialmente, das grandes cidades. As novas metrópoles brasileiras tornavam-se palco para uma série de narradores que decidiam assumir um franco compromisso com a realidade social, tendo, como foco preferencial, as consequências inumanas da miséria humana, do crime e da violência. [...] o surgimento incisivo de uma literatura urbana desenha os contornos de uma ficção contemporânea que estaria em sintonia com o conturbado

desenvolvimento demográfico do país. Em cinquenta anos, o Brasil deixou de ser um país rural para se tornar um país que, apesar de sua extensão, concentra quase 80% da população em áreas urbanas e nas grandes cidades. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 22)

Em seus estudos, Emanuel Cesar Pires de Assis e Keury Caroline Pereira da Silva (2020, p. 124) dissertam sobre a realidade aplicada pelos autores nas obras literárias, que “tem sido cada vez mais apontada como suporte de legitimação para representar o realismo no universo literário, principalmente, se encarmos o fazer literário como uma ferramenta de transformação social”.

Os autores questionam as representações de violência aplicadas nas obras literárias, levando em consideração dados históricos baseados nos sofrimentos originários do racismo e da escravidão:

Nessa perspectiva, a violência é uma prática recorrente na sociedade brasileira, vigente em nossa cultura de forma a nos fazer refletir quais são suas causas e seus agentes, e de que maneira as narrativas contemporâneas comportam as expressões violentas do indivíduo. (ASSIS; SILVA, 2020, p.107)

O distanciamento do cânone, não significa que a literatura perdeu suas referências no passado, mas sim que uma nova roupagem artística, no modo de se fazer literatura, tem dominado o mercado editorial. Resende (2008) identifica no cenário literário brasileiro, “o retorno do trágico” (2008, p. 29), tanto nas histórias contadas nos livros, quanto na arte em geral, talvez seja uma marca do efeito do momento pós-globalização, ou quem sabe uma tendência do século. Seja como for, a autora atribui essa evidência às marcas do cotidiano. É o que é rotineiramente apresentado pela mídia, consumido em *streamings* e vendidos nos telejornais, a vida como ela é. A autora define como “múltiplas possibilidades da prosa contemporânea, a violência nas grandes cidades”. (2008, p. 32)

É evidente que são características do momento que a cultura vive hoje, em termos de organização do mundo, que fazem com que elementos como o sentido de urgência, com predomínio do olhar sobre o presente, e a familiarização com o trágico cotidiano atravessem múltiplas obras. O trágico estabelece um efeito peculiar com o indivíduo, supera-o e traça uma relação direta com o destino. Trágico e tragédia são termos que se incorporaram aos

comentários sobre nossa vida cotidiana, especialmente quando falamos da vida nas grandes cidades. (RESENDE, 2008, p.30)

A violência nas grandes cidades é o cenário que estampa as capas das narrativas contemporâneas e o que dá ideia para o enredo das narrativas. A temática aproxima o leitor da realidade, aproxima a ficção, o campo de imaginação da verdade vivida nas grandes urbes. O trágico da vida pós-modernismo, que é retratado na literatura contemporânea, está em toda parte, em toda a cidade, na cultura dos jovens, em todos os lares, permeando a vida em sociedade.

Se a questão da violência, com suas causas e formas de controle, divide governos e políticos, põe em xeque as diversas formas de administrar o Estado, espalha acusações, deixa a população amedrontada e perplexa, a transposição da violência urbana para a literatura também não deixa de ser polêmica. Cada vez mais a crítica literária, sobretudo acadêmica, vem se ocupando do debate em torno do excesso de realismo utilizado nessas narrativas, perguntando-se até que ponto o ficcional não seria empobrecido, numa retomada de recursos anteriores ao moderno. Volta-se à questão dos limites entre o literário, o jornalístico, o sociológico. (RESENDE, 2008, p. 32;33)

Além do que, segundo ela, o cotidiano urbano é o cenário habitual para os enredos acontecerem, é o espaço onde acontecem os diálogos, os questionamentos, em que surgem os conflitos e ao mesmo tempo as soluções para as problemáticas da sociedade. Sendo assim, a cidade, os grandes centros urbanos, formam os centros globais da economia. É nessa cidade, real ou imaginária, que a literatura contemporânea cria seu espaço entre os mais distintos episódios de conflitos e violências urbanas, “o *locus* de conflitos absolutamente privados, mas que são também os conflitos públicos que invadem a vida e os comportamentos individuais” (2008, p. 34). Esse tema da violência urbana é algo que preocupa a autora, pois questiona se pode ser uma “possibilidade inovadora no quadro de produção literária” (2008, p. 34), vindo a se concentrar todo o enredo das literaturas juvenis nesse cenário, criando algo caricato, exclusivamente marcante, limitado e obrigatório nas obras.

Uma coisa serve de reflexão da literatura contemporânea, o fato de nós, como população, nos tornarmos os próprios atores que encenam os cenários das grandes

idades. Resende (2008) tece comentários acerca da crítica literária, da “impossibilidade de olhar a obra sem olhar a cidade real, os habitantes reais”, preocupação que é importante na análise de fenômenos como esses (2008, p. 35).

Daí em diante surge a polêmica: excesso de realidade? Apropriação da realidade que extrapola o âmbito do literário? É inegável que o filão se mostra perigosamente proveitoso, já que falar da violência urbana tornou-se, mercadologicamente, uma boa opção. (RESENDE, 2008, p. 37)

Também definido por Regina Dalcastagnè (2003), em **Sombras da cidade**: o espaço na narrativa brasileira, em que define a migração do espaço rural para o espaço urbano:

O que quer dizer que o espaço, hoje mais do que nunca, é constitutivo da personagem, seja ela nômade ou não. Só convém lembrar que personagens efetivamente fixas na sua comunidade estão quase ausentes da narrativa brasileira contemporânea (era muito mais fácil encontrá-las nos romances regionalistas). Afinal, o país se urbanizou em um período muito curto – o censo de 1960 registrava 45% de brasileiros vivendo em cidades, número que chegaria a 56% em 1970 e a 81% em 2000 – e a literatura acompanhou a migração para as grandes cidades, representando de modo menos ou mais direto as dificuldades de adaptação, a perda dos referenciais e os problemas novos que foram surgindo com a desterritorialização. Assim, o espaço da narrativa brasileira atual é essencialmente urbano ou, melhor, é a grande cidade, deixando para trás tanto o mundo rural quanto os vilarejos interioranos. (DALCASTAGNÈ, 2003, p.12).

No entanto, segundo os apontamentos supracitados, considera-se o fato de que há uma parcela da literatura juvenil que traz em suas histórias discussões a respeito de conflitos sociais e violências urbanas existentes não só nos grandes centros urbanos, mas também nas cidades interioranas, atribuídos ao universo em que o adolescente está inserido, ou seja, cultura, vivência e conhecimento de mundo. Assim sendo, as temáticas que reproduzem fatos do cotidiano se refletem no modo de vida da população na era contemporânea, atributos abordados por escritores nos mais diversos episódios, conforme pode ser contatado na obra *100 mil seguidores* (2019), de Luis Dill.

4 O JOVEM CONTEMPORÂNEO EM 100 MIL SEGUIDORES

Neste capítulo, pretende-se verificar na obra *100 mil seguidores* (2019) as ocorrências de violência - em um recorte social bem específico de jovens, uma camada pequena da elite - que incluem em sua totalidade, não apenas as violências sociais no convívio em sociedade, mas os danos causados a si próprio por seus direitos violados. Por outro lado, a análise busca ainda uma compreensão acerca da maneira intensa que a internet, ou a cultura midiática, cada dia vem causando domínio sobre a vida de uma boa parcela de jovens adolescente dessa nova geração, na era dos *digitais influencers*, das milionárias figuras da mídia digital, populares e bem-sucedidas celebridades instantâneas da *internet*, que ostentam a fama, dinheiro e *status*.

A dinâmica da análise consiste em ir apresentando elementos que fazem parte dos objetivos pré-estabelecidos, a partir das hipóteses levantadas, fazendo comparações com teorias existentes e assim ir desenhando uma linha de apontamentos e interpretações, de acordo com as pesquisas estudadas para sua realização.

Além disso, o trabalho consiste ainda em examinar as tentativas de emulação do digital na obra, por meio de sua gramatização e aplicação de recursos artísticos no produto livro físico, além do envolvimento de componentes da narrativa como a linguagem inserida na temática e a reprodução de constituintes da vida pós-moderna no texto ficcional, como nas ações das personagens. A pretensão nessa parte da análise é de verificar e refletir acerca da aplicação desses recursos literários como auxílio na composição de uma obra estética, que influencie o leitor no interesse pela leitura do gênero romance literário juvenil.

Para tanto, verifica-se o comportamento do jovem no contexto contemporâneo e o retrato dessa figura na obra ficcional. Na obra em questão, essa análise é realizada por meio das três personagens (Carolina, Ana e Ticiane), detalhando suas angústias de adolescentes, os enfrentamentos da vivência em sociedade, no âmbito familiar e todas as problemáticas ligadas à delicada fase transitória da adolescência. Discute-se temas tabus e fraturantes, como o isolamento social, a automutilação e o suicídio.

4.1 RELAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS DA NARRATIVA

Para que a análise alcance os resultados esperados, a mesma se ancora no embasamento teórico de Antonio Candido (2011), que apresenta os conceitos de construção do romance, cuja narrativa é sustentada em três bases: o enredo, as personagens e as ideias (temas a serem tratados). Dentro dessa premissa, à primeira vista já se observa que Luis Dill constrói sua obra, criando a partir dessas três personagens todo um enredo, uma história contada através da narrativa, e as ideias, partindo assim, dos três elementos centrais do romance, segundo a teoria em *A Personagem de Ficção* (2011).

Antonio Candido (2011) ressalta que os três elementos – enredo, personagem e ideias – estão intrinsecamente interligados. Um bom enredo deve estar povoado por personagens bem desenvolvidos, cujas ações e evoluções revelam e exploram as ideias centrais da narrativa. Da mesma forma, as ideias devem emergir naturalmente das interações entre o enredo e os personagens, garantindo uma narrativa coerente e significativa.

No desenvolvimento da teoria, essas três bases são fundamentais para a construção de uma narrativa eficaz e verossímil, pois garantem que todos os elementos da história estejam harmoniosamente interligados, proporcionando ao leitor uma experiência de leitura coesa e envolvente, profunda e enriquecedora. Ainda destaca que, ao equilibrar essas três bases, o autor consegue criar uma obra literária que ressoa com o leitor, oferecendo uma ilusão de realidade que enriquece a experiência ficcional. Esses elementos são fundamentais para a criação de uma narrativa rica e coerente.

Partindo dessa questão colocada por Candido (2011) acerca dos três pilares de um romance, esse conjunto precisa manter uma relação de comprometimento, devendo estar “intimamente ligados”, para assim constituir a qualidade de um romance, sendo que “a personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos” (2011, p 54). Consequente a esse conceito, o autor apresenta as seguintes considerações:

O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da

vida que decorre dele, os significados e valores que o animam. [...] Tome-se a palavra “ideia” como sinônimo dos mencionados valores e significados, e ter-se-á uma expressão sintética do que foi dito. Portanto, os três elementos centrais dum desenvolvimento novelístico (o enredo e a personagem, que representam a sua matéria; as “ideias”, que representam o seu significado, — e que são no conjunto elaborados pela técnica), estes três elementos só existem intimamente ligados, inseparáveis, nos romances bens realizados. No meio deles, avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. (CANDIDO, 2011, p. 53-54)

Nessa perspectiva de conceito apresentado pelo teórico acerca dos três elementos centrais de um romance, Dill constrói as personagens de sua obra criando uma relação com perfis de pessoas da nossa realidade, verossímil, com questões que retratam o comportamento e os costumes de um modelo específico de adolescente, que vive em função das redes sociais, não é adepto à leitura de textos longos, tornando-se dessa forma, pessoas vazias, jovens alienados pelas armadilhas da tecnologia da contemporaneidade, que mascara o mundo real através das redes sociais, criando um universo de ilusões e um mundo de faz de conta.

Na análise da obra, são apresentados exemplos obtidos a partir do perfil comportamental da personagem Carol, que não gosta de ler e só passa por manchetes e títulos de notícias da internet. Sua euforia em acreditar em tudo o que aparece na internet faz com que a garota caia em golpes de *fake News*, como no episódio em que uma das influenciadoras que ela segue e tem tanto prestígio é descoberta como sendo uma personagem inventada e a atriz que a interpreta assume que nada mais era que uma invenção da internet. Outro acontecimento de destaque se dá por meio da descoberta do perfil falso do atraente professor de educação física, por quem a garota estava seduzida ao ponto de não perceber que se tratava de um perfil de rede social criado por garotos da escola.

Para Candido (2011), a verossimilhança é um aspecto fundamental para a eficácia de uma narrativa. Ele argumenta que uma obra literária deve construir um mundo ficcional que respeite suas próprias regras internas, criando uma ilusão de realidade que permita ao leitor suspender a descrença e se engajar plenamente na história, alcançando um grau de convicção com tamanha força, ao ponto de confundir o leitor com essa aparência da realidade. As três personagens fictícias têm coerência, simulando o comportamento de uma parcela de jovens da elite social.

Segundo o conceito de Candido, o romance se baseia nessa aproximação direta do ficcional com o real, ou seja, a relação que se dá entre a criação da fantasia (o ser fictício) com o ser vivo, na concretização do personagem, estabelecendo “afinidades e diferenças essenciais para criar o sentimento de verdade” (2011, p. 55).

A verdade da personagem não depende apenas, nem sobretudo, da relação de origem com a vida, com modelos propostos pela observação, interior ou exterior, direta ou indireta, presente ou passada. Depende, antes do mais, da função que exerce na estrutura do romance [...]. Assim, a verossimilhança propriamente dita, — que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção igual a vida), — acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil. Conclui-se, no plano crítico, que o aspecto mais importante para o estudo do romance é o que resulta da análise da sua composição, não da sua comparação com o mundo. Mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ela só parecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente. (CANDIDO, 2011, p.75)

Conclui-se então que, de acordo com o teórico, a verossimilhança, em termos literários, refere-se à coerência interna de uma obra, à capacidade de criar uma realidade fictícia que, mesmo sendo inventada, parece crível aos olhos do leitor.

Outrossim, ao tratar da verossimilhança na narrativa, pode-se destacar e demonstrar os seguintes itens:

1. **Coerência Interna:** Candido enfatiza que a verossimilhança depende da coerência interna do texto. Isso significa que, dentro do universo criado pelo autor, os eventos, personagens e ambientes devem seguir uma lógica própria e ser consistentes entre si.
2. **Relação com a Realidade:** Embora a verossimilhança não exija uma correspondência exata com a realidade empírica, ela precisa estabelecer uma relação plausível com a experiência do leitor. A obra deve ser capaz de convencer o leitor de que aquilo que está sendo narrado poderia acontecer dentro do universo ficcional criado.
3. **Suspensão da Descrença:** Candido destaca a importância da suspensão da descrença, conceito introduzido por Samuel Taylor Coleridge (1817)⁴. Para que

⁴ A suspensão da descrença é um conceito introduzido por Samuel Taylor Coleridge em 1817, evoluindo desde então até à sua atual definição mais comum como: a suspensão temporária e voluntária do pensamento crítico e do raciocínio lógico para efeitos de entretenimento para disfrutar de

uma obra seja verossímil, o leitor deve ser capaz de aceitar provisoriamente as premissas da ficção como verdadeiras enquanto está imerso na leitura.

4. **Complexidade dos Personagens:** A criação de personagens críveis e complexos é crucial para a verossimilhança. Personagens devem ter motivações, comportamentos e desenvolvimento que façam sentido dentro da narrativa, evitando estereótipos e superficialidades.
5. **Contexto Histórico e Social:** Em suas análises, especialmente das obras brasileiras, Candido reconhece a importância do contexto histórico e social na construção da verossimilhança. Obras que refletem fielmente as condições e os dilemas de seu tempo tendem a ser mais verossímeis.

Em suma, para Antonio Candido (2011), a verossimilhança é um elemento central para a eficácia da literatura, permitindo que a ficção crie uma realidade convincente e envolvente para o leitor. Ele acredita que a capacidade de um texto de ser verossímil é um dos indicadores de sua qualidade literária.

Portanto, a análise da obra *110 mil seguidores* (2019) integra em seu foco narrativo a verossimilhança com acontecimentos e fatos mundanos do cotidiano de uma parte de uma determinada classe social de jovens adolescentes e a realidade do que acontece em alguns lares.

Para o enriquecimento das reflexões acerca da vida e comportamento do jovem contemporâneo, a análise ainda contempla os conceitos do sociólogo Bauman (2004), em estudos que trazem uma grande contribuição com seus apontamentos acerca da vivência de um nicho social de jovens, relacionando-os aos novos costumes da pós-modernidade, às aceleradas mudanças comportamentais, devido aos avanços tecnológicos e suas influências no cotidiano dos indivíduos. Além do mais, é importante refletir que temas tabus levantados na narrativa podem servir como um alerta aos pais de adolescentes e um grito de socorro a esses jovens, que atravessam pela fase mais complexa e delicada para alcançar a maturidade. O adolescente

precisa ser ouvido, é necessário que haja mais diálogos, interesse da parte dos pais e entendimento de suas carências, aflições e angústias.

4.2 O ENREDO DE 100 MIL SEGUIDORES

A obra *100 mil seguidores* (2019) tem como foco uma pequena camada social da elite, ou seja, a representação da alta sociedade elitizada, despreocupada com as dificuldades dos menos favorecidos ou faixas econômicas mais baixas. Os jovens contextualizados na narrativa não têm preocupação financeira e nem consciência de uma educação financeira. São providos financeiramente com tudo o que querem e podem comprar o que desejam. São personagens com tipologias que afirmam essa discordância entre classes sociais menos favorecidas, sendo brancos, heterogêneos, não apresentando personagens característicos das diversidades em suas narrativas, como LGBTQIA+, nem negros. O pobre é representado por personagens secundárias, por meio da empregada doméstica Gilda e da atriz desempregada Enilda Monteiro dos Santos, moradora na periferia de Goiânia, que inventou a personagem *fake* da fashionista Veronica Burrows.

Dill recorta um extrato social de uma classe de indivíduos ricos, brancos e dominantes, criando o enredo das três jovens personagens femininas: Carol, de 16 anos, sua irmã Ana, de 13 anos, e sua melhor amiga Ticiania, também de 13 anos, trazendo para a discussão o perfil de um segmento de adolescente da contemporaneidade.

A história tem como pano de fundo o cenário tranquilo da cidade interiorana de Cerro Azul do Sul, cidade fictícia, que na trama está situada a 20 km da capital Porto Alegre. Carol é quem faz menção à capital, dando ideia de que sua cidade está localizada em região serrana: “Depois de muito remexer na montanha de blusas, calças, camisas e camisetas, ela contata a mãe por meio de mensagem. Está furiosa, diz ser urgente descerem a Porto Alegre. Não tem o que vestir”. (2019, p.37). Em outra passagem recebe a resposta da mãe: “Em casa, Carol se indigna com a mensagem da mãe dizendo que, tão cedo, não descerão a Porto Alegre”. (2019, p. 49).

O enredo é movimentado em torno de duas narrativas. Na primeira, retrata a personagem Carol que vive em função das redes sociais e ambientes interativos da

internet, na busca constante pela visualização, por curtidas e por engajamento de suas postagens. Trata-se do tema da dependência às mídias sociais e da espetacularização da imagem. A outra sequência narrativa aborda problemas psicológicos graves de automutilação e suicídio por meio das personagens Ana e Ticiania.

A narrativa inicia com a personagem Carol. Na ação da primeira cena, a garota está tirando *selfies* para postagem em suas redes sociais.

Carol faz biquinho, a boca bem vermelha. Levanta o queixo, arregala os olhos. Estica o braço com o celular, se enquadra e tira a foto.

Nem confere, sabe que ficou bem, tem experiência. Com rápidos movimentos de polegares, posta imagem na sua rede social. (DILL, 2019, p. 09)

Carol é apresentada como uma garota viciada em redes sociais, visto que, na mesma cena, acessa perfis de pessoas famosas e bem engajadas nas redes. Em meio a esses perfis, acessa também o de sua prima Louise, ex-moradora da cidade e sua amiga de infância que, ao entrar para uma famosa agência de modelos e fazer fotos, começou a viajar a trabalho por todo o país, até que surgiu a oportunidade de morar sozinha fora do Brasil, na Ásia, em Hong Kong. Ao mesmo tempo que navega pelas páginas, está muito atenta aos cliques *recebidos* naquele instante em sua recente postagem, que por sinal são poucos.

Em outras situações contadas, paralelamente, estão a narrativa de Ana e Ticiania, de enfrentamento das mais delicadas situações típicas da fase da adolescência, envolvendo depressão do adolescente em fase de transição entre a infância e a idade adulta, em que se percebe a falta de compreensão dos pais, os conflitos internos e as carências afetivas e de atenção. Para tanto, o autor desenha no decorrer de sua história o perfil de cada uma delas, suas especificidades, comportamento e personalidade. Tudo muito próximo ao perfil desse tipo de adolescente que passa pelas mesmas situações, com linguagem simples, direta e de fácil entendimento e assimilação das mensagens que se pretende passar.

Na sequência narrativa em que é apresentada a personagem de Ana, na cena, é descrita sua rotina de menina organizada, que acorda no horário certo e de imediato arruma sua cama e mantém seu quarto em ordem. No entanto, ao apresentar um

exemplo de organização com o próprio quarto, é descrito que aquele ambiente vive fechado, com cortinas cerradas, ao que a empregada Gilda compara a uma caverna, onde a menina, quando em casa, vive trancada e à penumbra. Nessa parte de sua apresentação, já fica explícito ao leitor o perfil depressivo e de isolamento social da personagem.

Ticiane aparece na história bem à frente, quando Ana apresenta ao leitor a amiga. Foi através dela que Ana conheceu as lâminas e a prática da automutilação. Isso acontece três capítulos após cenas intercaladas entre as histórias de Carol. Ticiane só ganha narrativa própria no capítulo 9, onde começa a interação entre as amigas. Há o relato de que seu namorado Pedro terminou o romance pela rede, em um post com menos de 140 caracteres, deixando-a muito indignada e inconformada. Após esse relato, as meninas continuam a dialogar sobre suas tristezas, problemas das famílias, do futuro e das suas insatisfações.

A trama das duas amigas gira em torno de dois conflitos centrais, nos quais se estrutura toda sua narrativa, num jogo de cenas que intercalam entre as personagens dos núcleos, onde o primeiro é construído em volta de Carol, que tem como objetivo alcançar seus objetivos na internet a qualquer custo, se valendo de todas as artimanhas que achar necessárias. Carol não percebe a violência que está por trás do uso da mídia, dos efeitos prejudiciais – exposição da pessoa; uso sem limites, perdendo seu tempo, não estudando, dormindo mal, alimentando-se incorretamente, enfim, prejudicando seu futuro e sua saúde. De um outro lado, se desenvolve a história de Ana e Ticiane, duas amigas que se identificaram e enfrentam juntas as aflições do início da adolescência e suas frustrações com o ambiente familiar e o convívio social.

Dessa forma, a narrativa se desenrola em duas partes, que oscilam entre os ambientes virtuais, abordando a dependência virtual e cibernética por meio da personagem Carol, que tem como ambientes sua casa, seu quarto, a piscina e em outros momentos a escola, a praça central da cidade e o Café Buoníssimo. Ana e Ticiane também são inseridas praticamente nos mesmos ambientes, ou seja, campo virtual, casa e escola. A obra segue característica típica dos romances juvenis, que transita entre diferentes cenários, ambientes e tempo cronológico.

Os pontos de maior tensão na história são ligados ao ritmo narrativo em que são desenvolvidas as ações de Carol, desesperadamente em busca de curtidas e

engajamento nas redes sociais, sempre em movimentos narrativos rápidos e precisos, mantendo o fluxo de ideias, criando uma tensão gradativa a cada acontecimento.

As personagens Ana e Ticiane são construídas em situações mais delicadas e sentimentais, com atividades voltadas a comportamentos depressivos, que transitam entre temas fraturantes originários da contemporaneidade e presentes na realidade dos jovens adolescentes, como a falta de estímulos com a interação social, em que se observa o desinteresse pelo futuro, pensamentos negativos, a falta de vontade de viver e a obsessão pela morte como forma de resolução dos problemas. As personagens vivem na narrativa momentos de muita tensão que despertam a comoção do leitor com as cenas pesadas de automutilação, como forma de sanar as suas angústias, em cenas angustiantes e de muito sofrimento.

Em partes, e num mesmo ritmo narrativo, as histórias das três personagens despertam a reflexão direta sobre a delicada temática da depressão no adolescente, a não aceitação do corpo e rejeição causada por estar fora dos padrões do corpo perfeito, impostos pela sociedade, ou ainda na submissão em se adequar às regras impostas para se encaixar em determinados grupos e ser aceito em variadas culturas, com seus valores e suas regras impostas. De outro lado, a reflexão acerca da abordagem às sensíveis assuntos tabus, difíceis de serem tratados por pais e nas escolas, como a prática da exposição do corpo, da sexualização da criança, dos perigos do uso desenfreado da internet, da depressão, da automutilação e o suicídio.

Os eventos e ações criados por Luis Dill para a construção de sua história são apresentados em acontecimentos paralelos, tendo como objetivo narrativo a dependência tecnológica no uso demasiado da internet, mais especificamente ligado às redes sociais e à necessidade da visualização e curtidas na busca pelo engajamento na rede, lançando reflexões dos riscos que permeiam a *internet*.

O caso vivenciado na ficção pela personagem Carol é fato verossímil, muito próximo à realidade de alguns jovens de classe média alta, conforme discutido na presente análise com o embasamento de Candido (2011). Em algumas escolas, professores enfrentam problemas gravíssimos em relação ao uso de celulares durante as aulas. Um enfrentamento que escolas buscam por alternativas, estratégias e metodologias ativas na tentativa de integração do celular à sala de aula, como discute Marley Guedes da Silva (2012), ao defender a mudança da restrição do uso pela apropriação do celular de forma construtiva na sala de aula, como uma ferramenta

essencial para facilitar pesquisas e busca de informações, calendário de datas importantes, calculadoras, criação de vídeos e instrumentos de interação, fazendo parte da aula.

As dependências tecnológicas afetam tanto a vida do jovem estudante, quanto em suas relações sociais, em que o adolescente dá preferência, muitas vezes, a jogos online, por exemplo, do que a um passeio entre amigos, uma conversa ou um encontro pessoal. Cada vez mais, há o isolamento das práticas sociais por consequência do uso da internet, ocasionado, inclusive, detrimento de valores. Thayse de Oliveira Silva (2016) discute acerca da fase da adolescência, em que a utilização da tecnologia de forma descontrolada acarreta desequilíbrio cognitivo, desencadeando problemas sério como transtorno de déficit de atenção, comprometimento da linguagem e comunicação, transtornos obsessivos e ansiedade. Um conjunto de agravantes que afetam diretamente a aprendizagem.

Além do mais, fica subentendido na obra as críticas voltadas à criação de alguns jovens, do imediatismo por respostas e soluções para as problemáticas enfrentadas. Em diversas ocasiões, observa-se um estilo de vida entre adolescentes caracterizado por altos níveis de ansiedade, impaciência diante do desenvolvimento gradual de ciclos e a tendência a pular etapas. Esses jovens, frequentemente, demonstram ausência de planejamento, reflexão sobre suas ações e uma limitada consciência das consequências de seus atos. Além disso, nota-se uma falta de questionamento crítico e um desinteresse em se engajar com questões que não estejam diretamente relacionadas aos seus interesses pessoais. Pouco se vê, atualmente, as tradições familiares, os costumes deixados por nossos antepassados. Parece haver apenas um ser vazio, sem referências, onde tudo o que se importa é o que se vive hoje, no momento presente, num ritmo frenético, que acompanha a velocidade dos acontecimentos.

Outra parte culminante na narrativa, de muita tensão, é movimentada em torno das personagens Ana e Ticiane, as quais o autor distribui ações interligadas, em eventos comungados pelo mesmo perfil de adolescente, que passam pelas mesmas aflições e problemáticas familiares, da não aceitação de seu corpo e de isolamento social. Uma passagem na narrativa em que mostra as duas comungando das mesmas aflições acontecem nas páginas 23 e 24, onde Ticiane mostra para Ana os cortes feitos, respondendo à pergunta se doem para fazer, dizendo que não, que cortar alivia.

A partir desse momento em que Ticiane apresenta a prática de mutilação à Ana, desperta na amiga a curiosidade e o interesse em se cortar, já que deu a entender de que os cortes aliviam as dores da alma.

A partir desse momento, Ana adere à prática e inicia seus cortes e assim o processo de mutilação entre as duas vai ganhando proporção cada vez maior e aumenta também os encontros virtuais, em que, de certa forma, disputam quem se mutila mais, como se fosse estabelecido um campeonato onde quem manda é o grau de sofrimento.

Durante o transcorrer da história, acontecem vários episódios de interação das duas amigas em momentos tensos e de grande carga emocional, o que dá um ritmo de emoção à narrativa, eleva o clímax do enredo e amarra a atenção do leitor, que se identifica com suas trajetórias dentro da narrativa, retratando o universo que pertence a esse público de jovem leitor, alvo da narrativa juvenil.

Seus enredos apresentam o conflito central da mutilação como forma de amenizar as dores dos seus sofrimentos, levando a história para uma sequência inesperada pelo leitor, o suicídio *on-line* da personagem Ticiane.

O enredo segue a sequência narrativa, variando entre os dois núcleos até o fim da história, sem que as três personagens tenham qualquer momento de interação em um mesmo acontecimento. No enredo de Carol, sua história se estrutura no clímax da descoberta dos perfis *fakes* do professor Emerson Maciel, deixando-a com um certo pavor ao pensar que aquela prática ilegal, de falsidade ideológica, poderia lhe render algum dano, ou mal-estar ocasionado por sua troca de mensagens, resultando em acareações por parte da polícia e até mesmo o acionamento de seus pais, devido ao fato de ela ainda ser menor de idade. Em seguida, a carga de emoção continua com o anúncio frustrante em um site de fofocas noticiando a descoberta da farsa armada pela atriz brasileira Enilda Monteiro dos Santos, que dava vida à *influencer* fashionista Veronica Burrows.

As narrativas de Ana e Ticiane se distanciam em uma das passagens da história em que Ana se aproxima do personagem Renato Augusto. Os dois são colocados em par para realizar um trabalho da disciplina pela professora de Geografia, criando uma relação de afinidade ainda não vivenciada pela personagem Ana. Cria-se uma nova inquietação e uma expectativa diferente ao ambiente tenso que a narrativa vinha até então construindo com a sequência de automutilações das duas

amigas. Após os episódios de emoções mais leves entre Ana e Renato Augusto e toda a interação que se desenvolve entre os dois, voltam ao cenário os episódios de Ana e Ticiane e o peso emocional das ações comportamentais das duas é retomado, e o ambiente pesado com foco na mutilação volta a ser destaque na narrativa.

Logo na sequência, as histórias das duas amigas têm um desfecho triste, após a tensão que gera o clímax da narrativa delas, com a cena do suicídio de Ticiane durante uma *live* na presença de internautas que a instigam a praticar o ato brutal diante de seus olhos, atingindo com isso a marca de 100 mil seguidores nas redes sociais.

A ordem cronológica da narrativa varia entre as duas ambientações, de forma linear, sem a presença de *flashbacks*. Nas cenas em que Carol está em casa fazendo suas *selfies* para as postagens acontecem em tempos variados, haja vista que, as ações são corriqueiras durante todo o momento em que a garota está em casa, acontecendo no início da trama em seu quarto diante do espelho, geralmente nos períodos noturnos ou da madrugada. No decorrer dos acontecimentos, suas cenas se dão na parte externa da casa, na piscina, durante o dia, na parte da tarde. Há na narrativa a marcação do tempo em que estudam, no período da manhã, como por exemplo nos trechos: “Depois da escola, Carol em casa, larga mochila na sala com estrondo e sobe até seu quarto”; “É Gilda. Ela passa meio corpo pelo vão. Traz a mochila de Carol e diz que o almoço está servido” (2019, p. 30).

As três meninas estudam na mesma escola, no mesmo período. Se cruzam sempre pelo pátio, mas em momento nenhum interagem. Ana não gosta da irmã, sente vergonha de suas atitudes e da forma que ela se expõe na internet e do abaixo-assinado, movimentado por ela contra a professora de História, pedindo sua demissão da escola. Os diálogos de desabafos com a amiga Ticiane acontecem geralmente no horário noturno e adentram a madrugada, assim como também as práticas da automutilação, horário que todos da casa estão dormindo, ou recolhidos em seus quartos, inclusive Carol. Durante a manhã, as amigas estão o tempo todo juntas na escola, salvo nos episódios em que Ana estuda com Renato Augusto na biblioteca, fazendo o trabalho de Geografia. No período, após a escola, se falam pouco, pois Ana gosta de estudar e ler poesias.

O ritmo da narrativa é frenético, as cenas são breves, divididas em capítulos curtos, que não cansam o leitor. Há a presença de elipse entre os capítulos e essas

mudanças de núcleo se dão muito brevemente, entrelaçando as histórias que acontecem de forma paralela. São episódios muito bem estruturados, com ideias acontecendo numa constante de emoções que vai criando expectativas no leitor e o preparando para cenas futuras à espera do clímax que parece estar sempre a acontecer a qualquer momento, principalmente, nas cenas de tensão entre Ana e Ticiane, em que se cria uma expectativa de serem flagradas em pleno ato de mutilação, sendo descobertas e tendo a prática cessada, vindo a ganhar o apoio dos pais e o devido auxílio psicológico. Um ritmo que se mantém até o final dos episódios que fecham os dois núcleos.

A história passa por pontos de virada com as três personagens. Com Carol acontece quando descobre que tudo que ela buscava era uma farsa, tudo mentira, armação, enganação. A descoberta do perfil *fake* do professor de educação física Emerson Maciel, criado por meninos da escola, foi um grande choque para ela que estava encantada por sua figura e mantendo as esperanças de que aconteceria um envolvimento romântico entre os dois. No mesmo momento, a grande decepção com a descoberta da personagem criada da influenciadora fashionista Verônica Burrows, sua referência na internet, a quem dispensava grande admiração e se inspirava. Os dois acontecimentos, junto ao suicídio assustador da amiga da irmã, fizeram com que a garota ficasse paralisada, sem ação, sem falar de sua indignação com o fato de que, por meio do suicídio ao vivo numa *live*, Ticiane teve em seu perfil a marca de 100 mil seguidores, o que ela tanto almejava alcançar com suas postagens. “Carol não acompanhou a irmã, estava estranhamente paralisada” (2019, p. 102).

O destino de Ana talvez tenha mudado a rota, no momento em que ela se aproximou de Renato Augusto. O envolvimento com o garoto tirou de foco os problemas da amiga Ticiane, que de certa forma ela vivenciava. Esqueceu também dos seus próprios problemas, pois na interação com o novo amigo, novos assuntos eram colocados em pauta e acabava esquecendo um pouco da solidão do seu quarto e da ausência dos pais. Ao lado de Renato Augusto, se sentia ouvida, compreendida e não era julgada pelos seus atos.

A atitude da professora de Geografia, ao escolher Renato Augusto para formar dupla com Ana, pode ser analisada pelo viés de que foi algo planejado pela educadora, haja vista que conhece o perfil de Ana e, propositalmente, pode ter escolhido um aluno extrovertido para fazer um equilíbrio entre ambos e promover sua

socialização, despertando nela a interação com pelo menos um colega da sala, ao mesmo tempo que tenta neutralizar toda agitação do garoto. Para Ana, foi motivo de se questionar e de antemão lhe causou até mesmo certo estranhamento.

No primeiro período após o intervalo, a professora de Geografia coloca Ana ao lado de Renato Augusto, conhecido como Furacão Loiro pelo seu comportamento inquieto. Ele está sempre agitado, levanta, caminha pela sala durante a aula, gosta de falar, de perguntar, de participar de tudo à sua volta.

No primeiro momento, Ana pensa em algum tipo de castigo, mas abandona a ideia. Não bagunça, sempre faz os temas, presta atenção e tira boas notas. Só não gosta de falar. Para os colegas ela é a Mudinha, mas isso não seria motivo de punição.

Nunca reparou no menino, aliás, não repara neles em geral. Acha-os insuportáveis. São brutais e barulhentos. (DILL, 2019, p. 31-32)

Talvez, se não tivesse se afastado por esse período e continuado ao lado de Ticiania, poderia ter sido impulsionada a também cometer o suicídio, já que a conexão das duas era tão forte e havia uma plena interação dos problemas que eram tão similares. Ana era influenciável, tanto que começou a praticar a automutilação por intermédio de Ticiania, que já a praticava.

As mudanças, se ocorreram ou não nas vidas das irmãs Carol e Ana, ficam por conta da imaginação do leitor, como conceito de Umberto Eco (1962), deixando a critério do leitor a interpretação do desfecho da obra, o final de cada personagem e as possibilidades do que pode ter acontecido com cada um deles. O conceito que o teórico chama de obra aberta, principal característica de suas próprias escritas. Partindo dessa premissa, o desfecho de Carol e Ana fica aberto a diversas hipóteses a cargo do significado que o leitor desejar dar em sua interpretação.

A violência é um dos temas principais mais explorados por meio do enredo. As ocorrências se tornam visíveis aos olhos do leitor, de fácil interpretação, quando são expostas diretamente, como nas práticas de *bullying* com as três personagens. Da mesma forma, ambas se sujeitam ao sofrimento causado pelas problemáticas familiares e as perturbações conflituais da adolescência. A violência também está marcada de forma velada à narrativa, no sofrimento oculto no perfil das personagens, por meio de análises de situações que envolvem o jovem na fase de transição, suas aflições, seus medos, suas dúvidas, suas perguntas sem respostas, a falta de compreensão e apoio dos pais. Ela está em Carol, no uso demasiado do celular, na

tristeza que toma conta de Ana e na revolta com os pais que insiste em incomodar o espírito de Ticiania.

A mudança comportamental da era contemporânea é muito bem delineada na narrativa. Assim como é contextualizado na análise das personagens a perda de valores éticos, morais e dos costumes tradicionais. Hipoteticamente, essas especificidades acarretam todos os focos conflituais que envolvem ambiente familiar, vivência em sociedade, vida escolar e demais relações entre os indivíduos. Os acontecimentos ficcionais que Dill narra por meio das personagens de *100 mil seguidores* é o retrato dessa sociedade pós-moderna, que apresenta evidências de mimetização com a contemporaneidade.

Na obra, a leitura acontece sem a interferência do narrador, que é heterodiegético⁵, em terceira pessoa. Esse narrador está ausente, não participa diretamente da história, do seu universo narrativo. Apenas a narra, sem manifestar qualquer opinião ou pensamento acerca das três personagens principais, mantendo uma visão mais distante dos fatos e dos acontecimentos. O narrador em *100 mil seguidores* se mantém numa igualdade entre o narrativo e o ficcional.

O narrador conserva a imparcialidade e a objetividade, descrevendo apenas o que pode ser observado externamente. Não tem acesso aos pensamentos das personagens, não prevê acontecimentos futuros, nem tão menos é uma história que usa recursos de *flashbacks*. Não há de sua parte comentários ou julgamentos sobre eventos ou comportamentos, a narração se restringe às ações e aos diálogos, se mantendo neutro e distante. Como os pensamentos internos não são acessíveis, os diálogos entre os personagens se tornam uma das principais formas de transmitir informações e desenvolver a trama.

O narrador utiliza-se do foco narrativo câmera, visto que não revela os pensamentos e sentimentos internos das personagens. Tudo é inferido pelo leitor a partir do comportamento e dos diálogos. O foco narrativo câmera é uma técnica eficaz para criar uma narrativa objetiva e imparcial, permitindo ao leitor observar os eventos como se estivesse assistindo a um filme. Embora possa limitar a profundidade emocional e psicológica da história, ele oferece uma experiência de leitura imersiva e

⁵ O narrador heterodiegético, segundo Gerard Genette em seu livro *Discurso da Narrativa* (1979), é um narrador que está externo à história contada, ou seja, que não faz parte do universo ficcional narrado e tem uma visão mais distanciada dos eventos.

direta, em que a interpretação dos eventos e dos personagens é deixada em grande parte para o leitor.

O foco narrativo câmera faz parte da Tipologia de Norman Friedman que organiza em oito as categorias de narradores. Câmera é a última de sua lista e marca um ponto máximo de exclusão do autor na narrativa. Nessa tipologia, as narrativas são construídas em flashes fragmentários, onde o narrador não interfere na mente de nenhuma personagem, dando a impressão de que apenas narra sob o olhar de uma câmera, sem seguir uma linearidade, algo bem definido na narrativa de *100 mil seguidores* (2019), onde as narrativas vão desenhando em flashes de cenas que demarcam os enredos dividido em dois núcleos, o de Carol e das amigas Ana e Ticiania.

Em *100 mil seguidores* (2019), o narrador observador age como um observador externo que vê e registra os eventos à medida que ocorrem, sem influenciar ou interagir com eles. A atenção aos detalhes externos e visuais pode ser bastante detalhada, proporcionando ao leitor uma clareza do ambiente e das ações dos personagens.

O cenário de uma cidade pacata de interior contrasta com aquilo que o leitor imagina que seja diferente dos grandes centros urbanos, mas o enredo da obra deixa bem explícito que as problemáticas sociais são acontecimentos generalizados, independente da região geográfica. O ambiente escolar, as manifestações de violências que abrangem as culturas da prática do *bullying* são de mesmo grau, assim como o preconceito, a discriminação, os diversos conflitos sociais e os problemas de núcleos familiares.

Os conflitos em *100 mil seguidores* (2019) não se referem a problemas socioeconômicos, pois fica bem claro na narrativa que as personagens, mesmo morando em uma cidade pequena e interiorana, pertencem a famílias bem estruturadas financeiramente. Tanto que as irmãs Carol e Ana têm livre acesso a cartões de crédito dos pais, no qual mantêm gastos relevantes em compras pela internet, como são explicados na narrativa em momentos que Carol faz compras de roupas para compor seus novos figurinos para as fotos de sua rede social e Ana compra o Estojo Alemão, conjunto de lâminas importadas para prática de automutilação.

Talvez, o fato de terem tudo muito fácil por causa de os pais darem liberdade de acesso aos bens materiais, como o uso de cartões de crédito sem restrições e fiscalização dos gastos, como uma forma de compensar a ausência por intermédio dos compromissos profissionais, tornam-nas pessoas consumistas, sem terem sequer noção dos gastos.

4.3 AS PERSONAGENS DE *100 MIL SEGUIDORES*

Nas produções de Dill, é perceptível em suas obras a valorização das personagens, na dramatização de suas ações e nos aspectos psicológicos que permeiam seus perfis. Antonio Candido (2011) apresenta seus escritos acerca dos estudos da Teoria da Literatura, especificidades dos personagens do romance. Na esfera do texto literário, o teórico define o caráter ficcional ôntico, muito próximo da realidade, com imagens projetadas e ligadas a pessoas reais.

Além disso, o teórico atribui ao personagem da ficção, no texto literário, um valor representativo que depende essencialmente da oração. É ela quem delimita o personagem, seja na linha que segue uma normalidade com a contemporaneidade ou no seu afastamento adentrando ao universo ficcional. “De certa forma, as orações de um texto projetam um mundo bem mais fragmentário do que a nossa visão já fragmentária da realidade (CANDIDO, 2011, p. 32). Mesmo assim, na representação desse personagem, seguindo a aproximação com o real, a oração não deixa de fazer seu papel intencional como arte da representação, delimitando e trazendo ao leitor em algum momento, a percepção do objeto ficcional, pois, segundo as palavras do próprio Candido (2011), “em todas as artes literárias e nas que exprimem, narram ou representam um estado ou estória, a personagem realmente “constitui” a ficção” (2011, p. 31)

Segundo Candido (2011), as personagens são os seres fictícios que vivenciam os eventos do enredo. Eles são essenciais para dar vida e profundidade à narrativa. Candido destaca:

- **Caracterização:** Refere-se à construção dos personagens, incluindo suas características físicas, psicológicas e sociais. Uma boa caracterização torna os personagens críveis e tridimensionais.
- **Desenvolvimento:** Os personagens devem evoluir ao longo da história, mostrando crescimento, mudança ou revelação de novas facetas. Essa evolução pode ser resultado das experiências vividas durante a narrativa.
- **Função na Narrativa:** Cada personagem deve ter um papel claro na história, contribuindo para o desenvolvimento do enredo e a exposição das ideias. Existem personagens principais, secundários e figurantes, cada um com sua importância específica.

Acerca dos apontamentos discutidos acima, no excerto abaixo o teórico exprime com muita precisão seu conceito em relação ao tema:

O autor pode realçar aspectos essenciais pela seleção dos aspectos que apresenta, dando às personagens um caráter mais nítido do que a observação da realidade costuma a sugerir levando-as, ademais, através de situações mais decisivas e significativas do que costuma ocorrer na vida. Precisamente pela limitação das orações, as personagens têm maior coerência do que as pessoas reais (e mesmo quando incoerentes mostram pelo menos nisso coerência). (CANDIDO, 2011, p. 35)

A análise a seguir, verificará a caracterização de cada personagem, seu desenvolvimento e sua função dentro da narrativa.

As irmãs Carol e Ana moram em uma casa nada modesta, que possui um pátio com piscina e cada uma tem seu próprio quarto. Os pais formam um casal bem atarefado com seus compromissos profissionais, profissões que o escritor não deixa definidas na obra, mas dá entender que são muito bem remunerados, tanto pela casa e a vida financeira que proporcionam às meninas, que têm acesso livre a gastos com cartão de crédito.

Outro detalhe explícito é que esses pais param muito pouco em casa, mesmo assim fazem questão de manter a rotina de deixar as meninas na escola. Entretanto, na maior parte do tempo, estão ausentes, tanto que atribuem à Gilda, a empregada, que eles chamam respeitosamente de ajudante, a responsabilidade de cuidar da organização da casa, da alimentação e cuidados com as filhas. Conforme informação

da narrativa, Gilda cuida das duas desde que eram bem novinhas. Um outro morador da casa é o gato Amâncio, mascote da família.

Ticiane, amiga de Ana, que tem a mesma idade, mora com os pais separados, mas que continuaram a morar juntos. As amigas estudam na mesma escola, mas em turmas diferentes, não havendo também a informação de que estão na mesma série. As amigas vivem os mesmos conflitos e angústias de qualquer adolescente de suas idades.

Três personalidades diferentes de personagens, com os mesmos enfrentamentos familiares típicos da vivência na contemporaneidade, em que os pais vivem casamentos de conveniência, moram na mesma casa, ou que em outros casos levam uma rotina de ausência na família, devido às longas e exaustivas jornadas de trabalho, quando não constroem um núcleo familiar de discussões, brigas, desrespeito, traições, agressões e desunião conjugal, comungando com os filhos um ambiente tóxico e nada exemplar. Filhos esses que muitas vezes são acostumados a viver com o descaso e a falta de atenção desses pais, ou com a ausência deles motivadas pela separação do casal.

Nota-se que Dill realiza uma obra verossímil, segundo Antonio Candido (2011), pois a narrativa possui uma coerência interna, embora seja uma realidade fictícia, inventada, parece crível e consistente aos olhos do leitor.

Na construção de sua obra, Dill vai trazendo à discussão esse perfil do jovem que vive em função das redes sociais, abordando essa problemática em uma linguagem simples e direta, tratando do problema de forma pontual, o que geralmente o autor consegue em suas obras, dialogar diretamente com o adolescente.

Entre as três personagens, o escritor as constrói personalidades diferentes, em que Carol é uma pessoa narcisista e as amigas Ana e Ticiane são apresentadas como personagens depressivas, desenhando seus perfis dentro da história, trazendo para o leitor a reflexão, ou até mesmo uma forma sutil de crítica a alguns estilos de jovens que estamos tendo atualmente na sociedade, dando referência ao tipo comportamental de um adolescente que não estuda, não lê, que só passa por títulos e manchetes, faz uso constante do celular, não se interessa por assuntos da sociedade.

4.3.1 A personagem Carol

Para ilustrar em sua obra todas os conceitos teóricos de Candido (2011), comungando dos três elementos centrais do romance, Dill constrói as personagens dentro dos padrões e costumes da sociedade atual. A personagem Carol representa o perfil de adolescente vazio e fútil, demarcando suas ações e comportamentos no decorrer da narrativa, numa trajetória marcada por ilusões, com o universo da internet, se inspirando na vida de fama e sucesso dos *digitais influencer* e suas carreiras de sucesso financeiro, ocupando destaque popular em meio à cultura de consumo de massa.

Na história, Carol é uma adolescente de apenas dezesseis anos de idade, que vive o tempo todo do seu dia em função das redes sociais, navegando em postagens de influenciadores, inspirando-se em suas publicações e tentando freneticamente alcançar o mesmo *status* de popularidade na internet. Comportamento esse que prejudica sua interação com o mundo real, a socialização física com pessoas e violenta sua índole, expondo-a não somente à depreciação, ao ser mal falada pelas pessoas, mas a deixando vulnerável aos perigos que permeiam as redes sociais, como pessoas mal-intencionadas que podem usar indevidamente suas fotos para perfis *fakes*, *sites* pornográficos ou até mesmo se tornar vítima de chantagistas que se apossam de fotos sensuais de mulheres, ameaçando postá-las em redes de pornografia, exigindo geralmente dinheiro em troca. Além de ser uma pessoa que facilmente seria ludibriada por abusadores e estupradores.

Carol é presa fácil para pessoas maliciosas, pois é uma pessoa influenciável, que se deixa levar por elogios, que não vê nada além da internet, que acredita em tudo que o mundo virtual diz, é inocente diante das maldades existentes em algumas pessoas. Exemplo disso é o fato de ter sido tão facilmente enganada pelos meninos da escola com o perfil *fake* do professor Emerson Maciel e nem perceber os indícios de falta de informações de uma rede social que exige no mínimo uma foto pessoal.

Os comentários masculinos são os mais eloquentes. Raul Paradedda a pede em casamento. Ela ri e responde com fileiras de cás. Estou falando sério moça, ele afirma.

Emerson Maciel também a elogia. Garota mais bonita.

Ela agradece com um polegar.
 Só uma crítica, ele digita. Tua roupa não está certa. Beira da piscina exige menos.
 Carol sente o estômago formigar. O calor invade seu pescoço e seu rosto. Ai, meu Deus!
 Ficaria melhor ainda de biquíni, o professor de Educação Física digita. O que acha?
 O coração de Carol se apressa, mas ela domina a insegurança e tecla: quem sabe amanhã? Se fizer sol. (DILL, 2019, p. 65-66)

Depois dos comentários do perfil falso do professor, as curtidas nas fotos e as mensagens privadas de assédio começaram a ter mais frequência. Carol, além das fotos sensuais em sua cama, começou também a fazer fotos de biquíni à beira da piscina, se tornando mais sensuais a cada novo comentário recebido nas postagens. Com isso aumentou também o assédio vindo do falso professor Emerson, que também começa a fazer pedidos mais ousados.

407 seguidores. Carol está orgulhosa, já duplicou o número de Jane Dias. Quem precisa crescer e aparecer?, ela digita e manda para seu desafeto.
 Passa a madrugada lendo os comentários. Surgem propostas também. Uma delas vem de Emerson Maciel. No privado ele diz: É muito bonita. Tem que mostrar mais.
 Ela agradece, fica encabulada.
 Posso ir na tua casa agora?
 Carol olha o relógio. Passa das 3h00. Louco, ela tecla.
 Louco por ti, ele digita e colore o comentário com corações. E aí, posso ir?
 Claro que não, ela escreve.
 Não faço barulho, promete o professor de Educação Física.
 Tem cachorro brabo, ela mente. Meu pai acorda, vai dá rolo.
 Aí combinam o encontro: na tarde seguinte em frente à igreja. Ele pede que ela vá com o mesmo batom. O Verde Futuro Promissor arrasou, ela pensa. (DILL, 2019, p.95-96)

A personagem passa o tempo todo navegando em perfis, acompanhando freneticamente as postagens dos influenciadores por quem ela tem grande admiração. É uma garota obcecada pela ideia de ser famosa e ser muito influente na internet. Esse uso exagerado de tela faz dela um indivíduo sem limites com horários, regras e demais obrigações. É uma pessoa que dorme pouco, se alimenta mal e tem um humor sempre ácido. Certamente, pelos péssimos hábitos alimentares, é uma pessoa que provavelmente esteja acima do peso, já que em sua narrativa, a busca pelo corpo perfeito e dentro dos padrões é bem evidente e demarcado.

Carol examina foto e imagina possibilidades. A balança a fita métrica são fadas a zombar da menina. Elas pousam nos seus ombros. Gorda demais, diz uma. Baixa demais, diz a outra. Genética ruim, Carol resmunga. O pai até não é tão baixo, mas está muitos quilos acima do peso, a barriga enorme. A mãe é baixa e também está bem acima do peso. E, que saiba, não são adeptos de dietas, muito menos de atividades físicas. (DILL, 2019, p. 67)

Carol tem um comportamento nada exemplar e educado. Em casa, o contato com a irmã é praticamente zero, seu tratamento com Gilda é de extrema arrogância, de muita falta de educação, desrespeito e grosseria. Desaforada, é exigente com a comida e nunca está satisfeita com as refeições que a empregada carinhosamente prepara e lhe serve, pois gosta de comida tipo *fast food*, nada saudável. Manda sair do quarto, bate a porta na cara da senhora que faz de tudo para ceder a seus caprichos de menina mimada, sempre tentando agradar e fazer o melhor. Com o gato Amâncio, que vive atrás dela por todos os cômodos da casa e está presente em quase todos os momentos de seu enredo, é maldosa, o chuta e o empurra para fora do seu quarto. O animal parece ser o único ser naquela casa que gosta dela de fato, por isso deve ser a razão do nome escolhido pelo autor, Amâncio, com sentido de aquele que ama, ou uma referência a Santo Amâncio, numa sátira comparação.

Talvez, Amâncio simbolize a presença que os pais de Carol e Ana deveriam ter: ficar atento às ações das filhas, seguindo-as, cuidando delas para que não cometam erros que venham a se prejudicarem e sofrerem violências irreversíveis.

Na escola, a garota também conserva um perfil de jovem sem educação e respeito, principalmente, por seu comportamento de não prestar atenção nas aulas, de não estudar, ficando o tempo todo da aula ao celular. Em uma passagem, os alunos da sua turma têm os aparelhos de celular retirados pela professora de História, recolhendo-os em uma caixa de papelão durante suas aulas. Fato esse que marca a falta de limites dos alunos e perda de valores, pois a educadora vira alvo de indignação e revolta desses alunos, que redigem um abaixo-assinado, liderado por Carol, reivindicando à diretoria o urgente afastamento da profissional de educação.

Para ilustrar a gravidade desse excesso de dependência tecnológica ao uso de celular, a sequência dada por Carol ao episódio vivido na aula de História ultrapassa os limites de compreensão e atropelam os valores éticos e morais. Durante uma aula, antes de ser proibido o uso de celular, a garota é surpreendida por uma prova e se revolta, alegando não ter recebido informações sobre a mesma. Quando a

professora informou a programação da prova, ela estava entretida no celular e simplesmente não prestou atenção. A não aceitação de regras e limites levam alguns adolescentes a conflitos e questionamento, quando são contrariados. A garota levou o acontecido adiante, não pensando nas consequências e na lógica de suas reclamações e sim na vingança sobre a professora:

No intervalo, lança no grupo a ideia do abaixo-assinado e as adesões se manifestam com aplausos digitais e bipes festivos e solidários. Fala em direitos e propriedade particular. Alerta também sobre os perigos de os celulares sofrerem arranhões ou outros tipos de dano. Não podemos deixar isso acontecer. (DILL, 2019, p. 43)

A indignação de Carol é tanta com a atitude da professora de recolher seu celular, que ela movimentou o abaixo-assinado e o levou até a direção pedindo seu afastamento:

No final da manhã, Carol leva a direção o abaixo-assinado pedindo a saída da professora de História.

[...] A moça da secretaria está ao telefone e Carol mostra folha de papel impressa com 26 assinaturas de alunos. A funcionária faz gesto amistoso pedindo um minuto, mas Carol insiste, quer falar com a diretora da escola naquele exato momento.

Por fim, a moça tapa o bocal do telefone, sorri forçado e diz: a diretora não está.

Mas é muito importante, é meu abaixo-assinado, Carol eleva o tom de voz já sem paciência.

Nesse momento a vice-diretora aparece e convida a menina até seu gabinete. É uma senhora de saia e blazer, o cabelo pintado e arrumado. Está na escola há mais de 20 anos. Já viu muita coisa, mas nada parecido com o que vem presenciando agora. Só pensar na aposentadoria.

Carol entra e explica por que elas e colegas de várias turmas não estão satisfeitos com a conduta da professora de História. Ela simplesmente não avisa o dia da prova, a menina garante, é rigorosa e tem postura arrogante.

A vice-diretora apanha o papel, lê por alto, diz que vai encaminhar o documento à diretora tão logo ela volte de seu compromisso e, com certeza, a escola falará com a professora. Providências serão tomadas, é a promessa. (DILL, 2019, p. 84-85)

O uso sem limites do celular é de fato muito verossímil ao que acontece atualmente nas salas de aulas das escolas. Há uma grande preocupação no uso de *smartphonquandoula*, sendo um assunto recorrente em discussões, tanto por

professores e órgãos governamentais ligados ao ensino e a educação. O Comitê Gestor de Internet no Brasil (CGI.Br) é um centro de pesquisa que investiga o consumo de internet no país. Em sua última pesquisa, em 2023, sobre o uso da internet por adolescentes, apontou uso predominante para fins sociais, em aplicativos de mensagens instantâneas e interações em redes sociais. Na utilização para fins pedagógicos, em relação uso escolar, a pesquisa aponta dados alarmantes, consideravelmente baixos.

A CGI.Br sugere em seus apontamentos que, mesmo a tecnologia oferecendo grande facilidade de comunicação e socialização, seu uso demasiado pode afetar drasticamente o rendimento escolar, com sérios efeitos negativos na aprendizagem, afetando o desenvolvimento cognitivo e causando outras consequências que também são apontadas em *100 mil seguidores* (2019), como o isolamento social, o desinteresse pelos estudos, o aumento da ansiedade e a possibilidade de vir a desenvolver a depressão. A temática é muito presente no âmbito escolar, entretanto, apesar da preocupação dos pais e educadores, parece que não encontraram estratégias para promover e incentivar o uso consciente do celular e da internet.

Em dados mais recentes, a FGV (Fundação Getúlio Vargas), em suas pesquisas de estatística, apresentou a 35ª edição da Pesquisa Anual do Centro de Tecnologia de Informação Aplicada, realizada em maio deste ano, no relatório divulgado em seu site – portal.fgv.br ⁶- em junho, que o país tem 258 milhões de dispositivos digitais, celulares inteligentes, em uso, 1,2 smartphone por habitante. No país, são três celulares vendidos para um aparelho de TV.

Para que a história se aproxime ainda mais da realidade, o autor dá continuação ao enredo numa retomada, após alguns acontecimentos dentro da narrativa. Os episódios tanto da conduta da professora em restringir e recolher os celulares e a revolta dos alunos com sua posição de autoridade em sala de aula, é um sinal de uso irresponsável e demasiado do celular. Uma verossimilhança de alguns casos que acontecem com a atual realidade da sala de aula e uma crítica ao ensino, haja vista que é exatamente o que se vive a educação contemporânea e suas perdas de valores, com alguns professores sendo coagidos, desvalorizados e perdendo a

⁶ Informações extraídas da página <https://portal.fgv.br/noticias/pesquisa-revela-brasil-tem-480-milhoes-dispositivos-digitais-uso-sendo-22-habitante>. Acesso em: 01 set. 2024

autoridade. A escola, além de ensinar os conteúdos específicos de cada disciplina do conhecimento, precisa educar, fazer o papel dos pais que deveriam ser feitos em casa.

Fora da escola, Carol mantém o mesmo comportamento com o celular. Tamanha é sua obsessão para se tornar famosa nas redes sociais, que a garota chega a manter uma rotina constante de publicações de fotos na busca por *likes* e seguidores:

Carol observa o celular. As curtidas de sempre. Gus e as colegas. Quando eles postam algo, ela deixa os mesmos comentários: Linda! Amooo! Arrasou!!! E assim por diante.

Sua rotina não muda muito. Posta a foto matinal, ainda deitada, ou escovando os dentes, ou com o batom do dia. Tem uma gaveta repleta de batons de cores, marcas e texturas diferentes. Se não pode escapar do uniforme, ao menos tenta ser criativa na maquiagem. No meio da manhã é a vez da foto com cara de tédio durante a aula. As postagens da tarde e da noite geralmente são mais alegres. Até o boa-noite, já de pijamas à luz do abajur. (DILL, 2019, p. 16)

Carol não é uma pessoa que mantém uma rede de amizades sadias e verdadeiras. Na escola, tem uma quantidade limitada de colegas da sala e a interação é mais pelo aplicativo de conversas no grupo das meninas, por onde fica sabendo das fofocas do colégio, por onde soube da chegada do novo professor de Educação Física:

As colegas comentam sobre o novo professor de Educação Física, Emerson Maciel, alto, sarado, moreno, olhos castanhos, a barba por fazer. Dizem que sua voz também é bonita.

Emerson Marcia Maciel tem carro, alugou casa em Cerro Azul do Sul e se veste de modo bem esportivo. Agora, estão pesquisando a vida dele nas redes sociais. (DILL, 2019, p. 36)

Nas redes sociais também não tem muitas amizades. Apenas Gus, seu amigo da internet que mora no Rio de Janeiro. Não é uma amizade verdadeira, visto que é uma garota interesseira, disputa número de seguidores e de curtidas nas redes sociais e ele é um admirador que acaba auxiliando-a no tratamento de suas fotos com filtro.

Traçando uma caracterização psicológica da personagem, Carol tem comportamentos que refletem uma preocupação exagerada consigo mesma e com a

própria imagem, tendo pelos outros uma grandiosa falta de empatia. Seu sentimento é de grandiosidade, menospreza até mesmo o perfil social de um ingênuo bebê, Betina Batista, de três anos de idade, pelo simples fato de ter 50 mil seguidores. Chama a criança de Peruinha. Tem inveja da popularidade da pequena celebridade, tem fantasia de poder ilimitado e de sucesso maior do que todas as pessoas que admira.

No caso específico da personagem, há uma busca frenética por destaque nas redes sociais. Ela pode ser considerada uma pessoa de perfil narcisista. Na obra, logo na primeira cena, aparece euforicamente fazendo *selfies* com o celular e postando em seu perfil. Instantaneamente, confere o número de curtidas e a frustração toma conta ao se deparar com as visualizações e curtidas de sempre. Ansiosamente, a garota tem o hábito diário de acessar as páginas pessoais de *digitais influencers*, na intenção de disputa entre fotos de maior visualização e aumento de seguidores e curtidas em suas postagens.

Carol sente a necessidade da admiração e atenção das pessoas, para manter sua autoestima elevada e para que isso tome forma, é preciso o engajamento nas redes sociais, ter o aumento de seguidores e a explosão de curtidas e comentários em suas postagens. Para isso, usa de todas as artimanhas e manobras para se dar bem no disputado mundo da internet e assim conquistar o reconhecimento popular, sem perceber que está se excedendo na exposição de sua reputação, sensualizando e vulgarizando, no pensamento de estar à altura de seus influenciadores.

A garota espera ser tratada da mesma maneira especial e privilegiada daquelas em quem se inspira e segue os passos. Quer atingir o nível de comentários que seus perfis recebem, deseja ver seus números de seguidores multiplicando a cada postagem, mas isso não acontece e sua ira só aumenta, se irritando-se a cada perfil de pessoas conhecidas que não lhe renderá popularidade alguma, pois são pessoas normais, conhecidas, da sua cidade e vizinhança.

A pessoa narcisista é manipuladora, é movida por interesses. Para alcançar seus objetivos, Carol é educada e tolerante com Gus, pois depende dele para o tratamento de suas fotos para postagem, assim como depende de Gilda para tirar as fotos à beira da piscina, mesmo contrariada por perceber o perigo de sua exposição com o teor sensual, quase sexual de suas fotos de biquini. Por essa função que não corresponde a seus serviços na casa e se trata apenas de uma gentileza, um favor, a empregada mereceria ser tratada com um pouco menos de grosseria e com alguma

simpatia, pois Carol mostra pouca ou nenhuma empatia pelos outros, e não consegue ou não está disposta a reconhecer os sentimentos e necessidades alheias.

O comportamento narcisista de Carol é perceptível na narrativa. Ela se mostra invejosa, principalmente, em relação à sua prima Louise que teve sucesso como modelo e que mantém uma vida profissional bem construída fora do país. Quer alcançar o posicionamento que outros (seus admirados *influencers*) chegaram e acredita que as outras pessoas também a invejam. Em uma cena, crava discussão intensa com uma garota da escola que a critica em uma postagem:

Jane Dias, do último ano do Ensino Médio. Já fora a Rainha da Escola no primário e tinha muitos fãs entre os guris. Carol nunca a achou tão bonita assim. Além do mais, uma enjoada.

Jane Dias a critica pela foto com batom Amarelo Épico. Desculpa, querida, teu look ficou anos 80 e vulgar. Carol bufa. Quem ela pensa que é? Tem 200 seguidores e se acha a rainha das redes sociais.

O Pessoal adora..., Carol escreve. Inclusive teu namorado, acrescenta.

Carol e Jane Dias passam a tarde trocando provocações pela rede.

Cresça e apareça, digita Jane Dias.

Cuide da sua vida, se não alguém vai cuidar, tecla Carol.

E por aí vão. Amigas de uma e de outra tentam amenizar, aconselham a não darem prosseguimento à briga.

Não vou mais dar palco pra gente baixinha, digita Jane Dias.

Ninguém te quer por aqui, Tecla Carol. (DILL, 2019, p. 50-51)

Seu comportamento arrogante com as pessoas é pretencioso, menosprezando os outros para se sentir superior, é uma das marcas do seu perfil, que mantém relacionamentos superficiais, sem vínculo, com grande dificuldade em formar e manter relacionamentos profundos e significativos, como conceitua Bauman (2004). O sociólogo associa ao estilo de vida acelerado e volátil da modernidade às instabilidades dos relacionamentos amorosos, que se baseiam em *status* de redes sociais, para serem vistos, notados e admirados por outras pessoas, relacionamentos feitos para consumo, para o imediatismo. Relações rápidas, sem profundidade em expectativas de futuro, de bases nada sólidas:

Afinal, a definição romântica do amor como “até que a morte os separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costuma servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização. Mas o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de “amor”. Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. (BAUMAN, 2004, p. 19)

Na preferência por relacionamentos que possam melhorar sua imagem e status social acaba se iludindo com a figura de Emerson Maciel, o no professor de Educação Física admirado e desejado pelas meninas do colégio.

Seus problemas comportamentais vão bem mais além. Há os episódios de total desrespeito e falta de consideração para com a personagem Gilda, a empregada da casa e de certa forma cuidadora dela e da irmã. É lamentável seu tratamento com a empregada, a maneira grosseira e insensível que se dirige à mesma, sempre áspera, ordenando e humilhando. É a crítica que Dill faz a alguns adolescentes de hoje, desenhando o perfil de uma personagem com problemas proveniente de sua criação, em que os pais são ausentes. Não querem estudar, apenas vão à escola, durante as aulas só ficam no celular, não respeitam regras nem os valores morais.

Carol representa perfeitamente o vazio do adolescente que não gosta de ler, que passa a maior parte do tempo no celular. Jovens que não aceitam críticas, nem tão menos serem contrariados, que se interessam apenas pelo que julgam relevante e prático. Essa é uma crítica a alguns adolescentes da atualidade que é apontada pela narrativa, ideias a serem discutidas e levadas à reflexão pelos leitores. Carol critica até mesmo a própria família, os primos Louise e Roberto Greco, considerando as suas postagens de “textões” e não economizando palavras ao se referir a eles como chatos. Roberto Greco é o único personagem que parece ter um pouco mais de maturidade e alerta os jovens quanto ao uso das mídias digitais:

Carol acha a maior chatice quando a prima posta textões. Essa mania ela deve ter pegado do irmão, a menina pensa. Acessa Roberto Greco: Menos rede social, mais pensamento. Menos bobagem, mais bagagem. Um chato, ela resmunga.

Passeia por fotos da cidade, Montanhas e prédios enormes, chineses por toda parte, comércio colorido, neons, praias. (DILL, 2019, p. 59-60)

Conforme o excerto acima, além de exemplificar alguns comportamentos do jovem que não gosta de ler e apenas passa por manchetes, títulos, sem dar atenção ao que se tratam os assuntos, não lendo a matéria toda e nem realizando uma reflexão sobre o tema abordado, revela crítica aos adolescentes que fazem do celular um instrumento de interação e distração, de uma forma exagerada, de uso abusivo e sem controle:

Graicilene Martins só de biquíni. Pernas e braços musculosos. Abdome cheio de gominhos. Viciada em academia, a musa *fitness* não foge de treinos fortes, mas não dispensa boa hidratação.

Cachorro com duas cabeças vira tração de circo no interior da Bulgária.

Milionário compra ilha, derruba todas as árvores e manda concretar tudo por fobia a aranhas.

Adolescente ganha Ferrari de pai e destrói ao sair de concessionária.

Idoso fica dois anos com chave de fenda entalada na garganta. (DILL, 2019, p. 60)

O escritor, na construção da personagem Carol, aponta críticas ao estilo de vida de uma pequena parcela de adolescente, por meio de seu comportamento, suas ações descritas no enredo e as ideias que são atribuídas à sua personagem, de acordo com os conceitos de Candido (2011), acerca da verossimilhança na narrativa.

A personagem retrata uma parte dos jovens de hoje, que cultuam o corpo perfeito, segundo o que as redes sociais ditam, nem sempre com atitudes legais, não combinando com os hábitos de alimentação considerados saudáveis, tendo uma vida sedentária com excesso de tela. Carol é isso, uma adolescente indisciplinada, com péssimos hábitos alimentares, que se alimenta de lanches e refrigerante, que não mantém uma rotina de sono controlada, que não estuda, que vive ansiosa, preocupada o tempo todo com seu engajamento nas redes sociais, vivendo intensamente a busca pela popularidade, num anseio alucinado que a faz tomar decisões impensadas, de alta exposição pública de sua imagem, sem pensar ou ter noção das consequências de seus atos.

Além do mais, o uso constante de celulares originou um distanciamento físico considerável, a isolando, principalmente do convívio social. Muitos lares são habitados

por indivíduos que raramente se falam presencialmente. A maioria do tempo estão entretidos, navegando no virtual, em redes sociais e aplicativos de comunicação instantânea na frente de uma tela de celular. Bauman (2004) tece comentários, acerca dessa problemática de afastamento físico entre os indivíduos:

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. Centradas no negócio à mão, estão protegidas da possibilidade de extrapolar e engajar os parceiros além do tempo e do tópico da mensagem digitada e lida - ao contrário daquilo que os relacionamentos humanos, notoriamente difusos e vorazes, são conhecidos por perpetrar. Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos. A distância não é obstáculo para se entrar em contato - mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte. Os espasmos da proximidade virtual terminam, idealmente, sem sobras nem sedimentos permanentes. Ela pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão.

A realização mais importante da proximidade virtual parece ser a separação entre comunicação e relacionamento. Diferente da antiquada proximidade topográfica, ela não exige laços estabelecidos de antemão nem resulta necessariamente em seu estabelecimento. “Estar conectado” é menos custoso do que “estar engajado” - mas também consideravelmente menos produtivo em termos da construção e manutenção de vínculos. (BAUMAN, 2004, p.82)

Nos episódios em que Carol ansiosamente faz postagens de sua imagem, possibilita abordar os malefícios causados pelo uso excessivo das redes sociais, além dos perigos da auto exposição, que colocam em risco tanto a integridade física do indivíduo, quanto sua moral diante da divulgação e viralização de suas fotos, sua intimidade e dados pessoais. A história envolvendo Carol poderia ter tido um desfecho sinistro, se não fosse ficção, pois seria a vítima perfeita para pessoas mal-intencionadas da internet, redes de pedofilia ou até mesmo crimes de chantagem com imagens eróticas, estupros, sequestros e outros tantos crimes que existem no meio.

Carol ignora a violência que pode sofrer por estar se expondo tanto assim nas redes sociais. Hoje, com a IA (Inteligência Artificial) suas imagens na internet podem ser modificadas e cair em sites de pornografia, pedofilia, tráfico humano, por exemplo. Entretanto, esses perigos não são mencionados explicitamente na obra, são reflexões que podem suscitar ao trazer a narrativa para o contexto atual:

Algumas vezes, a exposição nas redes sociais é tão grande que passa a expor a intimidade de seus integrantes. Dados pessoais como número de telefone, fotos e endereço residencial podem ser facilmente utilizados contra os interesses individuais e patrimoniais do internauta, pois no meio eletrônico também existem pessoas com intenções criminosas que, devido a facilidade em fazer amizades nas redes sociais, aproveitam-se de inocentes que não observam o perigo iminente.

Por causa desta exposição e também da liberdade que temos de postar tudo aquilo que pensamos e fazemos, acabamos perdendo a nossa privacidade, pois em algumas comunidades muito conteúdo é público e tudo se sabe já que no mundo virtual a discrição inexistente e a informação é de fácil acesso[...].

Mesmo com seus perigos e suas peculiaridades, as redes sociais são uma forma intensa de viver, principalmente para os jovens, sendo que poucos conseguiriam ficar desconectados por apenas um dia. Fato este preocupante à medida que eles deixam de comer, estudar, praticar atividades físicas, relacionar-se fisicamente com as pessoas e viver normalmente para ficar a frente da tela de um computador. (HAHL, 2013, p. 4)

No que tange ao termo influência digital, Carol retrata a realidade da cultura das redes sociais, muito presente na vida contemporânea da geração midiática, que a todo momento consome produtos gerados no universo virtual. Uma das passagens que denota muito bem esse contraste entre as novas tecnologias, se dá justamente no trecho em que Carol relata sua indignação com o inexistente serviço *delivery* de *fast foods*, tão populares e presentes no dia a dia do mundo todo, que são as entregas de comida em domicílio. Em uma quase forma de sublinhar que a narrativa se passa em uma cidade interiorana que ainda não compete toda a tecnologia das grandes urbes, ao mesmo tempo tenta deixar claro que a evolução tecnológica se faz presente em todos os lugares e que veio para de fato mudar a humanidade em uma nova forma de se viver.

A internet está presente em todas as regiões de possível alcance das tecnologias, facilita o dia a dia, reduz tempo, abre oportunidades e amplia empreendimentos. Na obra, a região em que se passa a história, uma cidade pequena, interiorana, mas próxima da capital, há tecnologia e ocupa tempo integral no cotidiano das personagens. No caso de Carol, faz parte de uma rotina mais ostensiva de uso sem nenhuma moderação. Usa a internet não apenas para suas postagens e interações nas redes sociais, mas também para fazer compras.

Acerca das influências do universo da internet, os jovens adolescentes, assim como a personagem Carol, se deparam a todo o momento com produtos criados pelo mundo virtual. Hoje, temos no cenário nacional, personalidades da internet como Whinderson Nunes e Carlinhos Maia, pioneiros como humoristas da internet, ambos detentores de uma fortuna de muita ostentação, popularmente invejável e desejada pelos jovens, haja vista que, no momento de suas aparições no início de carreira, eram apenas adolescentes pobres. Outra personalidade conhecida dos brasileiros é o *influencer digital* Felipe Neto, que é uma referência como influenciador infantil que fatura milhões com vendas de brinquedos, games e demais produtos voltados tanto ao público infantil, quanto ao juvenil.

Guy Debord (2003), em seus estudos de 1967, aborda que a vida social e as relações humanas são baseadas em representações, em aparências e imagens. A predominância da cultura de consumo, típica da contemporaneidade, representa a superficialidade e a busca constante por entretenimento. A essas relações, o filósofo adota o termo de espetáculo, dando a seu conceito o título de sociedade do espetáculo. Para ele, é uma forma de sociabilidade com o objetivo de transformar a experiência humana em alienação, distanciando os indivíduos da realidade e autenticidade das relações presenciais, que na referida época eram representados pela tv, jornais, revistas, cinema, entre outros. Hoje, mimetizado à contemporaneidade, podem ser contextualizadas, ligando-as aos relacionamentos virtuais, das redes sociais, dos ambientes da internet e do consumo de mídias.

O conceito levantado pelo filósofo reflete os tempos atuais, sendo relevante na atual era digital, onde imperam a imagem e a aparência, em realidade apresentada de forma falsa e superficial, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”. (2003, p. 14).

As mídias sociais são quem denominam e controlam o consumo, criam as imagens que ditam as regras, criam as ideologias sem fundamentações, que são colocadas como conceitos de modelo de vida. Dessa forma se constrói o que Debord (2003) chama de espetáculo:

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento,

o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário – o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a presença permanente desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna. (DEBORD, 2003, p. 15)

A ideia vendida pelos *influencers* digitais atenda ao público movido pelo consumo. O espetáculo oferecido na maioria das vezes é planejado, administrado por empresas detentoras de estratégias de marketing que se alimentam de indicações de produtos, vendas de marcas, serviços e *streamings*. O maior trabalho de influência é do próprio seguidor, que é quem dá a notoriedade, faz a propaganda, compartilha, divulga, cria tendências.

A primeira influenciadora brasileira a atingir a marca de um mil seguidores na internet, na plataforma *Youtube*, em seu canal *5inco Minutos*, é a curitibana Kéfera Buchmann, como seu vídeo *Vuvunzela*. A *influencer*, celebridade *teen*, lançou seu canal em 2010, alcançando rapidamente o sucesso entre o público infantojuvenil. Após o sucesso com seu primeiro vídeo, foi convidada pela MTV para atuar em um programa voltado para o público *teen*, sequencialmente investindo em sua carreira de atriz. Segundo dados da internet, hoje, a então atriz e musa *fitness* é a dona de um grande patrimônio e tem uma renda mensal mínima de 100 mil reais.

Ainda, segundo a internet, a celebridade nacional que tem na atualidade o maior número de seguidores é o jogador Neymar, conhecido mundialmente por sua carreira milionária e de sucesso no futebol, o que acaba influenciando o público infantojuvenil a sonhar com a carreira promissora do futebol, inspirados no ídolo famoso e milionário que foi descoberto muito jovem no futebol brasileiro.

Para se ter ideia da fama dos influenciadores brasileiros, em 2016, Christian Figueiredo, Kéfera Buchmann e o humorista Felipe Neto, atingiram junto a marca de 1 milhão de livros vendidos no seguimento *youtubers*, ano em que estavam no auge da fama. Na página da plataforma de comércio de livros pela internet, Estante Virtual (estantevirtual.com.br), há uma publicação com divulgação de 9 livros de sucesso separados, escritos por *youtubers* que estão também se destacando e fazendo sucesso no mercado editorial. Os livros lançados por esses influenciadores geralmente são autobiografias que contam sua história de sucesso na internet.

Influencers populares e conhecidos no país estampam também a vitrine de livrarias com livros publicados sobre suas jornadas como profissionais de mídias sociais, suas autobiografias, de entretenimento ou histórias infantis dedicadas ao público infantil, ou ainda produções voltadas aos adolescentes com temáticas de games. Mesmo sendo produções que podem não ser reconhecidas como obras literárias e que podem colocar a literatura infantil e juvenil em risco, por não terem um aprofundamento teórico e sim comercial, são bem aceitas pelo mercado consumidor por meio de um público cativo. São livros que oferecem um número relevante de vendas, fato esse que leva à reflexão de que esses profissionais, que já dominaram o ambiente da internet, também podem ter patamar para influenciar a leitura tradicional do livro impresso, invertendo a leitura da tela para o papel, do *online* para o *offline*.

Entre os destaques nas livrarias, Lucas Neto, fenômeno do Youtube com o público infantil, lançou em 2018 o livro *Aventuras na Netoland, com Lucas Neto*, pela Editora Pixel. O livro é o quarto mais vendido do ano – com o recorde de 54.877 exemplares. No ano anterior, em 2017, Felipe Neto, com o livro *Felipe Neto: a trajetória de um dos maiores youtubers do Brasil (2017)*, foi o livro mais vendido, 149 mil cópias em um trimestre, entre seu período de lançamento no mês de setembro, até o final do ano.

Considera-se que, o livro de Lucas Neto, não é propriamente uma obra literária infantil, pois se trata de um livro construído para ser um manual de entretenimento para as crianças, com jogos, adivinhações e ludicidade voltada para o pedagógico, que não leva a nenhum conhecimento ou reflexão, sem profundidade nem ao que propõe a literatura infantil tradicional, que aborda questões existenciais, sociais e filosóficas.

Guy Debord (2003) explana acerca da sociedade alienada, da mercadoria que o espetáculo produz, uma potência comercial capaz de seduzir, ocupando a vida social e se tornando o objeto de consumo ideal e desejado. É um contextualizar que se esbarra na história que se arrasta desde a revolução industrial, do autodesenvolvimento, da dominação midiática e controle ideológico das pessoas, o advento da indústria cultural, em que a produção cultural e a artística se tornou um produto exclusivo do capitalismo pela reprodutibilidade técnica e a perda da aura da arte, como atesta Walter Benjamin (1935). Nesse viés, o livro do *youtuber* pode ser caracterizado como um produto midiático, comercial, comungado à sua fama e

popularidade como influenciador, com propósitos exclusivamente capitalistas, podendo ser contextualizado com os ideais de Debord (2003):

É pelo princípio do fetichismo da mercadoria, a sociedade sendo dominada por coisas suprassensíveis embora sensíveis, que o espetáculo se realiza absolutamente.

[...] A perda da qualidade – tão evidente em todos os níveis da linguagem espetacular – dos objetos que louva e das condutas que regula, não faz outra coisa senão traduzir as características fundamentais da produção real, que repudiam a realidade: a forma-mercadoria é de uma ponta a outra a igualdade consigo mesma, a categoria do quantitativo. (DEBORD, 2003, p. 29)

Loureiro e Silva (2022) explanam acerca do hibridismo das produções infantis, ancorado no conceito de Colomer (2007) a respeito da sociedade de lazer e consumo, do livros-brinquedos e outras tipologias comerciais atribuídas ao produto livro. No inverso do que tem de fato como função na literatura, os autores atestam que a produção de Luccas Neto “recai no aspecto meramente informativo e pedagógico, e negligencia qualquer perspectiva de formação humana do leitor diante da obra literária, corroborando para uma visão utilitarista de leitura” (2022, p. 132), se respaldando na teoria de Antonio Candido (1988), destacando “o caráter humanizador da literatura e sua capacidade de colocar em evidência a complexidade do mundo” (2012, p. 132).

Os livros de Luccas Neto tendem a ser simples, diferente da literatura tradicional que trazem uma linguagem rica e elaborada, buscando explorar temas complexos. Segundo Peter Hunt (2010), a literatura para crianças vai muito mais além de mera ferramenta educacional, mas por ser uma obra de arte, deve ser rica e complexa, com análise crítica e possuir estética própria. Ademais, para o autor, a literatura infantil deve levar em conta o contexto social a qual a criança está inserida, sua interpretação, que pode ser de diferentes formas e entendimentos, agregados à experiência com a leitura ou no contato com o livro. Características que definem a literatura infantil como uma forma de entreter, educar e formar jovens leitores, contribuindo para seu desenvolvimento intelectual e emocional.

Figura 1 - Parte do livro As aventuras em Netoland com Luccas Neto

A FOCA

Quem é fã de verdade do Luccas Neto com certeza já viu ou a foca em alguns momentos. Essa é uma marca registrada do Youtuber e passou a ser também a forma carinhosa como ele chama os seus seguidores. Mas, afinal, de onde surgiu essa história de foca?

A foca entrou na vida de Luccas quando ele ainda era pequeno. Desde criança, Luccas adorava imitar os animais e o som das focas, e isso rendia muitas gargalhadas para toda a sua família. Por ser uma mania divertida e que lhe trouxe boas lembranças, Luccas decidiu levar a sua situação de foca para o Youtube e foi sucesso total!

Que tal aprender a desenhar a famosa foca?
Use as linhas da grade como guia e desenha o símbolo que representa os fãs de Luccas Neto.



	1	2	3	4	5
A					
B					
C					
D					
E					

	1	2	3	4	5
A					
B					
C					
D					
E					



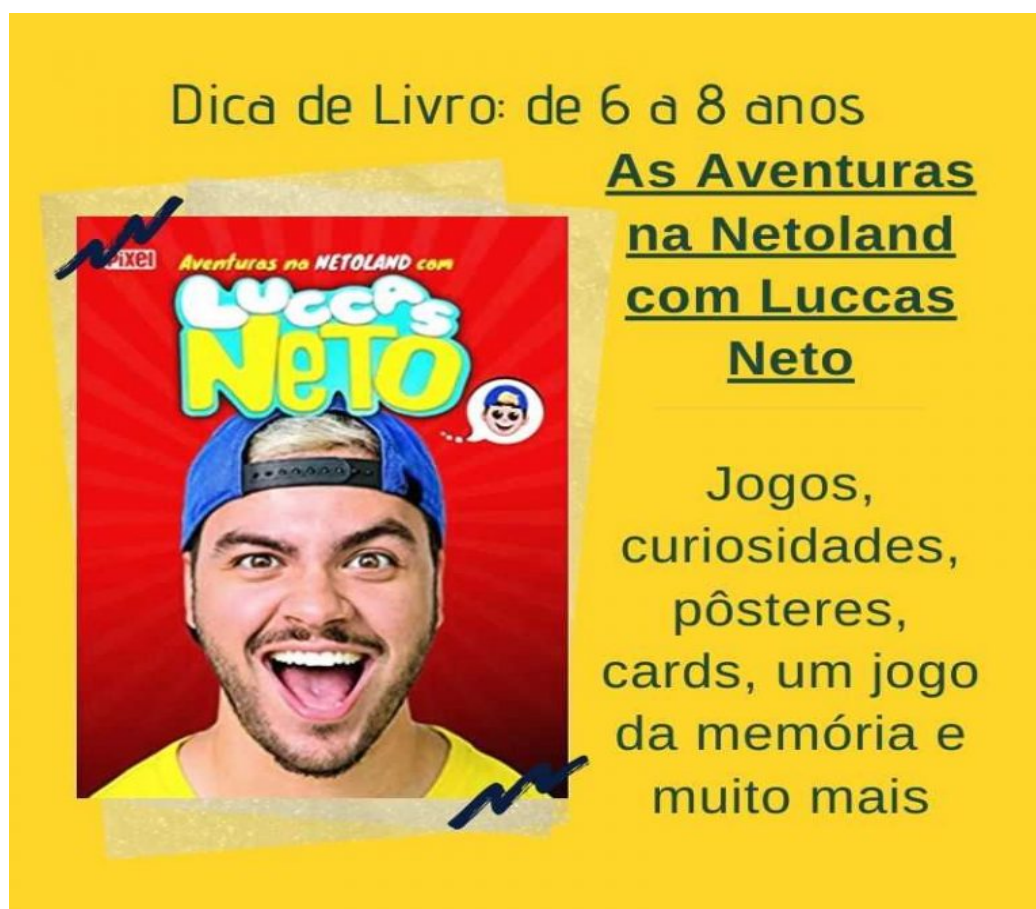
CURIOSIDADES!

Apesar que você já saiba a origem da foca na vida de Luccas, que tal descobrir algumas curiosidades sobre esse mamífero marinho?

- As focas costumam viver de 20 a 30 anos.
- Elas nadam cerca de 2,5 m de comprimento e pesam entre 50 e 100 kg, quando adultas.
- Normalmente, elas se alimentam de peixe, mas também comem moluscos e crustáceos.
- As focas habitam regiões de águas frias, como o Ártico e o Círculo Polar Ártico, e vivem em grupo.
- O corpo delas possui uma grossa camada de gordura que as protege do baixo temperatura de seu habitat.
- Elas não têm unhas e graças ao formato anatômico que possuem conseguem nadar muito bem.

Fonte <https://www.saberemovimento.com.br/luccas-neto/>

Figura 2 - Divulgação de As aventuras na Netoland com Luccas Neto



Fonte Amazon.com

Figura 3 - Divulgação do livro de Luccas Neto



Fonte Amazon.com

Na obra produzida por Luis Dill, os personagens ficcionais, que estampam as páginas da internet com sua popularidade e que Carol se deslumbra, são contextualizações mimetizadas da realidade do cenário nacional dos influenciadores digitais milionários expostos na grande massa. Obviamente que existe por trás dessa espetacularização uma certa globalização da mídia, que foge da realidade de que, dessas figuras ilustradas, é uma em um milhão que teve a sorte de alcançar esse auge de reconhecimento e faturamento. O enriquecimento dessas pseudocelibridades nomeadas artistas, por meio de seus conteúdos, muitas vezes, aos olhos da crítica literária, é visto como algo sem muita utilidade, ou sem nenhuma consistência artística, não sendo considerada literatura, mas está presente na cultura de consumo de uma parte dos jovens midiáticos e no que é tendência entre eles, nesse período contemporâneo pós-moderno.

Esses valores exorbitantes faturados por profissionais de plataformas digitais e divulgados, ao se tratar do artista influenciador digital, são objetos de ostentação que são replicados e retratados pelo literato em *100 mil seguidores*, narrados no trecho abaixo:

E Gus conta saber de famosas que cobram até 40 mil para postar fotos vestindo roupa de determinada marca ou segurando algum produto.

Carol lembra Betina Batista, a Bebê. Três anos de idade, 50 mil seguidores e acaba de assinar com grife de roupas infantis. (DILL, 2019, p. 71)

Outra menção chamariz de valores exorbitantes alçados pelos profissionais *influencers* e o resultado de suas postagens e publicações na internet podem ser conferidas nos diálogos de Carol com a amiga Fran, nas páginas 75 e 76, onde comentam sua indignação acerca da musa *fitness* Graicilene Martins, que expõe a seus fãs suas medidas corporais e alcança em 10 minutos a marca de 30 mil curtidas e ganha fortunas só tirando fotos. Contextualizando o enredo da obra com a realidade, esbarra-se no conceito de Debord, que já nos anos 60, tratava a alienação como uma contemplação do irreal, do objeto ilusório criado como massa de manobra do capitalismo:

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto

mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhos apresenta. (DEBORD, 2003, p. 25- 26)

Carol é uma adolescente alienada, alguém que se encaixa nesse perfil de indivíduo contemporâneo que se nutre da espetacularização dos aspectos de sua vida. Alguém que consome os conteúdos espetacularizados na internet, e por outro lado, a pessoa que também produz conteúdos. Dessa forma, comungando dos conceitos do teórico, cabe afirmar que a cultura das redes sociais é espetacularizar, tornando público os momentos da vida das pessoas, no conceito de Debord (2010), que se baseia nos modelos de consumo da vida cotidiana, na necessidade constante de reprodução da vida social no universo virtual das redes sociais.

Nessa linha de movimentação entra os digitais *influencers*, pessoas que se tornam conhecidas pelo público por aquilo que se mostram e não pelo que realmente são, conforme conceito aplicado na sociedade do espetáculo, desenvolvido por Debord (2003). Sendo assim, os discursos e a relação imagética talvez sejam intencionais, muito pontuais e diretos, tendo um controle de público, das pessoas que consomem. Mas o processo também acontece de forma inversa, em que o sujeito que consome é o mesmo que produz, que gera conteúdo de espetacularização da vida, consumidos por outras pessoas.

Analisando o comportamento de Carol, a personagem apresenta esse perfil de adolescente que não reflete, não questiona, que acredita em tudo que vê na internet. Exemplos dessas questões podem ser conferidas no decorrer da narrativa, em que há a descrição em diversas passagens envolvendo a personagem. O risco de uma atividade nociva por meio do uso constante de ambientes virtuais é muito bem retrato em cenas vivenciadas pela personagem, que facilmente é enganada por perfil *fake* do novo e atraente professor de Educação Física, criados por alguns garotos da escola com objetivo de trolagem. Assim também acontece no episódio em que sua maior inspiração como *digital influencer* não passa de uma mera personagem de teatro criada com o propósito de angariar admiradores para suprir sua carência afetiva.

Para finalizar a análise da personagem Carol, faz-se pertinente a retomada do que foi tratado acerca das violências atribuídas ao seu enredo, haja vista que esse é um dos principais pontos de investigação da pesquisa. Diante disso, ressalta os perigos por trás do uso abusivo das mídias sociais a que Carol se sujeita. Como já abordado em outro momento, a exposição de sua imagem, se propondo a ter suas fotos intencionalmente usadas para fins maliciosos por outras pessoas, correndo o sério risco de cair em redes de prostituição e pedofilia. Por outro olhar, a prática desenfreada pode ser vista como um problema psicológico, de dependência tecnológica, que afeta seu desenvolvimento intelectual, prejudicando seus estudos, sua vivência em sociedade (de forma presencial, não virtual) e a deixando suscetível ao julgamento de valores, exposta a danos morais, causando sérios traumas e até mesmo problemas judiciais.

4.3.2 As personagens Ana e Ticiane

A personagem Ana é a filha caçula e é diferente da irmã Carol, pois se mostra responsável com seus estudos, é organizada na arrumação do seu quarto e educada:

No quarto de Ana o armário é mantido em ordem. Quando ela acorda, já arruma a cama de imediato. A bancada de estudo vive impecável. Livros empilhados, lápis e canetas no lugar, *laptop* centralizado, nem mesmo pó se encontra por ali. Até seus materiais guardados dentro das gavetas estão sempre organizados.

Mas as cortinas ficam fechadas o dia inteiro. Ao sair para escola, Gilda entra no quarto e deixa a luz e ar fresco tomarem conta do ambiente. Não entende por que a menina insiste em transformar a peça tão bonita e espaçosa em uma caverna. Ao voltar da escola, Ana se tranca e acolhe a penumbra.

Ana tem 13 anos, diferente de Carol, tira boas notas. Mas, como irmã maior, tem poucas amigas. Prefere a proteção do quarto. (DILL, 2019, p. 14-15)

Tira boas notas na escola, é adepta à leitura, grande admiradora de Mário Quintana e de seus poemas. Costuma escrever em seu diário, um caderninho de anotações, pensamentos e poesias em forma de desabafo das suas aflições típicas de adolescentes. Caderninho que por sinal, estampa a capa do livro.

Sua autoestima não é das melhores, se acha feia, estranha, de pouca socialização, até mesmo com Gilda, que mesmo tendo uma boa relação, prefere se trancar no quarto e se manter isolada. Com a irmã não tem muita aproximação, é reclusa socialmente, não mantendo uma ligação muito próxima com redes sociais, apenas com aplicativo de mensagens instantâneas em que mantém comunicação com a única amiga Ticiane, praticamente a única pessoa com quem interage, conversa e desabafa suas aflições.

Na escola, Ana conserva o mesmo comportamento de isolamento, sendo adepta da não interação, não conversa com ninguém da turma, aliás, “acha-os insuportáveis. São brutais e barulhentos” (2019, p. 32). Em razão disso, acaba sendo vítima de *bullying*, recebendo o apelido de Mudinha. Prática que aumenta com o início dos episódios de automutilação, em que com a amiga, para esconderem os cortes de gilete feitos nos pulsos, usam roupas de mangas longas: “Faz calor, mas Ana usa camiseta de manga comprida. Ticiane também. No pátio, durante o intervalo, as duas percebem os deboches dos colegas. São chamadas de louquinhas. Ou então, de estranho casal, ou ainda de góticas” (2019, p.44).

As duas amigas são personagens com perfil depressivo. Ambas enfrentam problemáticas familiares causadas pelos pais, de forma diferente. Ana carrega a angústia dos pais ausentes, sem tempo para lhe dar atenção, carinho e afeto. Já Ticiane vive em terreno mais delicado. Os pais são separados, mas vivem na mesma casa, talvez por questões financeiras e, devido a isso, vivem em conflito constante, com frequência de discussões e desentendimentos, transformando o que era pra ser um lar harmonioso em um ambiente tóxico, depressivo e de energias negativas.

Uma personagem de perfil depressivo é caracterizada por uma série de traços emocionais, comportamentais e cognitivos que refletem a experiência da depressão. Esses traços podem variar em intensidade e manifestação, mas geralmente incluem boa parte do que se pode perceber manifestado no perfil de Ana, que se mostra ao leitor em um enredo carregado de aparente tristeza, sem uma razão específica.

Para tentar amenizar as dores emocionais que a atormenta, Ana acaba cedendo à prática de automutilação, apresentada pela amiga, que já a praticava:

Vou te mostrar uma coisa. E envia a foto.

Que é isso?, Ana se espanta.

Fiz agora, tecla Ticiania.

Louca!

A imagem mostra o antebraço esquerdo de Ticiania. Tem meia dúzia de incisões paralelas. São cortes finos, simétricos, sanguíneos.

Isso é verdade?

Ticiania responde postando a foto da faca de cozinha ao lado do braço ferido.

Ana pergunta se dói.

Ticiania diz que não.

Sério?, Ana dúvida.

Alivia, diz amiga. Cortar alivia. (DILL, 2019, p. 24)

A prática de mutilação, que até então era uma particularidade de Ticiania, passou a ser feita em parceria, se tornando uma prática frequente e cotidiana. Uma forma superficial que encontraram para reduzir suas aflições decorrentes das crises depressivas.

Ana tem um padrão de pensamentos negativos, ao mesmo tempo em que fala da morte como solução para seu sofrimento, se mostra uma pessoa assombrada pelo medo de morrer. Essa variação mostra o quanto a personagem não tem noção da gravidade de seus atos, que podem levar a um agravado nível psíquico mais sério. Exemplo disso, foi o desfecho que levou a personagem de Ticiania, que atingiu um nível depressivo que a conduziu até o suicídio.

Ana, apesar de se sentir depressiva e demonstrar vontade de morrer para acabar com sua angústia, nota que ao mesmo tempo tem medo da morte. Quando foi apresentada à ação da mutilação por Ticiania, ela se mostra preocupada se os cortes causam dor. Ao adquirir as lâminas, curiosamente escolhe as melhores, além de produtos de higienização, assepsia e cuidados com a pele para que não infeccione.

Dias atrás, Ana mandou mensagem para a mãe. Precisava de estojo com lâminas. Explicou: são necessárias em trabalhos escolares. Ana informou onde encontrar e qual a marca de sua preferência. Optou pela alemã, a mais cara.

Precavida, a menina comprou na farmácia tubo de álcool gel e pacote de compressas. No quarto examinou os produtos. Fórmula ativa que mata os germes e as bactérias. Proporciona instantânea sensação de frescor. Ana riu. Não resseca a pele. Que bom, ela ironizou.

As compressas de gaze são confeccionadas com fios 100% algodão em tecido tipo tela. São purificadas e isentas de impurezas. Ana cheirou-as. São inodoras e insípidas. (DILL, 2019, p. 28-29)

O pensamento de morte ou suicídio como uma saída para seus problemas está presente no enredo das duas personagens. Ana cada vez mais empenhada em praticar seus cortes, enquanto Ticiane dá sinais de sua pretensão pelo enforcamento em um diálogo com Ana, pois já não há mais onde se cortar:

Ana também se queixa da família. Parece que eu sou velha, digita menina de 13 anos. Parece que eu tenho 90 anos, que já vivi demais. Agora só se interessa pelos cortes. [...]

[...] Tô cansada, tecla Ticiane.
Sei como é, digita Ana.
Vontade de sumir, e a amiga posta a foto de uma corda. Apreendi a fazer o nó.

Que nó, sua louca?
Não tenho mais onde cortar, e Ticiane diz estar perto de experimentar algo visto na internet. (DILL, 2019, p.79-80)

Pensando de uma forma racional, a automutilação pode ser considerada uma forma de suicídio, é um atentado violento contra o próprio corpo e psique. O agravante causado pelos ferimentos pode tanto levar a um quadro infeccioso grave, como pode abranger uma camada mais funda de pele, atingindo uma veia letal, levando à morte.

Traçar o perfil de Ana isolado de Ticiane acaba sendo uma análise meio que restrita, haja vista que Dill constrói as personagens amarradas num mesmo enredo, descrevendo suas ações dentro da trama ligadas e acontecendo em conjunto, pois comungam das mesmas angústias e problemas familiares similares, sem contar pelo fato de serem melhores amigas, confidentes e não manterem relações afetivas com outras meninas de suas idades. Além do mais, os episódios de automutilação formam um enredo à parte do de Carol, criando outras situações, chamando a atenção do leitor para outra problemática, delicada e de temas fraturantes, que é a automutilação e o suicídio. Por outro viés, é ainda uma crítica aos pais, para que olhem mais para seus filhos e tentem entender essa fase tão delicada da adolescência.

Entretanto, acontece na narrativa um episódio em que Ana faz uma pequena interação distante de Ticiane, em sala de aula, já que são de salas diferentes. O acontecimento se dá em uma aula de Geografia, em que a professora a coloca para se sentar ao lado de Renato Augusto para fazerem um trabalho. Para Ana é motivo de muita irritação, o que ela questiona até mesmo não ser um castigo, pois, além do fato de ela estar sendo obrigada a interagir com pessoas, acha os colegas de sala

insuportáveis, brutais e barulhentos. No entanto, formará dupla com o garoto conhecido como Furacão Loiro, um aluno agitado, falador e que gosta de chamar a atenção durante as aulas.

A aproximação, de certa forma forçada, com Renato Augusto, visto que vai contra sua vontade de interagir, é um acontecimento novo para Ana, pois é uma pessoa que evita o contato com pessoas estranhas, não tem o hábito de manter um relacionamento social que não seja com a amiga Ticiane. Para ela, aquele momento acaba sendo algo novo e desconhecido, que, certamente, não a agrada nem um pouco. Exemplo do incômodo sentido pela garota está no fato de o garoto falar de mais, tanto que há uma passagem em que pede a ele que fale menos. O que acontece entre os dois é um encontro de estranhos, algo que dá à Ana um conforto em saber que aquele contato tem dia e hora marcada, por ser um evento por tempo determinado, resumido em fazer o trabalho e apresentar para a professora na aula e acabou. De acordo com Bauman (2001):

Os estranhos se encontram numa maneira adequada a estranhos; um encontro de estranhos é diferente de encontros de parentes, amigos ou conhecidos - parece, por comparação, um “desencontro”. No encontro de estranhos não há uma retomada a partir do ponto em que o último encontro acabou, nem troca de informações sobre as tentativas, atribulações ou alegrias desse intervalo, nem lembranças compartilhadas: nada em que se apoiar ou que sirva de guia para o presente encontro. O encontro de estranhos é um evento sem passado. Frequentemente é também um evento sem futuro (o esperado é que não tenha futuro), uma história para “não ser continuada”, uma oportunidade única a ser consumada enquanto dure e no ato, sem adiamento e sem deixar questões inacabadas para outra ocasião. Como a aranha cujo mundo inteiro está enfiado na teia que ela tece a partir de seu próprio abdome, o único apoio com que estranhos que se encontram podem contar deverá ser tecido do fio fino e solto de sua aparência, palavras e gestos. No momento do encontro não há espaço para tentativa e erro, nem aprendizado a partir dos erros ou expectativa de outra oportunidade. (BAUMAN, 2001, p. 121-122)

O conflito entre os dois não demora a acontecer: de um lado, há uma garota quieta, que não gosta de falar, que recebe dos colegas de turma o apelido de Mudinha; do outro lado, o agitado e falador Renato Augusto:

Renato Augusto senta ao lado de Ana e começa a falar sobre o trabalho, sobre o dia quente, sobre o novo jogo que baixou no celular. Ela sente o mau cheiro do menino. Ei, chega pra lá, ela diz. Já ouviu falar em desodorante?

Renato Augusto levanta o braço e cheira o sovaco. Ri nervoso. A gente tava jogando bola, ele explica. O suor ainda desponta na testa vermelha.

Ana apanha a folha: Unidades de relevo do Centro-sul. Planaltos, serras, chapadas, planícies. E Renato Augusto segue falando, agora algo sobre gostar de colorir mapas e do mais recente aplicativo com todas as rodovias do Brasil.

Tá, mas agora fica quieto um pouquinho, Ana pede ao menino.

Ele se cala como por encanto, limita-se a sacudir a cabeça. Então eles leem o enunciado. (DILL, 2019, p. 32-33)

Na sequência, Ana o convence a fazerem o trabalho nos intervalos, já que o garoto faz a proposta de fazerem na casa dela, algo que a deixa em pânico, pois ela não suporta a ideia de ter alguém em sua casa, já que a presença da irmã Carol já lhe aborrece e mal tolera Gilda em seu quarto. O que resta para Renato Augusto é aceitar a imposição de Ana de se encontrarem na biblioteca, mesmo contrariado por ter que se afastar dos seus colegas e do futebol. Outros pequenos conflitos surgem entre eles durante os estudos e acabam irritando a garota, por ele não fechar a boca e não parar de falar, por fazer perguntas referentes à falta de atenção nas aulas e pela insistência em querer saber o porquê de ela usar mangas compridas naquele calor, o que ela encabulada acaba dando uma desculpa que não pode pegar sol por ter uma doença de pele. Para as demais pessoas, quando é questionada, responde que é para não pegar câncer de pele.

No entanto, essa aproximação desperta em Renato Augusto uma admiração pela colega de sala, “gosta dos cabelos e dos olhos de Ana” (2019, p. 48), gosta de passar o intervalo do recreio ao lado dela, acha até mais agradável que jogar bola com os colegas. Começou a até levar desodorante para a escola e usar o tempo todo, visto que Ana reclama do seu suor.

Algo de novo também acontece com Ana, um sentimento diferente que a faz mudar de comportamento por um instante, deixando-a mais flexível e menos reclusa. Exemplo disso é o aceite do convite feito por Renato Augusto para se encontrarem na praça da cidade para tomar sorvete no Café Buoníssimo, tendo como promessa não falar muito para não a incomodar. O passeio foi muito agradável, Ana soltou gargalhadas e riu como não fazia há semanas. Se questionou dos porquês do Furacão Loiro a deixar tão à vontade e de gostar de conversar com ele cara a cara. Naquele

momento, de descontração junto ao agora amigo, a faz rir bastante e até Ana esquece de Ticiane, do celular e de outros assuntos. Sente vergonha de suas cicatrizes e se arrepende dos ferimentos e dos atos causados contra si mesma. Esse novo comportamento de Ana revela o quanto a amizade, ser aceita pelos colegas de classe, ter um amigo é importante na vida do adolescente. O ser humano necessita de viver em comunidade, ter relações fraternas, algo tão simples e importante que auxiliaria a viver mais feliz.

As histórias de Ana e Ticiane também são retratos da contemporaneidade, da sensibilidade emocional da maioria dos jovens dessa nova geração. Em partes, motivada pelo cotidiano dos pais cada vez mais atarefados, envolvidos com suas carreiras profissionais e rotina pesada de jornada de trabalho, deixando de lado o convívio familiar e a educação dos filhos, principalmente, a ausência afetiva na fase mais complicada do ser humano que é a adolescência.

As meninas enfrentam conflitos internos que fazem parte do íntimo do adolescente, que fazem parte dessa fase transitória entre a infância e a vida adulta, por vezes fogem ao interesse dos pais, limitando uma conversa ou compreensão por parte deles, muitas vezes interpretando esses episódios como acontecimentos normais de adolescentes, mostrando falta de paciência com essas problemáticas e até mesmo intolerância no seu tratamento. Portanto, para os adolescentes, só eles podem entender os problemas advindos dessa fase que vivenciam. No decorrer da narrativa, observam-se as angústias vividas pelas duas amigas, que compartilham as mesmas dores e problemas de relacionamentos e da alma, suas problemáticas familiares e de socialização. Amigas que enfrentam os mesmos monstros e perturbações em seus espíritos.

Ana busca também desabafar suas aflições no seu caderninho de diário por meio dos poemas. Ela escreve como forma de aliviar suas dores emocionais. A garota meiga e solitária encontra nas letras a forma de expressar suas dores, em poemas escritos com muito sentimento e verdades:

Ana costuma anotar pensamentos na sua caderneta preta de capa de papelão com os cantos arredondados e elástico de fechamento. O elástico é marrom. As páginas na cor marfim.

Não sabe precisar. Talvez a aflição tenha começado no ano passado. (DILL, 2019, p. 15)

O perfil da personagem pode ser analisado por meio de seus poemas, pois ela se expressa através deles, desenhando na narrativa seu estado emocional, marcando suas fases. Seu primeiro poema é narrado no início da obra, momento em que o narrador apresenta a personagem ao leitor. Logo na descrição, quando é narrado a arrumação do seu quarto misturado com a solidão em que Ana se coloca, já é possível identificar que se trata de uma pessoa sensível, com uma aura carregada de muita tristeza. O narrador deixa explícito que a garota não é capaz de definir o que sente, apenas sabe que não é algo bom e relata em seu primeiro poema na narrativa:

*Dói na cabeça / dói no coração / dói
na barriga / no esqueleto / dói como
ninguém imagina. / A luz machuca / o vento
castiga / o tempo me esmaga. / É triste
esta dor. / Ela tem gosto de pavor. (DILL, 2029, p. 15)*

O trecho da poesia acima expressa a dor que Ana sente em seu ser, sua alma, de uma forma intensa e inexplicável na forma em que o eu poético explora sua dor no uso da hipérbole. A repetição de “dói” representa uma dor contínua. As personificações “A luz machuca / o vento castiga / o tempo me esmaga.”, se referem ao cotidiano, ao dia a dia, ao sofrimento que se estende pela noite e desperta ao amanhecer, uma dor insuportável e ininterrupta, como a forma de elementos naturais. Em “É triste esta dor” e “Ela tem gosto de pavor”, Ana descreve a sensação de seu sofrimento e, de seu estado emocional. As metáforas, hipérboles e personificações contidas no trecho do poema são recursos de uso de linguagem que transmitem a produção de sentido ao leitor.

Seus poemas voltam a aparecer na narrativa quando relata sua primeira experiência com a automutilação, descrevendo a sensação de alívio que a prática causou. O episódio ocorre depois de toda a passagem onde Ticiane lhe apresenta a mutilação, que ela se interessa e vai comprar todos os produtos para execução, o conjunto de lâminas importadas, os itens de farmácia para cuidar dos ferimentos e toda sua preparação de encorajamento e perda do medo de morrer:

Me corto / é fácil / quase não dói / é mais

*o nervoso / da primeira vez / é minha
tatuagem / que eu mesma fiz. / Eu era um
balão / a ponto de explodir. / Me cortar / fez
parar de soprar ar / pra dentro. (LUIS DILL, 2019, p. 41)*

No poema acima, Ana apresenta uma reflexão acerca do ato de se cortar. Os cortes na pele formam cicatrizes, marcas que não saem, como uma tatuagem, que apresenta um significado, seus cortes representam sua dor, estampadas da alma para a pele. Assim como a tatuagem, é uma forma de expressão e autonomia em suas próprias marcas. Usando a forma poética, por meio da metáfora de um balão, compara sua angústia como algo que aumenta gradativamente de tamanho, a sufoca, como um balão que infla de ar. O corte traz a ela a sensação de alívio dessa pressão, como o ar que se solta e murcha.

Na sequência dos poemas, Ana já se mostra mais agitada com os últimos acontecimentos na escola. Ela se revela mais agressiva e direta a prática do *bullying* dos colegas, que agora é por conta do uso das blusas de manga longa usadas para cobrir os cortes, haja vista que o narrador deixa claro que é verão e é uma cidade muito quente, causando assim o estranhamento dos alunos da escola. Na presença deles, Ana tenta se mostrar alheia ao que pensam a seu respeito, mas no seu íntimo está revoltada com o apelido de Mudinha e expressa na escrita sua revolta:

*O corpo é meu / minhas regras / a vida
é minha / o mundo não tá nem aí / meu
mundo me sufoca / desabafo dentro
dele / me afogo / não tem ar / e o
ar queima / queria gritar / mas sou a
Mudinha / e mudos não são ouvidos. (DILL, 2019, p. 44)*

No poema, Ana utiliza imagens para demonstrar todo seu incômodo. A descrição sugere imagens do inferno relacionados ao mundo que ela vive. Nesse momento, há o sentimento de estar presa em suas próprias angústias. Sente a vontade de se libertar, ao mesmo tempo tem a consciência de que está presa. Passa a ideia de posse e controle da situação por meio das expressões “a vida é minha”; “meu mundo”. Ana guarda para si toda sua angústia, não tem com quem desabafar,

se sente sufocada, “Queria gritar”, mas ninguém a ouviria, a entenderia, visto que ela é a “mudinha”.

Entre desabafos, os escritos da garota apontam um lamento com o mundo, com sua própria existência. Quanto mais aumenta a frequência de mutilações, mais forte fica sua revolta com a irmã e tudo que a incomoda.

No verso do poema:

*Não quero ver ninguém / Quero ser
Invisível / quero sumir. (DILL, 2019, p. 56)*

Ana deixa claro seu desejo de se isolar, de se manter reclusa a tudo e a todos, sem ser notada, lembrada. Passa o sentimento de que quer morrer.

No poema que vem logo depois, deixa transparecer seus sentimentos de tristeza e descaso com a vida, já dando pistas da vontade de se matar, visto que não quer sentir mais nada do que vive.

*Seria tão bom / não sentir tanta
raiva / seria melhor / não ter tristeza
nenhuma. / Na verdade, é isso / não
quero sentir nada. (DILL, 2019, p. 57)*

Na sequência, Ana demonstra toda sua insatisfação ao perceber que as pessoas se incomodam com ela. Na cena em que está na biblioteca, a bibliotecária se aproxima e pergunta se está tudo bem com ela, que a acha triste. Ali era seu refúgio, onde ninguém a incomodava e agora já não tem mais um lugar interessante. Tudo o que ela queria era não falar, não ter que dar satisfação a ninguém, passar despercebida, não ser notada.

*Sou a Mudinha / lembram? / Não
gosto de papo. (DILL, 2019, p. 62)*

Os episódios de *bullying* na escola avançam com ela e Ticiane e isso a faz ficar mais revoltada com tudo que está em sua volta. É o momento também que ela começa

a acompanhar as atitudes de Carol, com as fotos sensuais para as redes sociais, sente vergonha da irmã e isso desperta muita raiva, pois é motivo para ser ainda mais apontada na escola. A consequência de seu desequilíbrio é a sequência de mutilações que tendem a aumentar, criando uma rotina, um vício:

Preciso ver sangue / não o de
ninguém / só o meu sangue. / É um fio de
alívio / uma esperança fininha / que
dança / pelo braço / pela perna. / Meu vício. (DILL, 2019, p. 80)

Nesse poema, a figura de linguagem é trabalhada na personificação do sangue que dança. A imagem do sangue é a figura que liga a dor e a vida, numa conexão visceral em finas linhas que formam as veias, que é por onde esse sangue corre em forma de vida. Essas veias significam o objetivo dos cortes, que delicadamente busca pelo corpo em lugares estratégicos para a automutilação, que ocorre entre os lugares escondidos, que “dançam” dos braços e das pernas. A mutilação é o “*fio de alívio*”, a busca da libertação de sua própria dor. O único sangue que deseja é o seu próprio, sem fazer mal a ninguém, apenas a si própria.

Ana sente necessidade de se cortar e continua a se isolar e se fechar em seu mundo, em suas dores, em seus próprios pensamentos. Sente-se sufocada, angustiada. Expressa todo esse seu conflito interno nos seus poemas.

A aproximação com o Renato Augusto, pessoa extrovertida, com uma energia radiante, acaba dando a Ana uma sensação de paz e tranquilidade, que a afasta dessa atmosfera pesada que a solidão acarreta, possibilitando se distanciar da energia que a envolve, quando está com Ticiane. O cenário é outro ao lado de Renato Augusto e Ana sente um encantamento com o novo amigo, são novas descobertas, novos sabores da vida que ela está começando a conhecer e experimentar. Antes de começar o ritual de automutilação, “[...] prefere se ocupar com sua caderneta preta. Abre o elástico marrom e empunha a caneta hidrográfica de tinta preta. Não chega a pensar e a ponta 0,7 mm já começa um bailado inesperado.” (DILL, 2019, p. 90). Escrever poemas para Ana é comparável a uma dança: uma dança feita em um papel branco, que vai criando aos poucos uma coreografia por meio de sua escrita.

O poema a seguir representa esse “bailado”, a coreografia criada por meio dos seus sentimentos em relação a Renato Augusto. Coloca no papel o perfume que o

garoto começou a usar, após ela reclamar do cheiro do seu suor. São “notas refrescantes”, comparando a “notas musicais”, que bailam em sua mente, lembrando do seu cheiro. Traz também para o “bailado” os seus olhos azuis, que transmitem essa paz que ele carrega:

Notas refrescantes de frutas
verdes / sândalo e sálvia fresca / um pouco
de grama e mel. / Ali diz: / você sempre
perfumado. / É só agitar / torcer a tampa
/ e aplicar. / Dá vontade de cheirar. / Do
nada dá vontade de lembrar. / E não é
para lembrar / nem cheirar. / Só que as
notas refrescantes / de grama, limão e
mel / voltam, / como uma nuvem / na
memória. / O tubo preto combina / com
os olhos dele. / Mas os olhos dele não são
opacos. / Os olhos dele brilham. / Parecem
feitos de água / ou pedra preciosa. / É
melhor ter cuidado / pois diz na
embalagem / não pulverizar perto do fogo. (DILL, 2019, p. 90-91)

Há sentidos sensoriais ativados pela experiência que está sendo vivida, uma sensação nova, desconhecida, mas agradável, que despertam interesse e a vontade de serem explorados. São momentos breves de satisfação com o momento que está sendo vivido, que logo perde espaço para as lembranças das angústias, como se estive vivendo com Renato Augusto lapsos de tempo de afastamento de seus problemas. Ana vê vida e alegria no amigo, há brilho em seus olhos, como a riqueza de uma pedra preciosa. O negro que até então representava para ela apenas tristeza, agora combina com os olhos dele da cor da água, com brilhos de pedras preciosas. A figura de linguagem do perfume levanta a hipótese de que seus sentimentos é algo que pode ser perigoso, como um perfume que é agradável ao paladar, mas perigoso ao ser colocado ao fogo, gerando sua combustão, algo que seria melhor não arriscar, ter cautela, como se um fosse fogo e outro combustível inflamável.

Percebe-se o encantamento dela por Renato Augusto, ao mesmo tempo, deixa implícito o medo de um sentimento até então desconhecido, novo e diferente de tudo o que ela sentia. Ter uma pessoa interessada por ela, que a ouve em silêncio, a compreende sem criticar e não debocha de suas aflições é sem dúvida para Ana algo surpreendente e bastante tocante. Esse novo sentimento que Ana experimenta muda

até o seu comportamento, visto que “apanha seu Estojo Alemão. Abre-o, escolhe a lâmina. [...] Encaixa a lâmina no cabo” (DILL; 2019, p. 90), mas não inicia seu ritual de mutilação. Prefere escrever o poema acima, lembrando o cheiro do garoto, sentindo o cheiro, se prendendo no olhar dele. “Ana relê, faz alterações, busca sinônimos, e antes de perceber, adormece. A lâmina fica esquecida entre os lençóis.” (DILL; 2019, p. 91).

As sequências de poemas de Ana possibilitam perceber a construção da personagem, visto que é o meio pelo qual ela expressa um pouco dos seus sentimentos e momentos. Observa-se que há na personagem uma oscilação de sentimentos e sensações, picos de emoções que vão revelando a característica da personagem.

Esse é o perfil das duas personagens, as amigas Ana e Ticiane. Duas adolescentes que atravessam as aflições típicas da fase de suas idades e recorrem à prática de automutilação como fuga para o seu sofrimento emocional, trazendo ao leitor, por meio de seus enredos, um alerta aos pais e aos adolescente o quão sensível acaba sendo essa prática, desencadeando um processo depressivo que rumo ao suicídio, lamentavelmente retratado fielmente na ficção por meio da personagem Ticiane, que durante uma *live* da internet comete o suicídio diante de uma numerosa plateia de internautas que covardemente a incentiva a cometer tamanho ato brutal, fazendo com que a personagem alcance na rede social, a marca de 100 mil seguidores. Ana não tem o mesmo fim, talvez, pela nova amizade. Renato Augusto possibilitou vivenciar outras experiências e ver o mundo por um outro ângulo, além de ter recebido atenção e carinho.

O desfecho de Ticiane foi trágico com seu sinistro suicídio em uma *live* diante de milhares de pessoas, retratando a sociedade do espetáculo, da espetacularização da vida, de acordo com o conceito de Debord (2003).

O final das personagens Carol e Ana ficou para a interpretação do leitor, em aberto. Carol termina com a amarga experiência da decepção com as mentiras relacionadas a tudo o que ela tanto buscava: a fama e riqueza de sua musa inspiradora da internet, que nada mais era do que uma farsa montada por uma atriz brasileira. A atenção e o prestígio do novo professor de Educação Física, o mais interessante e desejado da escola, que, ao se relacionar com ela, a garota teria o prestígio e admiração das colegas, também não se passou de uma mentira criada por

três garotos. O autor não deixou pistas acerca do destino de Carol, apenas informou, na cena final do enterro da Ticiania, que Carol não acompanhou a irmã, que ficou em estado de choque com todos os acontecimentos, o que o autor descreve como “estranhamente paralisada” (2019, p. 102). Se a garota aprendeu a lição, se transformou-se em uma pessoa melhor e menos narcisista, fica a cargo de cada leitor imaginar.

Há também várias possíveis interpretações do final da personagem Ana. Até meados de seu enredo, apontava fortes indícios de suicídio, já que, em questão de isolamento, se faz muito mais reclusa do que Ticiania, que de certa forma, tinha uma vida social de mais interação, pois namorava e até mantinha amizade com outras meninas da escola. Outros sinais são os poemas que Ana criava, com conotações à morte, ao mencionar fim do sofrimento e o querer sumir. Seus planos mudam no meio da narrativa, partes pela aproximação com Renato Augusto, por outro lado, pelo trauma causado pelo suicídio da amiga, que lhe fez enxergar a morte de forma mais real. Outra questão não resolvida na narrativa, fica por conta do leitor, como os possíveis caminhos que Ana poderia ter tomado, caso não tivesse acontecido a amizade com o Renato Augusto. Não fica claro também se houve um avanço na relação com Renato Augusto, de amigos para namorado, se a depressão não piorou com a morte da melhor amiga, se o suicídio da amiga lhe fez amadurecer e ver a vida de forma diferente, se os pais mudaram de comportamento e passaram a ser mais presentes, enfim, há várias possibilidades de desfecho para a personagem e questionamentos para o leitor refletir.

4.3.3 Personagens secundários em 100 mil seguidores

Comungando os conceitos de Candido (2011), os personagens secundários também desenvolvem uma função importante dentro da narrativa. Elas dão complemento aos enredos, enriquecem as ideias e dando um reforço narrativo às personagens principais, contribuindo para o desenvolvimento da trama.

Em *100 mil seguidores* (2019), Dill constrói personagens secundários bem amarrados aos principais. Suas passagens pela narrativa são curtas, mas

significativamente relevantes para o desenrolar da história. Ganham destaque nos enredos e não passam despercebidos aos olhares dos leitores.

Os pais são figuras que não entram em diálogos direto, apenas são mencionados em cenas de Carol, em que comunica à mãe que precisam ir até Porto Alegre para comprar roupas novas e uma em que Ana pede que compre o jogo de lâminas, mentindo que seriam para trabalho escolar específico. Mesmo sem interação como personagens ativos na narrativa, têm menções do início ao fim da obra. Dill deixa muito bem demarcado para o leitor a importância de suas representações, são eles que encabeçam as discussões acerca das desestruturas familiares. Os pais de Carol e Ana são mais trabalhados na obra do que os de Ticiane, que apenas são trazidos por ela ao se referir à vida conjugal do casal, que são separados, mas vivem na mesma casa e mantém uma relação de brigas e desentendimentos constantes. Sua mãe tem uma participação mais presente na cena em que a flagra nua no banho com os cortes expostos. Ambas as famílias não atribuem uma participação direta à narrativa, não há cenas de diálogos, interação significativa, nem expressões comportamentais de afeto, carinho ou atenção com os filhos.

Amâncio é o felino ligado ao núcleo familiar das irmãs Ana e Carol. O animal, na superstição popular, tem o significado de mau agouro, azar, quando na cor preta. O mascote da família, um gato branco e muito dócil, que carrega em seu nome o significado daquele que ama, pertence à mãe das meninas, mas tem na casa sua preferência por Carol e a acompanha por todos os cômodos da residência, tendo participação em todas as cenas que se passa no ambiente da família, mesmo sendo ignorado e maltratado em todos os momentos. Em uma análise mais profunda dessa ligação entre os dois personagens, poderia até indicar que o animal está tentando passar para Carol o inverso daquilo que diz a superstição, ou seja, alguém que traria para a garota sorte, prosperidade e fartura, algo que ela se priva a partir do momento que o enxota, sempre o afastando de perto. Poderia também simbolizar o papel da mãe, que deveria estar mais atenta aos passos das filhas, observando o que elas estão fazendo, vigiando com cuidado as ações delas, enfim, cuidando e orientando para que não escolha e não siga por caminhos errados que irão prejudicá-las e se machucarem. Outro fato curioso atribuído ao personagem felino é sua figura estampada na capa da obra, demonstrando ser um personagem importante na obra.

Outra personagem secundária, que tem uma presença muito bem destacada

na narrativa, é Gilda, a empregada da família, chamada respeitosamente pelos patrões de ajudante. Respeito esse, mantido por Ana, que também demonstra pela governanta certo carinho e empatia, além da preocupação com seu estado de saúde, visto que a empregada apresenta problemas em sua perna e a filha caçula dos patrões se solidariza com isso:

Quando chega em casa, vê Gilda mancando enquanto limpa o pátio. Algo aperta o coração de Ana e seu sangue esquenta. Há quanto tempo ela trabalha para a sua família? Desde antes de sua irmã mais velha nascer. Aproxima-se.

Tá com dor?

Gilda se assusta: não está acostumada com preocupação alheia, só com ordens.

É meu joelho, querida, mas não é nada.

Vou buscar aspirina, Ana diz, e corre até a caixa de remédios no banheiro dos pais. (DILL, 2019, p. 94)

O tratamento de Ana com Gilda é diferente de Carol que a trata com total desrespeito e grosseria, em cenas de plena antipatia e humilhação. A situação só se ameniza quando a menina precisa de seus favores de fotógrafa para fazer suas fotos à beira da piscina, de biquíni e em poses sensuais, caminhando para a vulgaridade. Algo que Gilda acaba tentando aconselhar, dizendo que seus pais não iriam gostar por se tratar de fotos abusivas. Há um momento específico, uma cena, em que contraria Carol e se impõe sendo severa em sua posição de decidir não fazer mais as fotos sensuais:

Gilda diz não.

Carol se espanta. Como ela ousa?

Mas eu tô mandando, Carol argumenta indignada.

Não quer dizer não, mocinha, já falei que não vou fazer. Gilda é firme e se retira mancando.

Carol a xinga aos gritos e volta para dentro de casa pisando firme com

o escarpim. Vou contar pra minha mãe e pro meu pai, a adolescente ameaça Gilda e a mulher para, se volta e rebate: Que bom, porque eu também vou contar. (DILL, 2019, p. 91-92)

Entretanto, o papel de Gilda vai muito além de ficar fazendo todos os gostos da mimada Carol, na tentativa de agradá-la a todo momento. A personagem é bem quista na história. É agradável, carinhosa com as meninas e desempenha um papel acolhedor que conquista o leitor. Além do mais, é humana e demonstra o tipo de profissional que desempenha sua função com muita honra.

O grande destaque em sua trajetória acontece no desfecho da obra, na cena final do enterro de Ticiania. Gilda é quem acompanha Ana no momento mais triste de sua vida, a despedida da melhor amiga. É ela que naquele momento está representando a família, no papel consolador e carinhoso de pai e mãe. É um gesto muito bonito e louvável da parte dela, que demonstra pela garota o amor e carinho que transpassam a relação de empregada e filha dos patrões. Enfim, Gilda faz, na medida do possível, o papel que os pais das meninas deveriam realizar: educar, orientar, cuidar. Os pais das garotas delegam as suas funções a ela, nomeando como “ajudante”. No entanto, esse papel é deles e não tem como terceirizar esse serviço, pois são suas filhas e elas necessitam acima de tudo de carinho, de cuidado, de compreensão, de diálogo, atitudes que Ana sente falta e reclama muito.

Na parte do núcleo da personagem Carol, onde sua trajetória se desenvolve maior parte no ambiente virtual da internet, diversos personagens secundários vão se acrescentando à sua narrativa, alguns com cenas um pouco mais marcantes e com uma certa história desenvolvida, outros com passagens breves. Indiferente de suas participações, Dill cria personagens secundários ricos em detalhes em ações que não passam despercebidas aos olhos do leitor, deixando marcadas suas contribuições no enredo. É o caso das celebridades das redes sociais, tão presentes na trajetória de Carol do início ao fim da narrativa.

Uma dessas personagens é Veronica Burrows, a *influencer* fashionista rica e famosa que mora em Los Angeles. Com mais de 1 milhão de seguidores é a grande inspiradora de Carol, que sonha em alcançar seu sucesso, ser bem-sucedida e famosa, sendo conhecida mundialmente como ela. A garota segue todos os passos de sua musa inspiradora, personagem secundária que ilustra seu enredo desde a

primeira cena do livro onde o autor faz sua apresentação logo abaixo da personagem Carol, seguindo em praticamente todas as cenas até seu desfecho, no episódio em que Carol se surpreende com o noticiário, informando que Veronica Burrows nada mais é que uma personagem falsa, criada pela brasileira Enilda Monteiro dos Santos, uma pobre atriz desempregada, moradora da periferia de Goiânia, que afirma ter inventado a personagem para se sentir amada.

Outra personagem secundária, celebridade da internet que desperta em Carol a inveja, os ciúmes e a revolta por ter em seu perfil 50 mil seguidores, aos três anos de idade, é a bebê Betina Batista, que está tão famosa que até foi convidada para representar uma marca de roupas infantis. A bebê é alvo de críticas frequentes de Carol.

Sua prima Louise, modelo internacional, muito conhecida na internet, com mais de 80 mil seguidores em sua rede social é outra personagem que auxilia na construção da personalidade de Carol. É uma personagem que também se faz presente em várias passagens da narrativa de Carol. Foram amigas de infância, quando morava em Cerro Alto do Sul, atualmente mora sozinha, fora do Brasil, em Hong Kong, na Ásia. As oportunidades como modelo surgiram quando foi contratada por uma famosa agência e começou a fazer fotos, logo vieram as viagens pelo país e a oportunidade em trabalhar no estrangeiro. Para Carol, o sucesso da prima é algo que a incomoda, pois sente inveja dela, aliás, desde a infância se sentia ignorada perante aos olhares dos outros em comparação à sua prima.

Outros personagens, de menor relevância, vão complementando o enredo de Carol no decorrer da narrativa. Uma personagem que marca presença em muitas cenas é Jane Dias, do último ano do Ensino Médio, que tem 200 seguidores. As duas se odeiam e trocam provocações na internet o tempo todo. Carol fala mal dela e a critica constantemente para as colegas da escola. Do outro lado, Jane critica todas as postagens de Carol, apontando seus defeitos e debochando de sua performance nas fotos. As amigas de ambas sempre estão tentando apaziguar e encerra as discussões, mas as provocações seguem constantes das duas partes.

Carol e Jane Dias passam a tarde trocando provocações pela rede.

Cresça e apareça, digita Jane Dias.

Cuide da sua vida, se não alguém vai cuidar, tecla Carol.

E por aí vão. Amigas de uma e de outra tentam amenizar, aconselham a não darem prosseguimento `a briga.

Não vou mais dar palco para gente baixinha, digita Jane Dias.

Ninguém te quer por aqui, tecla Carol. (DILL, 2019, p. 50-51)

O primo Roberto Greco, irmão de Louise, é outro personagem que Carol contracena em algum momento e a quem também tem muita antipatia. Ele é caracterizado como o *nerd* da turma, mostra-se mais maduro e tenta alertar os jovens do perigo da internet, das bobagens que ficam veiculando nas redes sociais. Ele posta textões, o que para ela que detesta ler é motivo de birra. Acha o primo um chato e insuportável.

Gus é um amigo de Carol que se mudou para o Rio de Janeiro e quando morava na cidade, estudavam na mesma escola, era louco por Louise, vivia bajulando e correndo atrás dela, fato que até hoje incomoda Carol, que morre de ciúmes e tem muita inveja da prima. A relação com Gus é de puro interesse, longe de ser amizade verdadeira, pois ele é um dos seus seguidores que mais curte e comenta suas fotos, vive a elogiando e ela adora, além de mexer no ego ainda lhe dá popularidade. Também é a pessoa que Carol usa para editar suas fotos no *photoshop*. Portanto, não há um sentimento verdadeiro, haja vista que Carol é uma pessoa narcisista, que não mantém vínculo de amizade com absolutamente ninguém. Deseja também ter uma vida como a do amigo, morar em uma cidade grande como o Rio de Janeiro, demonstrando ter a ilusão de que seja só calor, praia e festas.

A maioria das personagens secundárias estão inseridas no enredo de Carol, servindo para compor a personagem, como o caso do professor de Educação Física Emerson Maciel, que aparece na história sem ter participação direta na narrativa, assim como os três garotos que criam seu perfil *fake*.

No núcleo das amigas Ana e Ticiane, dois personagens secundários marcam presença, no caso, um deles ganha maior destaque, que é Renato Augusto. Ele ganha vida nas cenas de interação com Ana, pois tem um papel primordial de ser aquele amigo que, indiretamente, tira-a da escuridão, de sua “caverna” e traz para a luz e que, de certo modo, faz com que desista do suicídio. Já com Ticiane, o personagem

que desencadeia suas crises de ansiedade é Pedro, seu ex que terminou o namoro com ela em postagem em rede social:

Ticiana brigou com o Pedro. Na verdade, foi o Pedro quem brigou com a Ticiana. O menino, de repente, usou menos de 140 caracteres para informar que não queria mais seguir com o namoro. Ela ligou, falou, indagou e ouviu apenas respostas evasivas e, no entender dela, completamente malucas. Tentou de tudo e não houve jeito. O menino manteve-se irredutível.

Ticiana não se conformou com rompimento do namoro. (DILL, 2019, p. 23)

Os personagens secundários são de grande importância na obra *100 mil seguidores*. Luis Dill os constrói com uma riqueza de detalhes que colaboram com o desenvolvimento do enredo das personagens das três meninas e a expansão das ideias em suas narrativas. Não se trata de apenas personagens secundários para fechar espaços da narrativa, são personagens que participam ativamente da narrativa, pensados em ter uma lógica, um significado dentro da história.

4.4 AS IDEIAS EM 100 MIL SEGUIDORES

Conforme os conceitos de Candido (2011), as ideias são os conceitos, temas e as mensagens que a narrativa explora. Elas representam o substrato intelectual e filosófico da obra. O teórico enfatiza os temas centrais, que são as questões fundamentais que a narrativa aborda, que no caso de *100 mil seguidores*, a violência se faz muito presente, seja no tema central da narrativa, seja nas formas explícitas e diretas da prática do *bullying* sofrido pelas personagens Ana e Ticiana, por seus comportamentos antissociais, personalidade e aparência gótica por meio de suas vestimentas. Carol também sofre retaliações por suas postagens nas redes sociais e por meio do perfil *fake* do professor Emerson Maciel, que alguns garotos da escola fizeram para ridicularizá-la.

A violência é bastante explorada pelo autor em formas mais veladas e perceptíveis mediante análise dos acontecimentos narrativos, como nas formas de problemáticas familiares, comportamentais dos adolescentes, assim como suas aflições típicas da idade.

Na temática central, Dill explora em *100 mil seguidores* várias linhas que podem ser consideradas forma de violência por meio de suas personagens e ao passo que a narrativa vai se desenvolvendo. As personagens atravessam por diversas situações danosas que afetam seus psicológicos, acarretando problemas sentimentais e psíquicos, devido à violência que sofrem por causa de comportamentos agressivos, de intolerância, falta de empatia pelo próximo, por maldade e outras por falta de caráter. Fica bem evidente na obra os danos que são causados a si próprio, com episódios de narcisismo de Carol e automutilação das meninas Ana e Ticiane, que é de uma gravidade tão preocupante que até mesmo leva uma delas a cometer o suicídio.

A dependência tecnológica apresentada pela personagem Carol pelo uso constante da internet e demasiado uso do celular é o que marca sua trajetória dentro da narrativa. O autor contextualiza a contemporaneidade, a cultura midiática e as novas formas de vivência dessa nova era que se iniciou com o advento da internet. As obras de Dill, em especial *100 mil seguidores*, representam essa nova linguagem inserida nas obras literárias com o propósito de espelhar na ficção o comportamento desses novos tempos de globalização.

A violência da exposição exagerada nas redes sociais, a ilusão vivida por Carol em relação à fama e ao engajamento nas redes sociais, criando um distanciamento do mundo real, da vida social fora do ambiente virtual são os temas que fazem parte da história da personagem, comungando com a teoria de Debord (2003), acerca do espetáculo, ao afirmar que:

O homem alienado daquilo que produz, mesmo criando os detalhes do seu mundo, está separado dele. Quanto mais sua vida se transforma em mercadoria, mais se separa dela.

O espetáculo é o capital a um tal grau de acumulação que se torna imagem. (DEBORD, 2003, p. 27)

Para Debord, o espetáculo não é apenas uma coleção de imagens, mas uma relação social mediada por imagens. Ele representa o momento em que o capital acumula tanto poder e influência que se transforma em representação — uma realidade mediada por imagens que consomem a atenção e o desejo das pessoas. O

"espetáculo" é a forma mais avançada do capitalismo, em que as relações humanas são completamente mediadas pela lógica da mercadoria e da imagem.

Debord critica a maneira como, na sociedade capitalista, o ser humano se aliena do que produz, enquanto sua vida se torna cada vez mais mercantilizada. O espetáculo é a manifestação visual e simbólica desse processo, no qual o capital, ao acumular-se, transforma-se em imagens que moldam e controlam a vida cotidiana.

Numa contextualização mais objetiva, o conceito dos anos 60 e 70 com a atual era da internet continua sendo mediado pelas imagens que forma, enfim, o espetáculo. A espetacularização da vida ainda é evidente na necessidade de exposição do cotidiano do indivíduo. De acordo com o conceito de Debord (2003), a sociedade do espetáculo contemporâneo se baseia nessa expectativa, de se viver de aparências, onde o parecer é mais importante do que o ser.

Pela falta de cuidado dos pais que não exerceram a função deles, Carol sofre a violência do abandono. Ela não recebe orientação dos pais de como deveria usar as mídias sociais, não recebe limites para o uso do celular e nem recebe informações do perigo das exposições que ela faz em seu perfil, visto que os pais nem acompanham ou são seguidores dela. Ela não recebe o acompanhamento em sua educação escolar, os pais não se preocupam se ela estuda para as avaliações e se realiza suas tarefas escolares, e nem a escola informa os pais dos problemas percebidos quanto ao seu comportamento. Os pais não têm noção da alimentação nada saudável da sua filha que, acima do peso, culpa a genética. Eles nem sabem se ela dorme o suficiente para poder se concentrar nas aulas no dia seguinte ou se ficou no celular a madrugada toda, prejudicando o aprendizado durante as aulas. Afinal, os pais não cuidam da filha, não a orientam, não a educam, apenas a proveem de bens materiais, mas não a suprem de amor e de cuidado.

Por causa dessa violência do abandono dos pais, provavelmente, Carol demonstra ser uma pessoa ansiosa e frustrada, nessa ânsia narcisista, se expondo a todo momento, como forma de se sentir realizada. As frustrações experimentadas por ela nas decepções com os perfis *fakes* do atraente e admirado novo professor de Educação Física e de sua musa inspiradora, a *influencer* de moda e fashionista Veronica Barrows, além de Ticiane ter atingido com seu suicídio a marca de 100 mil seguidores nas redes sociais, como ela tanto buscava com suas publicações, deixa-a paralisada, sem chão, visto que perdeu o que ela tinha de porto seguro. Como ela irá

reagir a isso e dar novo sentido à vida dela é uma incógnita, pois a obra fica em aberto, a cargo de cada leitor refletir e dar o seu final.

Da mesma forma, Ana também sofre a violência do abandono dos pais. Ela também não recebe orientações, nem cuidados, além de vivenciar a relação nada saudável dos pais, que se preocupam apenas com os seus trabalhos profissionais e se enriquecerem. Única coisa que eles provêm aos seus filhos: bens materiais.

A sorte é que Ana é disciplinada com os estudos, organizada com suas coisas, mas sente o abandono familiar e a dor na alma é compensada com a violência que faz com seu próprio corpo ao se mutilar. A ausência dos pais e a casa entregue aos cuidados da empregada, terceirizando a obrigação e responsabilidade dos pais ocasiona problemas sérios na formação psicológica das meninas.

Ticiane também sofre com a problemática dos pais, que a faz presenciar a todo momento as brigas entre eles, não tendo um lar saudável e quando descobrem as suas mutilações não sabem como agir e acabam a discriminando mais ainda, que a leva ao suicídio.

Ana e Ticiane desenvolvem suas ações depressivas de mutilações e agressões a seus corpos e estados psíquicos num acúmulo de tensão que vai aumentando gradativamente em seus enredos e ganhando tamanha proporção até atingir o clímax da narrativa com a cena pesada do chocante suicídio de Ticiane perante milhares de espectadores em transmissão online aberta, em tempo real por meio de uma *live* na internet. O uso irresponsável e sem monitoramento dos ambientes virtuais também fica bem evidente na cena. Nesse episódio da narrativa também se esbarra na teoria de Guy Debord (2003) acerca do espetáculo, que literalmente foi a promoção de um evento construído por Ticiane, que provavelmente naquele momento, não tinha noção do dano que causaria a si mesma, estando apenas alienada com a condição de ser vista e se fazer compreendida pelas pessoas que acompanhavam sua *live*.

Para contextualizar o ato da personagem, segundo Gui Debord (2003):

O espetáculo na sociedade representa concretamente uma fabricação de alienação. A expansão econômica é principalmente a expansão da produção industrial. O crescimento econômico, que cresce para si mesmo, não é outra coisa senão a alienação que constitui seu núcleo original. (DEBORD, 2003, p.26-27)

O teórico reflete sua crítica à sociedade capitalista contemporânea, onde as relações sociais são cada vez mais mediadas por imagens e representações, que ele chama de "espetáculo". Debord argumenta que o "espetáculo" – ou seja, o conjunto de imagens e aparências promovido pela mídia, publicidade, e o consumo – é uma forma de alienação. As pessoas passam a se relacionar com representações e imagens, em vez de com a realidade concreta e com suas próprias necessidades e relações humanas genuínas. Isso cria um distanciamento, ou alienação, da verdadeira experiência de vida. Ele aponta para a dinâmica econômica da sociedade industrial e capitalista. O crescimento da produção em massa e do consumo são fatores centrais nesse processo. A sociedade está cada vez mais voltada para produzir e consumir bens, muitas vezes sem levar em consideração suas necessidades reais. O autor critica a lógica do capitalismo, onde o crescimento econômico se torna um fim em si mesmo. A produção e o consumo se descolam das reais necessidades das pessoas, criando um ciclo vicioso em que o crescimento perpetua mais crescimento, mas isso gera alienação. As pessoas se afastam de uma vida autêntica e se veem imersas em um mundo de imagens e objetos, desconectadas de si mesmas e de suas relações sociais verdadeiras.

Em síntese, Debord está denunciando o papel do "espetáculo" como um mecanismo que reforça a alienação das pessoas na sociedade contemporânea, à medida que o crescimento econômico e a produção industrial perpetuam uma realidade superficial, mediada por imagens e mercadorias, em vez de experiências humanas genuínas.

Contextualizado seu conceito com a atual era da internet, em que os indivíduos se relacionam socialmente, sendo mediados por imagens, ou seja, diante do espetáculo, o indivíduo sente a necessidade de polemizar os aspectos de sua vida. Dessa forma, a cultura das redes sociais é espetacularizar, torna público os momentos de suas vidas, portanto, o conceito de sociedade do espetáculo se baseia no consumo de espetacularizações da vida cotidiana, presente em modelos constantes de espetacularização da vida, uma necessidade de reprodução da vida social que se dá em diversos momentos e se relaciona a todo o tipo de mídia social.

Hoje, através da internet, o espectador dessa imagem que Debord (2003) conceituou como espetáculo, participa diretamente desse jogo, interagindo de uma forma mais intensificada, tornando-se mais vulnerável e influenciável, sem se dar

conta da sua alienação, de que não age de forma isolada e individual, iludindo-se em pensar que tem o total controle da situação, simplesmente pela sua autonomia de participar e escolher o que quer ver e opinar, apresentando no universo da internet, sua produção intelectual e artística no compartilhamento de suas ideias.

Debord (2003) conceitua acerca dessa confusão entre ficção e realidade, como se as narrativas ficcionais e as da televisão, do cinema, substituísse ilusoriamente a vida real desse espectador, se colocando naquele mundo fantasioso.

Pavorosamente, as pessoas que estão participando e interagindo com Ticiania, a estimula a cometer o ato. O espetáculo em que uma garota depressiva promete algo extraordinário a seu público, que acompanha atentamente a cada movimento, interagindo para que o produto oferecido - suicídio – seja entregue. É evidente a banalização da vida, as pessoas presentes estão ali exclusivamente para assistir um ato de extrema perplexidade, não se importando com a vida de quem está ali, prestes a ser findada. Algo ainda mais assombroso foi seu perfil atingir a marca de 100 mil seguidores e ter alcançado um grande índice de popularidade.

A temática sensível de mutilação é considerada um tabu por muitos pais. Eles não discutem esse, ora por valores religiosos, ou por vergonha, ou por considerarem caso de loucura como mencionado na obra, visto que na conversa entre Ana e Renato Augusto surgiu comentário de que ela seria internada em um hospício. Os pais de Ticiania não perceberam que a menina estava pedindo socorro, necessitava de cuidado, carinho, sentia-se abandonada.

Em *100 mil seguidores*, esses temas tabus e fraturantes são bem demarcados por Luis Dill nos episódios em que as meninas recorrem à automutilação como um alívio para suas aflições. Um sinal de alerta aos pais por meio da narrativa, pois se trata de uma prática real, habitual entre jovens na fase conturbada e transitória da adolescência.

A violência também se faz presente na forma de privação de valores da vida em sociedade, direito por uma educação digna e de qualidade, na violação das fases essenciais para a formação do caráter e da personalidade, em deixar a criança ser criança e entender que entre a infância e a vida adulta há a complexa fase da adolescência, de preparação do jovem para a vida adulta.

Luis Dill, por meio da narrativa, explana sobre os conflitos enfrentados por algumas categorias de jovens. A obra abrange os problemas sociais nas

problemáticas de interações de tribos, entre os diferentes, a aceitação em grupos sociais e a discriminação. Fala de família, dos seus conflitos causados pelos atritos entre os casais, as relações de pais e filhos, a falta de diálogo e compreensão. Critica a quebra de valores e o novo modo de viver do indivíduo pós-moderno. Por meio da obra se questiona o quanto todo esse conjunto de ações e comportamentos refletem no perfil do jovem adolescente contemporâneo.

São temas e assuntos delicados e de difícil abordagem, que de certa forma, acabam sendo tabus principalmente pelo medo de que o tocar no assunto pode ser visto como uma forma de influenciar o filho a cometer tal ato, infelizmente os pais têm essa forma de pensar, que da mesma forma muitos preferem não conversar com os filhos sobre sexo, pensando que podem despertar o interesse ou a curiosidade, deixando a cargo das escolas o tratamento do tema em aulas de sexologia.

Consequente, é um assunto ainda complexo, que divide opiniões quando exposto também nas narrativas literárias, pois causam de estranhamento, acontece uma quebra de expectativas, uma ruptura do tradicional, do que até então é o aceitável, o aprovado por um grupo ou pela própria sociedade. Sexo, drogas, violência, morte, sexualidade, racismo, ainda são temas tabus, difíceis de serem tratados e abordados. Quando feitos por escolas, pela própria literatura ou outras formas educacionais ou instrucionais, são fadados a caírem nos juízos de valores. Não por sua delicadeza e complexidade, mas pela rejeição de uma sociedade ainda fechada para o desenvolvimento da nova geração e a vivência de novas culturas e novos costumes atribuídos à vida contemporânea e midiática.

Obras com temas sensíveis, delicados e denominados tabus ainda sofrem resistência por parte do próprio meio escolar, pais e opinião pública para serem discutidas. Algo que se inicia na literatura infantil, nos livros para crianças e se estendem pela literatura juvenil aos jovens adolescentes. Hans Robert Jauss (1994), em seus escritos de 1969 já discursava acerca dessas reações que podem ser desencadeados pela obra literária:

O “juízo dos séculos” acerca de uma obra literária é mais do que apenas “o juízo acumulado de outros leitores, críticos, espectadores e até mesmo professores”; Ele é o desdobramento de um potencial de sentido virtualmente presente na obra, historicamente atualizado em sua recepção e concretizado na história do efeito,

potencial este que se descortina ao juízo que compreende na medida em que, no encontro com a tradição, ele realize a “fusão dos horizontes” de forma controlada. (JAUSS, 1994, p. 38)

O propósito do presente trabalho não é o de levantar discussões acerca de julgamento de valores de temas das obras literárias, mas de refletir sobre a importância de se questionar por meio delas o retrato da condição dos jovens contemporâneos na sua vivência em sociedade e de tudo o que está a sua volta, despertando a reflexão acerca de sua vida e de seu comportamento como parte de um todo. Haja vista que temas tabus, temas delicados, sensíveis e difíceis de serem tratados devem ser abordados pela literatura por sua própria definição e característica, servindo basicamente como pano de fundo, um pretexto para serem abordados em debates sequenciais por pais, educadores e escola, sem o olhar crítico da condenação.

Na análise acerca do assunto, a pesquisa se deparou com o trabalho de Layane Maria dos Santos Batista Lira (2021), que em sua monografia, apresenta reflexões acerca de temas fraturantes dentro das literaturas infantis, ou seja, assuntos delicados e considerados tabus, tão presentes em 100 mil seguidores nas temáticas de mutilação, depressão no adolescente e suicídio. Temas que também foram encontrados no artigo das psicólogas Aline Santos e Silva e Vlândia Zenkner Schidt (2019) que discutem acerca da temática de autolesão na adolescência, citando principalmente a história das duas personagens em *100 mil seguidores* em seus estudos.

Ambos os trabalhos, serviram como referência inicial para a análise de Ana e Ticiane, dando um maior entendimento para com as temáticas e o emprego dessas problemática à psicologia dos personagens, deixando mais claro o olhar diante dos seus comportamentos e a consequência de cada ato. O trabalho de contextualização do real e do ficcional foi de grande valia para o entendimento de sua aplicação nos enredos.

Consequente a esses apontamentos levantados durante a pesquisa, faz-se necessário refletir sobre a forma que Dill aborda ambas as temáticas na obra, haja vista que, os temas fraturantes se tornam ainda mais importantes dentro da pauta de discussões se pensarmos pela perspectiva dos pais diante da sua forma de

quererem proteger seus filhos de certas temáticas complexas, não apenas por serem consideradas tabus, mas por representarem perigo diante das situações as quais esses filhos estarão sujeitos a passar e expostos com sua inserção na vida em sociedade, certo de que, para os pais, o medo impera ao tentar assumir que estão prontos para enfrentar o mundo. Entretanto, impedi-los seria uma forma de limitá-los do conhecimento do que faz, ou fará, parte de sua conjuntura.

No que tange à interpretação e ao significado, Candido (2011) explana que a riqueza de uma obra literária muitas vezes reside em sua capacidade de suscitar diferentes interpretações e significados, proporcionando uma experiência de leitura rica e multifacetada. Perante análise realizada, *100 mil seguidores* é uma obra literária bem construída, que apresenta uma linguagem de fácil compreensão, uma história de descomplicada assimilação e mimetização da contemporaneidade retratada na ficção, deixando muito bem desenhada suas intenções e direcionamento à reflexões acerca das problemáticas enfrentadas por uma pequena camada social de jovem adolescente, as armadilhas que a internet oferece no seu uso demasiado e desatento, as violências sociais as quais esses jovens estão expostos e as problemáticas que contemplam sua formação ética, moral, como cidadão, humano, filho, pré-adulto, entre outros. Além de destacar a importância de se olhar para esse adolescente como alguém que necessita ser compreendido, ouvido e notado, entendendo suas aflições, necessidade e anseios.

Dentro dessa perspectiva, a temática da morte também acaba sendo algo de difícil tratamento, principalmente quando acompanhada de forma não natural e provocada, como no suicídio. Para o adolescente, a simbologia diante do seu conceito, é encarada de forma mais complexa, com o significado de fim do sofrimento, libertação, a forma de resolver um problema considerado sem solução. Em comunhão a essa abordagem, Ticiane enfrenta todas essas especificidades atribuídas à fase da adolescência, retratada em sua trajetória dramática no decorrer da história, tendo a dor física como alento da própria dor da alma, dada por meio da automutilação. Dessa forma, são descritos seus enfrentamentos, suas angústias e a escolha pela morte como forma de libertação e solução para todos os seus problemas, chegando ao ato extremo do suicídio.

As mensagens e reflexões que a obra concede ao leitor, com mensagens explícitas ou implícitas, convidam à reflexão. Ideias que são integradas de forma orgânica ao enredo e aos personagens, sem parecerem forçadas ou didáticas.

Os comportamentos de Ana e Ticiane advêm de seus lares desestruturados por casamentos falidos e relações mal resolvidas, se contrapondo a pais ausentes, lares que não têm as figuras maternas ou paternas nos momentos mais difíceis e delicados do desenvolvimento da criança e do adolescente, que requerem interesse e entendimento aos problemas de seus filhos, que precisam ser ouvidos, dialogar, enfim, dar apoio, compreensão e, principalmente, atenção.

Por outro lado, as ideias são desenvolvidas nas formas de violência explícita ou não na narrativa. Os episódios de *bullying* apresentados nas ações contra Ana e Ticiane servem de alerta à prática que é bastante recorrente nos ambientes escolares e entre os jovens. Problemática que ganha níveis gravíssimos e pode levar a resultados catastróficos, como tantos que são de conhecimento do público tanto nacional quanto internacionalmente, como ataques à escola, estudantes e professores.

Segundo os estudos, a literatura juvenil caracteriza-se pela construção de enredos que apresentam conflito dos personagens, que vivenciam na ficção as mazelas da contemporaneidade, seus sentimentos reprimidos, seus conflitos, aflições, sofrimentos e todas as angústias próprias da fase vivida na adolescência. Entre as complexidades, um dos temas que ganha destaque, tanto no universo virtual quanto no ambiente físico escolar é o *bullying*, prática muito presente no cotidiano do adolescente e que movimenta campanhas e discussões entre pais, escolas, comunidade e autoridades.

A narrativa de *100 mil seguidores* é apresentada ao leitor de forma objetiva tratando a realidade como ela é. As temáticas são apuradas sem distinção significativa de sentido entre o real e o fictício, mimetizando o contexto contemporâneo, empregado na forma bem verossímil, conforme analisado ao conceito de verossimilhança de Candido (2011). Essa situação representada de forma subjetiva, de acordo com os sentimentos e emoções das personagens. O autor apenas apresenta os fatos, o narrador é um sujeito neutro, o que é definido como uma forma de influenciar o leitor ao exercício da reflexão, o convidando a desenvolver sua análise

crítica, construindo sua própria visão dos fatos e suas opiniões perante os acontecimentos da narrativa.

As amigas Ana e Ticiane demarcam significativamente as violências sociais por meio das injúrias que recebem dos colegas da escola por suas formas de se vestir e de se comportar. Elas sofrem a violência da discriminação. Ana por seu perfil de menina calada, atraindo a intolerância das meninas, que a apelidam de Mudinha, além de atribuírem a seu estilo mais reservado e de isolamento social e interação entre as colegas, recebendo outro apelido de Porco Espinho. A discriminação que afeta Ticiane é atrelada ao seu estilo gótico, que dá ideia de uma pessoa que se veste com roupas mais escuras, com visual mais *dark*. Seu apelido é Vampira Gótica!

A personagem secundária de Renato Augusto também é vítima de bullying e recebe apelido de Furacão Loiro dos colegas da escola, por conta de sua cor somada ao seu comportamento em sala de aula, sempre agitado, falando alto e perturbando a todos. Talvez, Ticiane seja a personagem que mais sofre discriminação dentro da história criada por Dill, como pode ser percebido pelo diálogo entre Ana e Renato Augusto. Os alunos da escola a discriminam ao saberem da sua prática de automutilação. Na cena, é Renato Augusto quem puxa assunto sobre os apelidos deles:

Por que te chama de Mudinha?

Adivinha.

Renato Augusto pensa. Ah, ele faz, e ri da sua própria pergunta. Não dá bola, ele recomenda. Não te acho mudinha. É besteira, coisa de quem não te conhece. Sabe qual é meu apelido?

Ana faz sim com a cabeça. Furacão loiro, diz.

O pessoal gosta de sacanear. Sabe como chamam tua amiga?

A Ticiane?

Chamam ela de Vampira Gótica.

A bibliotecária tosse, ajeita os óculos. De modo disfarçado, observa os dois. Ela se inclina, chega perto de Ana. E não é só isso. Dizem também que tua amiga tem montes de cicatrizes nos braços.

Besteira, Ana quase grita e cria espaço entre eles.

Que ela usa roupas de manga cumprida para esconder as marcas. Falam até que ela já foi internada em hospício.

A palavra “hospício” impacta Ana.

Ela nunca me contou nada disso. É mentira! Esse pessoal não tem nada melhor pra fazer?, ela protesta. São todos uns mentirosos!

É verdade, Renato Augusto resolve concordar. Meu irmão é colega da tua irmã e lá eles também vivem sacaneando os outros.

Ana respira fundo na tentativa de submergir o assunto. (DILL, 2019, p. 68-69)

A obra acompanha o desenvolvimento tecnológico da era pós-moderna e descreve a cultura cibernética em sua estrutura narrativa, principalmente, transferindo para a narrativa a tentativa de emulação do digital e sua representação por meio de aspectos artísticos na sua produção visual. Novamente o escritor se apropriando da verossimilhança ao descrever, por meio das ideias, a história de Carol relacionada ao engajamento nas redes sociais, sua obsessão em se tornar uma pessoa popular, conhecida, famosa nas redes e rica, como é visto na mídia que enfatiza a trajetória de alguns dos influenciadores digitais que se destacaram, de conhecimento do grande público, as celebridades da internet que fazem sucesso em meio às crianças e adolescentes, que inspiram os jovens e admiradores que cobiçam atingir o mesmo nível e conquistar toda a fama e posição financeira que expõem publicamente.

A cultura do engajamento nas redes sociais se tornou um objeto de desejo entre esses jovens freneticamente ligados aos ambientes das redes. Ao analisar as ideias veiculadas na narrativa, o leitor pode obter uma compreensão mais profunda do significado da obra e das intenções do autor. Isso também pode ajudar a contextualizar a narrativa dentro de um panorama mais amplo de discussões sociais, culturais e filosóficas.

4.5 A ESTÉTICA EM 100 MIL SEGUIDORES

100 mil seguidores é uma narrativa curta, precisa e objetiva, que entrega ao leitor uma história ficcional que visa explorar acontecimentos mimetizados no contexto contemporâneo por meio da verossimilhança. Essa é uma característica muito presente nas produções de Luis Dill, que transcreve em suas obras a realidade da contemporaneidade, o apelo social pelas diferenças e injustiças, focando nos conflitos sociais, familiares e de geração que uma parcela dos jovens adolescentes frequentemente enfrenta.

Candido (2011) contextualiza a retratação da realidade na ficção em partes na acentuação dos valores estéticos da obra ficcional, que de alguma forma proporciona ao leitor aquilo que muitas vezes ele inconscientemente busca em uma

obra literária, o prazer do conhecimento, atrelado ao também prazer da descoberta, sejam por meio de personagens ou situações:

Na medida em que se acentua o valor estético da obra ficcional o mundo imaginário se enriquece e se aprofunda, prendendo o raio de intenção dentro da obra e tornando-se, por sua vez, transparente a planos mais profundos, imanentes à própria obra. Só agora a obra manifesta todas as virtualidades de “revelação” - revelação que não se deve confundir com qualquer ato cognoscitivo explícito, já que é em plena “imediatez” concreta que o mediado se revela, na individualidade quase-sensível das camadas exteriores e na singularidade das personagens e situações. (CANDIDO, 2011, p.42)

Retomando os apontamentos teóricos acerca da estética buscada pelo leitor em uma obra de romance ficcional, Antonio Candido (2011) organiza o conceito de que, “a grande obra-de-arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos” (2011, p. 45), ou seja, na mimetização da contemporaneidade, diversas situações aproximam personagem ficcional de pessoas reais, em situações que retratam suas frustrações e angústias, trazendo exemplos de superação de fracasso, derrotas e conquistas, apresentando os dois lados de sua vivência, tanto o positivo, quanto o negativo.

Nessa exposição da vida cotidiana, o estético se faz presente na retratação dos valores morais, religiosos e político-sociais. Estético que acentua e demarca valores já conhecidos por esse leitor ou trabalham sua capacidade cognoscitiva, levando esse indivíduo ao aprendizado, à descoberta e ao conhecimento de valores até então por ele desconhecidos.

Nessa inversão de valores estéticos, o leitor pode se deparar com inúmeras possibilidades de degradação humana. Casos específicos, isolados ou constituintes de uma determinada cultura. Problemas e conflitos de caráter regional, particular, familiar, específicos de um grupo, de uma faixa etária, ou até mesmo ideológicos. O desconhecido que pode gerar nesse indivíduo repulsa, indignação, estranhamento, revolta e os mais diferentes sentimentos de impunidade, inutilidade, impotência. Sentimentos que o ser humano desenvolve diante de acontecimentos sem providências e em muitas vezes seguidas de neutralidade, como injustiças, crueldades e intolerâncias das mais variadas categorias.

Antonio Candido (2011) traz também à discussão, a questão do enredo, que apresenta os fatos, a organização dos acontecimentos narrados e vividos pelos personagens, que têm seus destinos traçados pelo escritor numa certa duração temporal. O teórico atribui ao enredo três elementos essenciais e centrais para seu devido desenvolvimento, “o enredo e a personagem, que representam a sua matéria e as ideias, que representam o seu significado”, o que para ele só tem sucesso em um romance se caminharem juntos, “estes três elementos só existem intimamente ligados, inseparáveis, nos romances bem realizados (2011, p. 54). Esse conjunto de especificidade em uma narrativa, corroboram para a construção de obra estética, que passa ao leitor a impressão de leitura de obra bem escrita, bem pensada, planejada e com propósito de alcançar as expectativas desse leitor.

Consequente, junta ao enredo e ao personagem a verossimilhança entre o real e o fictício, a nuance que se cria na imaginação do leitor sobre o que existe e aquilo que é inexistente. Esse é o verdadeiro sentido da obra ficcional literária, o paradoxo na produção da fantasia na relação com o ser vivo:

Como pode existir o que não existe? [...] a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. Verifiquemos, inicialmente, que há afinidades e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção, e que as diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentimento de verdade, que é a verossimilhança. (CANDIDO, 2011, p.55)

Em complementação aos excertos supracitados, é necessário que na narrativa exista coerência além da relação da personagem com a vida, de um romance com estrutura que possibilite a resolução dos problemas de organização estética do material de verossimilhança da vida contemporânea e na comparação com o mundo. “Mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ela só parecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente” (2011, p.75).

Segundo Zygmunt Bauman (2008), vivemos “tempos de transição”, semelhante aos acontecidos no passado “com o nascimento da sociedade moderna”. O socialista faz uma reflexão da violência, destacando sua lamentável proporção e

grau de crueldade em que se prolifera e alastra nos tempos atuais que vivemos (2008, p. 264-265). O autor destaca a rotina em constante transformação, o ser humano se afastando cada vez mais dos valores e hábitos do passado, adotando novas posturas e valores inspirados no imediatismo em que as coisas acontecem, surgindo, assim, uma quebra de padrões que afetam as relações sociais:

Nossos tempos são de transição, pois as velhas estruturas estão desmoronando ou têm sido desmanteladas e nenhuma estrutura alternativa com um peso institucional semelhante está pronta para substituí-las. É como se os moldes nos quais os relacionamentos humanos eram vertidos para adquirir forma tivessem sido lançados em um cadinho. Privados desses moldes, todos os padrões de relacionamento se tornam tão suspeitos quanto incertos e vulneráveis, receptivos ao desafio e abertos à negociação. Não se trata apenas de as relações humanas atuais, assim como todos os atributos humanos na era da modernidade, precisarem de um esforço para adaptá-las a um padrão; o problema é que os próprios padrões já não são “dados”. Eles mesmos se transformaram em tarefas, que devem ser executadas sob condições que são marcadas pela ausência de “regulação normativa” e de critérios bem definidos para uma realização bem-sucedida. Um jogo curioso, cujos objetivos e regras são eles mesmos seus principais riscos.

Uma vez que a construção de padrões não tem uma linha de chegada preestabelecida e como não existem planos prontos para se verificar a direção da fuga, muito menos medir seu progresso, o trabalho só pode proceder por meio de uma série de tentativas e erros. Hoje, a construção de padrões consiste num processo contínuo de experimentação. Qualquer suposição inicial que os experimentos deveriam testar tende a ser vaga ou completamente ausente; o objetivo da experimentação é ele próprio o tópico do experimento. (BAUMAN, 2008, p. 265-266)

Por síntese, é certo definir que, segundo o conceito de Candido (2011), para uma obra alcançar uma estética considerável, é primordial que um bom enredo deve estar povoado por personagens bem desenvolvidos, cujas ações e evoluções revelam e exploram as ideias centrais da narrativa. Da mesma forma, as ideias devem emergir naturalmente das interações entre o enredo e os personagens, garantindo uma narrativa coerente e significativa.

Em suma, para Candido, a combinação harmoniosa e equilibrada desses três elementos é essencial para a criação de uma narrativa eficaz e envolvente, capaz de capturar a imaginação do leitor e proporcionar uma experiência literária profunda e enriquecedora.

4.5.1 A linguagem empregada na obra e a Diagramatização

No que se refere à Literatura Juvenil, Dill constrói uma narrativa que alcança o público jovem por meio de uma linguagem simples, objetiva e direta, retratando episódios que refletem a vida pós-moderna e que pertencem ao universo de suas realidades. Os acontecimentos narrados vão ao encontro das expectativas dos jovens, respondendo aos seus questionamentos por meio dos personagens, enredos e ideias, em consonância com os três conceitos da teoria de Candido (2011) sobre o personagem da ficção e o romance. As personagens, através de suas ações no decorrer da trama, permitem que o jovem leitor se identifique com a obra, favorecendo, assim, o desenvolvimento de seu interesse pela leitura. Ademais, a diagramação do livro desempenha um papel importante nesse processo de estímulo ao interesse do jovem pela obra literária. *100 mil seguidores* é uma narrativa com textos curtos, direcionado ao público jovem, possibilitando que reflitam as questões descritas na história, se identifiquem, analisem, critiquem e percebam como sua geração está se formando.

A linguagem de *100 mil seguidores* é própria do adolescente, representada por meio das três personagens. Carol é uma jovem que não é adepta a leituras, que não se amarra a textos longos. Na obra, a linguagem é abordada de forma informal, com expressões próprias dos jovens, transmitindo sentidos diretos e momentâneos, em um entendimento fácil e direto dos assuntos discutidos e nas temáticas abordadas. As orações são simples, os capítulos são curtos, rapidamente narrados.

A obra apresenta em certos momentos da narrativa, manchetes e notícias aleatórias, além de informações das celebridades que Carol acompanha. A produção de sentido é a representação da pequena parcela de jovens que de certa forma a personagem representa, aquele adolescente que não gosta de ler, que passa pelas manchetes olhando de forma superficial apenas seus enunciados, dando atenção apenas ao que lhe convém, que é do seu interesse, representando o perfil de quem não se aprofunda na leitura, lê em camadas fragmentadas. Muitas vezes essa prática acaba gerando desinformação ou conteúdos incompletos, com interpretações equivocadas. O trecho a seguir estampa o comportamento de Carol:

Carol esperta a ponta do carregador no aparelho e checa as novidades no seu *site* preferido.

Atriz tira a roupa e enlouquece fãs.

Jogador de futebol bate o carro e diz não ter dirigido embriagado.

Gêmeos de novo *reality show* garantem ter visto objeto voador não identificado no interior de Minas Gerais.

Folheia a tela, investiga as novidades da loja favorita. (DILL, 2019, p. 22)

Outro trecho da narrativa demonstra a aleatoriedade da navegação sem propósito e como instrumento de distração é exposto em cena de Carol em sala de aula, desligada das explicações da professora, devaneia pela aleatoriedade do universo cibernético:

Carol acha a maior chatice, quando a prima posta textões. Essa mania ela deve ter pegado do irmão, a menina pensa. Acessa Roberto Greco: Menos rede social, mais pensamento. Menos bobagem, mais bagagem. Um chato, ela resmunga.

Passeia por fotos da cidade. Montanhas e prédios enormes. Chineses por toda parte, Comércio colorido, neons, praias.

Graicilene Martins só de biquíni. Pernas e braços musculosos. Abdome cheio de gominhos. Viciada em academia, a musa *fitness* não foge de treinos fortes, mas não dispensa boa hidratação.

Cachorro com duas cabeças vira atração de circo no interior de Bulgária.

Milionário compra ilha, derruba todas as árvores e manda concretar tudo por fobia a aranhas.

Adolescente ganha Ferrari do Pai e a destrói ao sair da concessionária.

Idoso fica dois anos com chave de fenda entalada na garganta.

Acompanha a situação de suas recentes compras. Entrega com distribuidor. (DILL, 2019, p. 59-60)

Uma das marcas de Luis Dill é fazer uso do regionalismo em suas narrativas, o dialeto gaúcho, com gírias próprias de sua cultura, algo muito pouco relatado em *100 mil seguidores*. Em outras obras do autor, essas especificidades são bem demarcadas, como o uso de expressões e marcas de linguagem próprias do dialeto regional, no caso do Rio Grande do Sul, como o pronome pessoal tu, usado na obra em um diálogo entre Ana e Ticiane, assim como o guri e guria, formas de tratamento usados como sinônimos para meninos e meninas. São um conjunto de marcas artísticas do escritor que acaba criando uma identificação com o leitor, uma forma de

engajamento, de ir direto ao público-alvo com a intenção de trazer esse jovem para a leitura e assim criar nele o gosto pela leitura.

Em uma das cenas de Ana, a palavra *guria* é mencionada ao se referir à irmã Carol:

Ana espia as fotos da irmã, acha-as de mau gosto, pobres. Lê os comentários de pessoas estranhas e sente-se envergonhada. Identificar ali uma mudança: antes as postagens eram bobas, agora têm outro caráter.

Guria mais idiota, Ana diz e volta a ficar no escuro. Tem raiva de Carol. Se acha grande coisa só porque é mais velha. Adora ser o centro das atenções. (DILL, 2019, p. 56)

A informalidade na linguagem também é algo interessante ao se tratar de livro para adolescente ler. Na narrativa, algumas dessas marcas podem ser percebidas por meio de trocadilhos e metáforas, como na página 9, “o dedo folheia a tela”; na página 10, “A prova é amanhã, mas ela não tem tempo”; página 56, “Ana espia as fotos da irmã”, e “Guria mais idiota”; página 90, “não chega a pensar e a ponta 0,7 mm já começa um bailado inesperado”, entre outros.

Outra marca de linguagem se dá na mistura de gêneros, reforçando a ideia de que o universo do adolescente é formado de cultura miscigenada. Dill, de certa forma, entrelaça a prosa da narrativa com a linguagem poética por meio dos poemas da personagem Ana. O escritor dá aos personagens um perfil de personalidade mais próximo do jovem, em falas mais soltas, desprendidas de formalidade, com objetividade nas falas em diálogos curtos e diretos, auxiliando para uma melhor compreensão.

A linguagem da internet é uma das características que demarca o universo juvenil contemporâneo, retratando a tendência entre os jovens que vivem na era da internet, das tecnologias e dos aparatos digitais. Na narrativa, o leitor se depara com objetos e expressões próprias de sua vivência: *internet*; postagens; curtidas; *selfies*; redes sociais; seguidores; celular; *photoshop*; *live*; etc.. Aspectos da narrativa que aproximam o leitor alvo da história, envolvendo-o no enredo ao qual ele se identifica, se sentindo no tempo da leitura como parte da trama.

Algumas disposições textuais emulam a o uso do digital e da internet na narrativa, algo mais evidente no enredo de Carol, haja vista que, todas as suas cenas

acontecem com ela conectada na internet ou navegando nas redes sociais. Pode-se concretizar na análise, que a trama tem como base narrativa os ambientes virtuais, como exemplificado nos trechos abaixo:

Carol faz biquinho, a boca bem vermelha. Levanta o queixo, arregala os olhos. Estica o braço com o celular, se enquadra e tira a foto.

Nem confere, sabe que ficou bem, tem experiência. Com rápidos movimentos dos polegares, posta a imagem na sua rede social.

O número do canto da tela não se alterou de ontem para hoje: 117 seguidores. Amigas, colegas, parentes, professoras. Uma miséria, ela pensa. Está frustrada.

Acessa Veronica Burrows. Mais de 1 milhão de seguidores. O dedo folheia a tela. (DILL, 2019, p. 09)

Em outra cena, Carol navega pelos perfis que segue e interage com alguns colegas. Dill descreve o sinal sonoro emitido quando se recebe nova mensagem, emulando os aplicativos usados na realidade:

Acessa Betina Batista, a bebê. Três anos de idade e 50 mil seguidores. Sua peruinha, Carol resmunga. Corre as fotos da criança. Bebê surge com diferentes visuais, em variadas locações, sempre muito bem penteada e com o mesmo sorriso postiço.

O Sininho. Vai ver. É Fran, sua colega. Lindaaa! Aí observa as unhas e se chateia. Deveria ter feito [...].

O Sininho de novo. É Ju, outra colega. Arrasou!!! Pena ter de usar uniforme, ela lamenta. Como ser fashionista com agasalho verde e camiseta com aquele logotipo horroroso?

Mais outro alerta do Sininho. Gus, seu amigo do Rio de Janeiro, se manifesta com aplausos e corações: divaaa!!! Ele deixou Cerro Alto do Sul ano passado. (DILL, 2019, p. 11-12)

A narrativa do enredo de Carol segue até o final emulando o uso da internet pela adolescente, mimetizando a contextualização dessa parte dos jovens que vivem o tempo todo na internet e no celular, como no trecho abaixo:

Carol observar o celular. As curtidas sempre. Gus e as colegas. Quando eles postam algo, ela deixa os mesmos comentários: Linda! Amooo! Arrasou!!! E assim por diante.

Sua rotina não muda muito. Posta a foto matinal, ainda deitada, ou escovando os dentes, ou com o batom do dia. [...] No meio da manhã é a vez

da foto com cara de tédio durante a aula. As postagens e da tarde da noite geralmente são mais alegres. (DILL, 2019, p.16)

A emulação é percebida também na personagem Ticiania, narrando acontecimentos de sua rotina, como conversas com Ana acerca do término do namoro com Pedro, pela internet:

Ticiania brigou com o Pedro. Na verdade, foi o Pedro quem brigou com a Ticiania. O menino, de repente, usou menos de 140 caracteres para informar que não queria mais seguir com o namoro. Ela ligou, falou, indagou e ouviu apenas respostas evasivas e, no entender dela, completamente malucas. [...] Pirei, ela conta à Ana por mensagem. Ando muito chateada.

Em madrugada recente, as duas trocam impressões sobre suas tristezas, o rompimento, a família, as irmãs, a solidão, a falta de futuro, o medo, o espelho, a balança, várias insatisfações. (DILL, 2019, p. 23)

Da mesma forma, as duas seguem fazendo desabafos e dividindo suas angústias por conversas virtuais, assim Ticiania apresentou a prática da mutilação e por chamadas de vídeo compartilhavam dos momentos da automutilação:

A conversa prossegue em tom de desabafo até o momento em que Ticiania digita: Vou te mostrar uma coisa. E envia a foto.

Que isso?, Ana se espanta.

Fiz agora, tecla Ticiania.

Louca!

A imagem mostra o antebraço esquerdo de Ticiania. Tem meia dúzias de incisões paralelas. São cortes finos, simétricos, sanguíneos.

Isso é de verdade?

Ticiania responde postando a foto da faca de cozinha ao lado do braço ferido.

Ana pergunta se dói.

Ticiania diz que não.

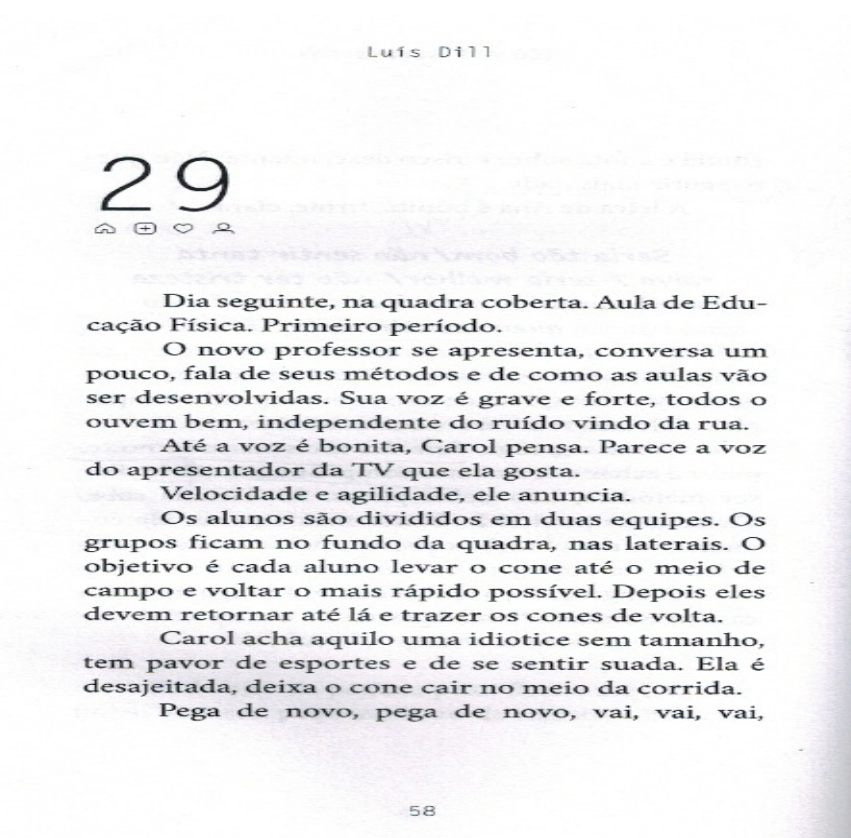
Sério? Ana duvida.

Alivia, diz a amiga. Cortar alivia. (DILL, 2019, p. 24)

O cenário ambientando o espaço virtual e do digital é constante na narrativa de *100 mil seguidores*, permeando os dois núcleos e envolvendo as três personagens. Carol é narrada o tempo todo no celular, navegando entre perfis, interagindo por meio de postagens de fotos, comentários, curtidas e conversas por meio de aplicativos de mensagens instantânea. Um dos pontos de clímax da narrativa se dá na cena de suicídio de Ticiane, que acontece no ambiente da internet, durante uma *live* com milhares de pessoas assistindo o ato em tempo real. A cena descrita tem semelhança a acontecimentos de conhecimento popular em que adolescentes também tiraram suas vidas diante de uma plateia que assistia em tempo real.

Em relação à diagramação, a obra não apresenta em sua composição gráfica elementos que se destaquem visualmente. O livro é dividido em capítulos e, logo abaixo dos números que representa, é grafado quatro ícones conhecidos das redes sociais: home; curtir; amei; adicionar, como se pode observar pelos recortes abaixo:

Figura 4 - Ícones das redes sociais

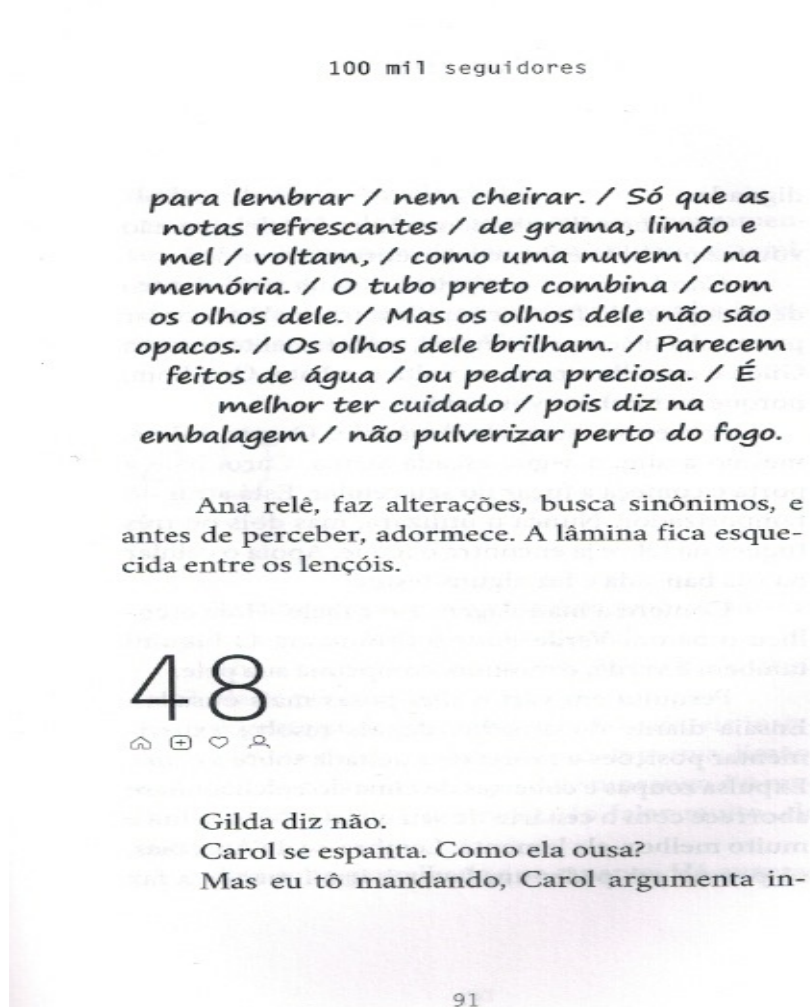


Fonte livro *100 mil seguidores* (2019)

O ícone apresentado em cada novo capítulo representa as tendências de uma literatura contemporânea, na tentativa de emulação de elementos do digital no impresso, nessa conexão direta com a linguagem da internet. Os ícones fazem alusão às ações realizadas em postagens das páginas pessoais de redes sociais, é a linguagem própria da internet codificada, ilustrada em meio a uma obra literária, um livro.

Não é um livro que traz ilustrações ou elementos de apelo visual, nem tão menos dispõe de mudanças de fontes e letras, salvo os trechos de poemas e outras frases escritos pela personagem Ana, onde é usado negrito e fonte itálico como forma de diferenciar os trechos, além da disposição da formatação dos versos.

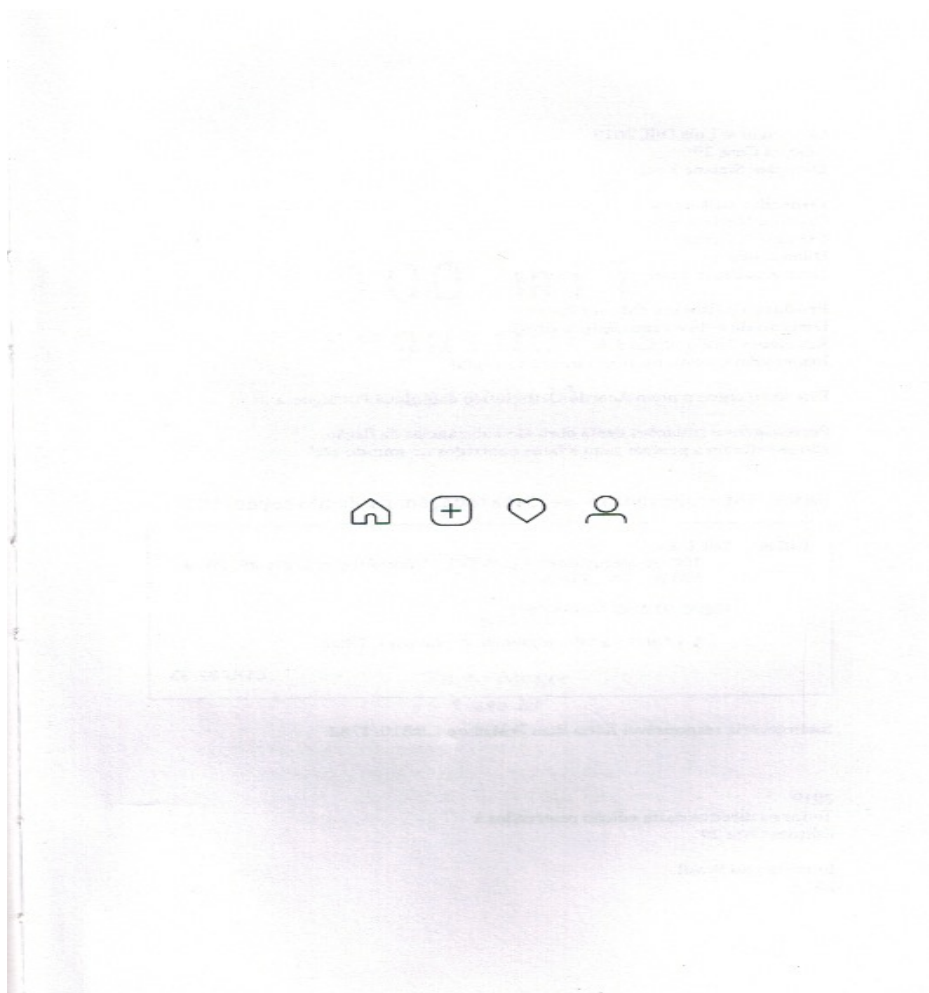
Figura 5 - Poema de Ana



Fonte livro *100 mil seguidores* (2019)

Uma outra observação que pode ser relevante para a análise, acontece na página de abertura do livro – falsa folha de rosto - e na página final, que antecede a quarta capa, que o fecha (a mesma ilustração em ambas). Trata-se da figura dos ícones que ilustram o início de cada capítulo, levando a uma possível interpretação de que se trata de uma história que iniciou e finalizou na rede social. Os ícones são disposto no centro das páginas e apresentam sua simbologia ligada à plataforma virtual *Twitter*, são ícones conhecidos dos usuários, aspectos de uma leitura não-verbal. Pode-se apontar esse elemento como uma também tentativa de emulação do digital.

Figura 6 - Falsa Folha de rosto e anterior da quarta capa



Fonte: *100 mil seguidores* (2019)

Ao analisar o emprego desses recursos artísticos, supõe-se uma tentativa de emulação do digital na composição da obra, na intenção de gerar uma estética por meio desses signos e ícones, confabulando assim um produto atualizado em relação a seu tempo, de acordo com a cultura midiática e as tendências da era pós-moderna, ou seja, desenhando na obra literária o cenário real ao qual pertence e está inserido o jovem leitor contemporâneo da literatura juvenil.

A linguagem do digital é uma forma encontrada para contextualizar a contemporaneidade e dessa forma trazer para a obra literária marcas da atualidade, comungando com o universo real do jovem, sua cultura e comportamento. É enfim uma forma de se aproximar das expectativas desse leitor, que precisa criar gosto pela leitura e o costume de ler obras destinadas à sua categoria. As temáticas exploradas nas narrativas também são pontos chaves que colaboram para que as histórias se tornem mais atrativas e convidativas à leitura. Turchi (2016) discorre acerca desse conceito.

A inovação literária reside, sobretudo, na presença de temas atuais e polêmicos, na exploração singular de múltiplos pontos de vista e de várias vozes, renovando formas conhecidas como os diários e as cartas, e na adoção de recursos extraliterários do universo digital e de suas ferramentas interativas de comunicação. (TURCHI, 2016, p. 87)

Em seus estudos, a autora apresenta seu conceito acerca dessas estratégias utilizadas por escritores e editores visando despertar esse interesse do leitor pelos produtos apresentados pela literatura juvenil pós-modernas, obras essas que necessitam estar atualizadas com as tendências do mercado, que exigem enredos inspirados e espelhados no que é a realidade da sociedade, principalmente no que diz respeito ao comportamento do jovem atual, diferente do leitor das antigas obras clássicas, que agora se encantam por histórias breves, diretas, com frases curtas e diálogos de linguagem simples. Uma das discussões da autora é ancorada nas novas gerações de escritores, que se adequam ao que o mercado demanda.

Essa nova geração de escritores de literatura juvenil tem abordado, nas obras, temas atuais polêmicos e criado soluções estéticas inovadoras na busca de estabelecer um diálogo mais próximo do leitor adolescente. A violência, as drogas, o preconceito, o bullying, a anorexia e a bulimia, a separação de pais são temas recorrentes nas narrativas juvenis, que também falam de amor, amizade, descobertas, superação e crescimento. (TURCHI, 2016, p. 87)

Nas análises realizadas em algumas obras de Dill, a autora identifica que possuem ritmo acelerado, com diálogos fortes, em capítulos curtos, num conjunto de recursos visuais e tecnológicos, que demarcam bem a atualidade nas características literárias dessa geração. Maria Zaira Turchi (2016) rotula Luis Dill como um escritor dessa nova geração, que corresponde com as exigências do mercado em suas obras. A análise da personagem Carol aponta fortes características de tentativa de emulação do digital na obra impressa. O autor constrói uma conexão entre o universo da internet em todas as ações da personagem, que ao contrário de Ana e Ticiane, que usam mais aplicativo de conversas instantâneas, é uma pessoa extremamente tecnológica e dependente das redes sociais. Luis Dill emprega a emulação do digital ao recorrer ao uso de capítulos curtos; orações simples e na linguagem empregada na narrativa. Tais recursos possibilitam intencionalmente a criação de uma obra estética capaz de despertar o interesse e a identificação desses leitores jovens, preenchendo suas expectativas como leitores.

Ao analisar a capa do livro, percebe-se que tem fundo preto, é dividida por uma faixa central, de cor amarela onde é grafado o nome do autor acima, o título da obra em fonte maior, centralizado abaixo e o emblema da editora no canto inferior esquerdo. No canto direito dessa faixa amarela, ilustrado também em cor preta, apresenta-se uma figura de um gato, representando a mascote da família, em cima de um móvel e um vaso de planta ao lado.

Nota-se na ilustração que atrás do felino existe uma janela com uma paisagem marcada por plantações e uma casa ao longe, representando a vida no campo, ou a tranquilidade da vida interiorana, espaço da narrativa.

Figura 7 - Capa do livro 100 mil seguidores (2019)



Fonte página da editora Casa29

Sobre a totalidade da capa, na vertical direita, traça-se uma listra de cor marrom, lembrando um elástico usado para fechar diários, fazendo alusão ao diário escrito por Ana para relatar suas angústias e descrito pelo narrador no decorrer da narrativa: “Ana costuma anotar pensamentos na sua caderneta preta de capa de papelão com os cantos arredondados e elástico de fechamento. O elástico é marrom. As páginas na cor marfim” (2019, p.15). Da mesma forma, o livro também é um relato de frustrações, angústias, tristezas que permeiam a vida das três adolescentes.

A representação do digital fica a cargo exclusivamente da narrativa e do enredo da história, não trazendo em sua composição gráfica elementos visuais que façam uma aproximação com o universo da internet. O título *100 mil seguidores*, à primeira

vista, podem levar o leitor a várias interpretações e suposições a respeito do que se trata a obra.

No que se relaciona como influência do digital na narrativa (ou tentativa de emulação), é ressaltado parte considerável do enredo ambientado no universo digital da internet. A personagem Carol e seu uso constante da internet e de redes sociais com suas práticas frenéticas de postagens, curtidas e seguidores. A dependência tecnológica estabelecida por essa prática, causando assim o uso desenfreado de *smartphone*, perdendo-se a noção de limite entre o presencial e o virtual. Um dos exemplos que se pode apontar é a indignação de Carol ao ter seu aparelho de celular recolhido pela professora durante as aulas de Geografia.

Outra marca de representação do digital acontece em uma cena em que Carol, após um rompante em perceber que suas roupas estavam começando a ficar repetitivas e seus *looks* sem muita novidade, exige de sua mãe, imediatas compras de roupas novas em Porto Alegre, cidade vizinha mais próxima de Cerro Alto do Sul e de maior polo comercial. Tendo seu pedido negado pela mãe, devido à escassez de tempo por causa do trabalho, a garota realiza através do pagamento com cartão de crédito dos pais, sem a devida permissão, a compra de suas roupas rapidamente em loja virtual. Sinais da contemporaneidade, da tecnocracia, da praticidade de fazer quase tudo hoje em dia através da internet. Fato esse que recebe da personagem um próprio comentário sobre a facilidade de se comprar pela internet.

Conforme apontado acima, a comodidade que a internet pode disponibilizar ao cotidiano dos indivíduos, na história contada por Dill (2019), depara-se com a realidade enfrentada nos lugares periféricos, interioranos, mais afastados dos grandes centros urbanos onde a totalidade da vida cibernética ainda não teve domínio. Exemplo é a reclamação de Caroline em uma passagem em que lamenta que os serviços de *fast food* não atendem sua região. Além da demora na entrega de suas compras devido ao afastamento urbano.

100 mil seguidores (2019) é uma obra presente com a atualidade, que conversa com o jovem, que representa a contemporaneidade, costumes e cultura, escolar e familiar, num cenário que retrata o universo do adolescente, seus anseios, frustrações e conflitos, utilizando linguagem própria informal do jovem adolescente, em expressões simples, de fácil entendimento por eles. Além de recursos artísticos de emulação do digital e linguagem da internet, com elementos que fazem parte da

sua rotina. Os diálogos são rápidos, em períodos curtos, orações simples. Os capítulos também são curtos, de leitura rápida e dinâmica, com mudanças entre os núcleos, amarrando os enredos e criando a produção de sentidos entre um capítulo e outro, assimilando as histórias de cada personagem. A narrativa rápida é uma forma de identificação com o jovem leitor que é adepto de leituras breves e diretas, uma forma de engajamento, de trazer o leitor para a obra e conquistá-lo, criando o gosto pela leitura.

A obra analisada é concebida especificamente para o público jovem, sendo estruturada com o propósito de captar o interesse do leitor típico da literatura juvenil. Para isso, utiliza como pano de fundo os cenários familiar, urbano e escolar, contextos com os quais o jovem está inserido. Além disso, reflete o comportamento associado à sua cultura, espelhando seus anseios, angústias e problemáticas. Verifica-se a mimetização da contemporaneidade, trazendo para discussão questões sobre o uso das tecnologias, o universo virtual, a linguagem mais próxima do jovem, como cenário de suas ações. *100 mil seguidores* é uma obra atual, que leva à reflexão certos comportamentos de determinada camada do público jovem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da função social da literatura juvenil em retratar acontecimentos e episódios comportamentais da vida cotidiana do jovem no cenário ficcional, as temáticas atribuídas às narrativas abordam os mais diferentes tipos de conflitos sociais e de violências, tanto urbanas, atreladas à vivência em sociedade, quanto ligadas aos conflitos familiares, de base mais íntima e velada por se tratar de culturas familiares. Esses conflitos envolvem fatores psicológicos decorrentes de traumas, que muitas vezes se refletem em seus conflitos internos, na luta constante por adequações e posicionamento a variadas culturas, nas mais diversas formas de expressão e comportamento perante toda uma sociedade. A literatura juvenil desempenha, portanto, um papel relevante ao abordar essas questões, permitindo que os jovens leitores encontrem identificação e reflexão sobre suas próprias experiências e desafios sociais, familiares e psicológicos.

O cenário real da sociedade atual é uma junção de episódios isolados ou conjuntos que envolvem a vida do jovem adolescente, expostos a situações constantes de violências, injustiças, misérias, discriminações, falta de valores éticos. Além disso, os jovens enfrentam o desafio do distanciamento de uma estrutura familiar, o campo mais afetado diante da revolução na rotina do cidadão contemporâneo, ligada ao aceleração da vida tecnológica. Essas condições colocam os adolescentes em um contexto complexo e desafiador, impactando significativamente suas experiências e desenvolvimento ao longo dessa fase crucial da vida.

Diante das análises realizadas neste presente trabalho, cabe ressaltar que, ao se tratar de especificidades da literatura juvenil, Luis Dill é um escritor à frente do seu tempo, estudioso e investidor da literatura juvenil, sempre antenado às mudanças sociais que surgem de tempos em tempos. Um escritor que anda de mãos dadas com as novidades do mercado editorial e tem olhos voltados inclusive aos avanços da tecnologia, à cultura cibernética de massa, ao universo da internet e ao comportamento do jovem adolescente. É um artista e empresário que apresenta uma histórica carreira que vem se moldando a todas as evoluções e processos mudanças que o mercado editorial teve de se submeter para estar a par das exigências e novidades culturais desde o advento da internet no decorrer da década de 90.

Por fim, conclui-se neste trabalho, por meio da análise da obra *100 mil seguidores*, analisando e discutindo os casos em que se observa o espelhamento da vida contemporânea em sua história literária ficcional, numa narrativa diretamente escrita e pensada para a linguagem do jovem adolescente, tratando de temas tabus fraturantes de forma natural e espontânea, sem mistificações e distante de qualquer forma apelativa que poderia ser considerada lição de moral ou tentativa de induzir o adolescente à prática dos atos descritos em seu enredo.

Constata-se que a narrativa aborda temas e especificidades próprias do jovem contemporâneo, dos costumes e cultura pertencente à sua era midiática, à sua vivência em família e sociedade, enfrentando seus fantasmas, suas aflições e frustrações mais íntimas, os conflitos e problemáticas próprias dessa fase transitória e tão delicada da adolescência.

100 mil seguidores é um livro que fala do jovem para o jovem. Uma obra literária que abre espaço para futuros estudos, análises e diferentes apontamentos críticos, possibilitando a demais pesquisadores a exploração dos temas abordados e outros apontamentos que não foram tratados neste presente trabalho de contribuição para um maior entendimento da literatura juvenil, em seu papel, focado sempre analítico, crítico e reflexivo, focado sempre na formação do jovem leitor.

Até o momento da realização deste trabalho, não foi encontrado nenhuma pesquisa com aprofundamento teórico sobre a obra lançada por Luis Dill em 2019. Os trabalhos de conclusão de curso, tendo como corpus *100 mil seguidores*, corroboraram com o ponto de vista dos autores em alguns pontos específicos. Para tanto, foi necessária uma análise mais detalhada de sua estrutura narrativa, ancorado na teoria de Candido (2011) no que tange ao gênero textual romance e aos conceitos apontados pelo teórico para que uma obra literária tenha bases fundamentais para a construção de uma narrativa eficaz e verossímil.

Espera-se que a presente dissertação seja um instrumento de auxílio para futuras pesquisas tanto sobre as temáticas analisadas, quanto as teorias aplicadas para sua realização.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aline Barbosa de. **A literatura juvenil de Luís Dill (1965): o estético e o social na narrativa contemporânea**. 2021. 347 f. Tese (Doutorado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/204174>. Acesso em 12/02/2023.

ALMEIDA, Jéssica Beatriz de. PALMA, Moacir Dalla. **A violência social em contos de Rubem Fonseca**. Letras, (61), 277-296. 2020. <https://doi.org/10.5902/2176148542914> (Original work published 15º de junho de 2021). Acesso em 15 de junho de 2023.

ASSIS, Emanuel Cesar Pires de. SILVA, Keury Carolaine Pereira da. **A violência em Capão Pecado: um olhar de dentro**. In: Violência e escrita literária [recurso eletrônico] / organizadoras Ivete Lara Camargos Walty e Terezinha Taborda Moreira. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020. E-book (290 p.: il.). (Páginas 100-127

Bauman, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. tradução José Gradel. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 1999 Tradução. Acesso em: 08 de maio de 2023.

_____. [Et al.] **A Personagem de Ficção – (Coleção debates) 12 ed**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes**. 3. ed. São Paulo: Humanitas. FFLCH/USP, 1999.

_____. **O direito à literatura**. In: **Vários escritos**. 3. ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires. **Literatura infantojuvenil: diálogos entre a cultura impressa e a cibercultura**. Revista do Programa de pós-graduação em letras da Universidade de Passo Fundo – v.6 n.2- p. 154-169. 2010

CECCANTINI, João Luís. **Uma estética da formação**: vinte anos de literatura juvenil premiada (1978/1997). 2000. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

_____. **Conflito de gerações, conflito de culturas**: um estudo de personagens em narrativas juvenis brasileiras e galegas. Letras De Hoje, 45(3).2010.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global. 2003.

_____. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução Laura Sandroni – 1 ed. – São Paulo: Global, 2017.

CRUZ, Lais Marotto da. **100 mil seguidores sob a perspectiva analítica**. Orientador: Raoni Schimitt Huapaya. TCC (Graduação) Instituto Federal do Espírito Santo, Licenciatura em Letras Português, Campus Venda Nova do Imigrante. 28 f. Venda Nova do Imigrante -ES, 2023.

CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia**: um convite. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Sombras da cidade**: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 21, p.33-53, 2003. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2200/1757>>. Acesso em: 08 fev. 2023.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Versão Eletrônica. Coletivo Periferia, São Paulo, 2003.

DEVES, Maristela Scheuer. **Entrevista com Luis Dill**. Revista Samizdat. 2009. Disponível em: <http://www.revistasamizdat.com/2009/09/entrevista-com-luis-dill.html>. Acesso em: 12/02/2023

DILL, Luís. **Biografia**. <http://www.luisdill.com.br>: Visita em: 16/07/2019

_____. **100 mil seguidores**. Casa 29. 104 p. Porto Alegre, 2019.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FAJARDO, Andressa. **Luís Dill e a narrativa para jovens**: O gênero policial. Maringá: UEM, 2014. Disponível em <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4151>. Acesso em 12 de fev. de 2023.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **As máscaras da cidade**. Revista da USP, v. 05, p. 3-10, 1990.

FERREIRA, Eliane Ap. Galvão R.; VALENTE, Thiago A. "Literatura e juventude: o juvenil no contexto brasileiro. " In: BRANDILEONE, Ana Paula F. N.; OLIVEIRA, Vanderléia da S. (orgs.). **Desafios contemporâneos**: a escrita do agora. São Paulo: Annablume, 2013, p.135-160.

FRIEDMAN, Norman. **O PONTO DE VISTA NA FICÇÃO**: O DESENVOLVIMENTO DE UM CONCEITO CRÍTICO. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 53, p. 166–182, 2002. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i53p166-182. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/33195>.. Acesso em: 1 set. 2024.

HAHL, Bruno Rodrigues. Org. **A influência das redes sociais nas relações interpessoais**. Colégio Mãe de Deus, Revista Eletrônica. Volume 4, setembro de 2023. Disponível em: <https://laiss.ensp.fiocruz.br/public/outra-producao/a-influencia-das-redes-sociais-nas-relacoes-interpessoais.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2024.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira. História & Histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

_____. **Para conhecer a literatura infantil brasileira:** histórias, autores e textos. In: Um Brasil para crianças. 3ª ed. São Paulo: Global, 1988.

LIRA, Layane Maria dos Santos Batista. **O contemporâneo na literatura:** Temas fraturantes na infância. Monografia de Conclusão de curso. Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. João Pessoa, 2021.

LUFT, Gabriela. **A literatura juvenil brasileira no início do século XXI:** autores, obras e tendências. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 36. Brasília, julho-dezembro de 2010, p. 111-130.

PEREIRA, Eder Rodrigues. **ESPAÇO URBANO E VIOLÊNCIA NA NARRATIVA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.** Línguas & Letras, [S. l.], v. 12, n. 22, 2000. DOI: 10.5935/rl&l.v12i22.6069. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/6069>. Acesso em: 15 jul. 2023.

RÊGO, Zilda Letícia Goulart Pereira. **Do livro ao computador, do computador ao livro:** sedução ou renovação? In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luis. (Org.). **Teclas e dígitos.** Leitura, literatura & mercado. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 25-33.

RESENDE. Beatriz. **Contemporâneos:** expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura:** perspectivas, questões, autores. 2ªed. Porto Alegre, Sulina: 2013. [Coleção Cibercultura].

SCHOLLHAMMER, Karl Erick. **Além do visível:** o olhar da literatura. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

_____. **Ficção brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SENCOZSKI, Antonio C. (Org.) **Luis Dill:** O escritor radialista. In: **A história das estórias:** Um recorte da produção literária nacional, seus autores e ilustradores. Bibliotecarte. 2021. Editora MOOD, volume 2.

SILVA, Aline Santos e; SCHMIDT, Vlória Zenkner. **Autolesão na adolescência: transbordar da dor na pele**, in jornada “Caminhos da Dor” da SBP de PA, em setembro de 2019. *Psicanálise*, Porto Alegre, 21 (2), 17-28, 2019

SILVA, Marley Guedes da. O uso do aparelho celular em sala de aula. Monografia. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Federal do Amapá. 51 p. Macapá, AP, 2012. Disponível em: <https://www2.unifap.br/midias/files/2016/04/O-USO-DO-APARELHO-CELULAR-EM-SALA-DE-AULA-MARLEY-GUEDES-DA-SILVA.pdf>. Consulta em: 28 de agosto de 2014.

TURCHI, Maria Zaira. **Narrativas juvenis: a inovação literária em busca do leitor. FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária**, [S. l.], n. 17, p. 81–92, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/29410>. Acesso em: 2 fev. 2024.

VITAL, Gabriela Rocha. **Como alcançar “100 mil seguidores”: juventude mutilada em obra de Luís Dill**. Orientadora: Daniela Maria Segabinazi. TCC (graduação) UFPB/CCHLA – 44 f. João pessoa, 2023

Zilberman, Regina. **O PAPEL DA LITERATURA NA ESCOLA**. *Via Atlântica*, 1(14), 2008. 11-22. <https://doi.org/10.11606/va.v0i14.50376>. Acesso em 14/02/20223